

Revista **Teopraxis**

v. 39, n. 133, Jul./Dex./2022 ISSN on-line: 2763-5201

METODOLOGIAS TEOLÓGICO- PASTORAIS



T314

Revista Teopraxis, vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA, 1984 -v.39
- n°133, Jul.-Dez./2022. Semestral.

ISSN:1677-860X versão impressa (descontinuada)

ISSN:2763-5201 versão eletrônica

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-ITEPA

Catálogo na fonte: Bibliotecária Valderes de Rezende - CRB 10/2588

EQUIPE EDITORIAL

Diretoria do Itepa

Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Diretor Executivo

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Vice-Diretor Executivo

Dr. Pe. Clair Favreto - Administrador – Tesoureiro

Ms. Pe. Jair Carlesso – Secretário

Editor chefe

Dr. Pe. Clair Favreto - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Comissão editorial

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Ms. Selina Maria Dal Moro - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Dr. Pe. Rogério Luiz Zanini - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Dr. Regiano Bregalda - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Conselho Editorial

Dr. Claudio Almir Dalbosco - Universidade de Passo Fundo - UPF

Dr. Edivaldo José Bortoleto - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Dr. Frei Luis Carlos Susin - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Dr. Leandro Luis Bedin Fontana - Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt, Alemanha)

Dra. Maristela Dal Moro - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dr. Pe. Leo Konzen - Instituto Missioneiro de Teologia - IMT

Dr. Pe. Ivanir Antonio Rampon - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Ms. Pe. Jair Carlesso - Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Revisão de linguagem

Dr. Pe. Clair Favreto

Eunice Maria da Silva

Editoração

Edimar Scopel

Contato

Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa

Rua Senador Pinheiro, 350

Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS

CEP: 99070-220

Telefone: (54) 3045 6272

Email: itepafaculdades@gmail.com

Site: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis>

SUMÁRIO

Editorial.....	4
-----------------------	----------

Rogério L. Zanini

ENTREVISTA

Metodologia Pastoral: Entrevista com Agenor Brighenti.....	6
---	----------

ARTIGOS

Fraternidade e educação: A Campanha da Fraternidade numa abordagem freiriana do método Ver-Julgar-Agir.....	10
--	-----------

Fraternity and Education: The Fraternity Campaign in a Freirean Approach to the See-Judge-Act Method

Rogério L. Zanini e Humberto Maiztegui Gonçalves

Reflexões sobre a Metodologia Catequética: um caminho de aproximação, escuta e presença.....	19
---	-----------

Reflexions about the Catechetical Methodology: a path of approximation, listening and presence

Maria Aparecida Barboza e Paulo Cesar Gil

Metodologia para uma leitura popular feminista da bíblia.....	30
--	-----------

Methodology For a Popular Feminist Reading of the Bible

Mercedes de Budallés Díez

A teologia na prática de José Comblin: da escuta à escrita.....	41
--	-----------

The theology in José Comblin's practice: from listening to writing

Lucy Terezinha Mariotti

Dom José Gomes e a metodologia popular dos Grupos de Reflexão na Diocese de Chapecó-SC.....	50
--	-----------

Dom José Gomes and the popular methodology of Reflection Groups in the Diocese of Chapecó-SC

Tiago Arcego da Silva

A Metodologia Histórico-Evangelizadora.....	61
--	-----------

The Historical-evangelizing Methodology

Ivanir Antonio Rodighero e Ivanir Antonio Rampon

Desafios da pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana no contexto neoliberal.....	72
---	-----------

Challenges of Transformative Pastoral Care Based on Benincá Praxis in the Neoliberal Context

Altair Alberto Fávero e Antônio Pereira dos Santos

A Pastoral Operária no Brasil: Uma descrição a partir da Doutrina Social da Igreja sobre as pastorais sociais.....	81
---	-----------

The Workers' Pastoral in Brazil: A description from the Social Doctrine of the Church in the Social Pastorals

Elvis Rezende Messias


RESENHA

Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização: A Itepa Faculdades e o protagonismo do Pe. Elli Benincá.....	96
--	-----------

Selina Maria Dal Moro

* Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Especialista em Metodologia Pastoral pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) e em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo.

E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>

EDITORIAL

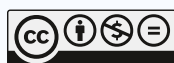
Rogério L. Zanini
Organizador

A Revista Teopraxis tem alegria de colocar à disposição dos leitores seu Volume 39, número 133 de 2022. A temática versa sobre metodologias teológico-pastorais e testemunhos metodológicos na evangelização. Mais e mais se fortalece a consciência de que a metodologia não é instrumento, ou técnica, mas se constitui em uma espiritualidade. Assim descrevem os bispos nas Diretrizes Gerais da Ação evangelizadora no Brasil 2019-2023: “em todas as propostas, como pano de fundo, deve estar presente a ideia do processo como método e como mística” (n. 204).

É no bojo desta consciência da importância da metodologia nos processos de evangelização que se originam os artigos reunidos deste dossiê. Por isso, o leitor terá alegria de apreciar uma entrevista com o teólogo e pastoralista brasileiro Agenor Brighenti. A entrevista versa sobre algumas questões pertinentes, em relação à metodologia e sua relação com a espiritualidade que é a novidade proveniente do Papa Francisco com o processo da sinodalidade, bem como os desafios para a missão da Igreja no contexto marcado pelas involuções eclesiais, e como a conjuntura atual está perpassada pelo negacionismo da ciência sobre a fome de mais de trinta milhões de brasileiros que delata o cinismo dos satisfeitos.

No dossiê dos textos, o leitor encontrará vários textos na perspectiva metodológica. O Bispo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil Humberto Maiztegui Gonçalves e o padre Rogério L. Zanini assumem a tarefa de retomar o método ver, julgar e agir, considerando sua abordagem no âmbito da campanha da fraternidade sobre a educação. Segue, um artigo da Maria Aparecida Barboza destacando a metodologia catequética no processo e sua importância na Iniciação à Vida Cristã (IVC). A IVC é basilar para a renovação da missão da Igreja, no que se refere à transmissão da fé às novas gerações, tendo como base uma metodologia no horizonte da *Pedagogia da Presença* que propõe itinerários e processos como caminhos de aproximação, encontro com a Pessoa, com a Palavra de Deus e com a Comunidade. Na mesma trilha, se encontra outro artigo de autoria da biblista Mercedes de Budallés Diez, destacando a importância da metodologia popular feminista da Bíblia. Uma metodologia que considere a realidade de todos os interlocutores, não somente os masculinos. Entrar no mundo bíblico com a leitura das suspeitas e das intencionalidades presentes nas narrativas bíblicas é fundamental. Por isso, a leitura feminista assume uma perspectiva política, porque procura novas respostas visando justiça nas relações de gênero, de raça, de classe, de geração e de religião.

Nos quatro artigos seguintes encontraremos reflexões metodológicas alicerçadas no legado de três pessoas (*in memoriam*),



Pe. José Comblin, Dom José Gomes e Pe. Elli Benincá, que deixaram um legado da importância da metodologia teológica. A reflexão primeira é da irmã Lucy Terezinha Mariotti que recorda a teologia na prática de José Comblin, com seu método da escuta à escrita. Para Mariotti esta reflexão de Comblin é muito necessária para perceber em seu método como a teoria e prática estão interligadas, como duas faces da mesma moeda. A escuta ativa com a caneta na mão fez deste teólogo um missionário aberto a encontrar e conviver em novos espaços, atento aos “sinais dos tempos” que inspiraram práticas ousadas sempre ligado aos pobres. Urge refazer este caminho para a Igreja entrar na ciranda missionária e profética como tem escrito e testemunhado Papa Francisco. O jovem Tiago Arcego da Silva se encarrega do segundo artigo, no qual analisa a metodologia popular dos grupos de reflexão na Diocese de Chapecó/SC, a partir do legado do Bispo Dom José Gomes. Bispo inserido junto com o seu povo, buscou renovar a eclesiologia assumindo com inteireza o Concílio Vaticano II (1962-1965), Medellín (1968) e a Teologia da Libertação. É um Bispo de fronteira que abriu a Igreja para as realidades sociais como exigência do Evangelho, protagonizando a conscientização das pessoas através da formação integral. Um dos elementos nodais desta herança, está no seu trabalho inovador proveniente da metodologia dos grupos de reflexão. Dimensão eclesial singular na formação e libertação das consciências do povo do Oeste de Santa Catarina. Em seguida, um terceiro artigo, vem da colaboração do professor Altair Fávero (UPF) e seu orientado de mestrado Antonio dos Santos: *Caminhos e desafios para uma pastoral transformadora num contexto de mudanças: indicativos a partir da práxis benicaniana*. A preocupação dos autores, é refletir o conceito de neoliberalismo, apontando críticas ao novo modelo que afeta as relações sociais, imputando sobre os sujeitos, uma nova forma de agir, que se configura na lógica mercantil e concorrencial. Ora, contra a razão neoliberal e no intuito de abrir caminhos favoráveis de mudanças, apontam a pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana, que contribui sobremaneira para a construção da coletividade, consciência de uma formação humanizadora e de práticas solidárias, em vista da promoção do bem comum. O quarto e último artigo, é oriundo de dois professores da Itepa Faculdades, Pe. Ivanir A. Rampon e Ivanir A. Rodighero. Preocupam-se com a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE), como marca que vem acompanhando o fazer teológico desta instituição ao longo dos seus 40 anos de existência. O constante desafio de refletir a dimensão eclesial, sem descuidar da vida das comunidades com seu protagonismo e valores para o insumo teológico.

Como desafios pastorais, o presente número da revista, contempla um artigo de Elvis Rezende Messias: *Pastoral Operária no Brasil: Uma descrição a partir da Doutrina Social da Igreja sobre as pastorais sociais*. A reflexão tem por objetivo contribuir para que a pastoral operária no Brasil seja mais conhecida e compreendida dentro do âmbito mais abrangente do que hoje se chama de pastoral social. Temos que reconhecer os déficits de estudo desta temática no contexto atual na vida eclesial. Momento em que aumenta a opressão e o desmonte dos direitos dos trabalhadores/as. “Administrai a justiça e livrai o explorado da mão do opressor” (Jr 21,12).

Fecha esta revista uma bela resenha do livro, recentemente, lançado pela Itepa Faculdades: *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização*, organizados pelos professores da Itepa Faculdades, Pe. Ivanir A. Rodighero e Selina Maria Dal Moro. Segundo Moro, esta resenha tem por objetivo oferecer aos leitores da revista Teopraxis indicativos sobre a história da Itepa Faculdades e sobre o protagonismo do professor e primeiro diretor desta casa de formação teológico-pastoral, o Pe. Elli Benincá.

Fazemos votos de que todos e todas apreciem as diferentes reflexões e consigam impulsionar sempre mais a vida e a missão da Igreja. Boa leitura.

ENTREVISTA

Revista Teopraxis

v. 39, n. 133, Passo Fundo,

p. 6-9, Jul./Dez./2022,

ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i133.139

* Agenor Brighenti é doutor em Ciências Teológicas e Religiosas na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), especializado em Pastoral Social e Planejamento Pastoral pelo Instituto Teológico-Pastoral do Celam (Medellín) e licenciado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Tubarão, SC). Foi perito do Celam na Conferência de Santo Domingo e da CNBB em Aparecida.

E-mail: agenor.brighenti@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9399-2621>

METODOLOGIA PASTORAL

Entrevista com Agenor Brighenti*

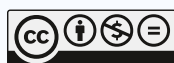
“*A pastoral dá o que pensar*” é o título de uma das obras escritas pelo teólogo e pastoralista brasileiro Agenor Brighenti. Essa concepção está em consonância com a ideia de que a pastoral configura a razão de ser da Igreja, uma vez que ela existe para ser continuadora da missão de Jesus e seu Reino. A pastoral enquanto desencadeamento da prática de Jesus ocupa lugar fundamental na vida eclesial e este é um dos motivos que nos conduziu a refletir essa temática nesta edição da revista.

A Revista Teopraxis, ao longo de sua trajetória, ocupou-se em fazer ecoar a reflexão teológica a partir da realidade, visto compreender que boas teorias são gestadas no seio da vida eclesial. É nessa perspectiva que os temas sobre Metodologia Pastoral e processos de evangelização recebem um destaque especial nesta edição.

É um prazer para nós podermos estabelecer essa interlocução mais direta a partir de questões articuladas ao dossiê da revista e às pesquisas desenvolvidas por Brighenti. Por isso, as questões colocadas ao autor versam sobre a metodologia, a espiritualidade, a sinodalidade – novidade proposta por Francisco, os desafios para a missão da Igreja no contexto marcado pelas involuções eclesiais, a conjuntura atual perpassada pelo negacionismo da ciência, a fome que assola mais de trinta milhões de brasileiros etc.

1 Quais os principais elementos da metodologia participativa? Qual o modelo eclesial que esta metodologia combate?

Método não é apenas uma técnica. Dele fazem parte conteúdo e também o sujeito. No âmbito da ação pastoral, a metodologia precisa conjugar Evangelho, realidade e comunidade eclesial. Como a mensagem evangélica aponta para a fraternidade intra e extra eclesial em um contexto marcado pela injustiça e a exclusão, uma metodologia a de planejamento pastoral precisa ser uma pedagogia de comunhão e de conversão à realidade. Ela contribui para a superação do modelo de Igreja centralizado no padre e na paróquia massiva e sacramentalizadora, a pastoral de conservação, expressão de uma Igreja autorreferencial, assim como do modelo eclesial espiritualizante e apologético, a pastoral coletiva, em uma postura hostil frente a um mundo que supostamente conspira contra a Igreja. Não há conversão ao Evangelho sem conversão à realidade e à comunhão fraterna, pois evangelizar é antes de tudo não ignorar e nem impor. Daí os princípios da metodologia participativa: intervenção de todos, discernimento comunitário, decisão partilhada e ação desconcentrada.



2 Qual a relação entre metodologia participativa e a espiritualidade do seguimento de Jesus?

Seguimento de Jesus é continuação de sua obra, o Reino de Deus. É colocar-se atrás dele, como discípulo. É colocar-se no caminho dele, pois ele é o Caminho. É ir fazendo acontecer a transcendência “na” imanência da história, na precariedade do presente, sempre impregnado de eternidade, por mais contraditório que seja. A metodologia participativa também põe as pessoas a caminhar, pois privilegia o processo aos resultados. Mais importante que buscar resultados é colocar-se no caminho, é fazer processo, pois deste depende um bom resultado. Sobretudo porque o Evangelho pede a eficácia da fé, que passa pela cruz, e não a eficiência ou o êxito a todo preço, que é a meta de uma cultura mercadológica. O Papa Francisco tem frisado que o tempo é superior ao espaço. O processo ao sucesso. O tempo do Evangelho é *kairós* e não *chronos*, pois o fim está no caminho. Na escatologia cristã o fim não está no final (*chronos*), mas na antecipação do fim no caminho (*kairós*).

3 Comente qual a relação: pastoralizar a teologia e teologizar a pastoral?

O lugar da teologia não é a academia. Enquanto inteligência reflexa da ação da Igreja no mundo, seu lugar natural é o caminhar da comunidade eclesial, inserida profeticamente na sociedade. A teologia é um “momento segundo” (reflexão) de um “momento primeiro” (a práxis pastoral). Uma boa teologia não cai do céu, brota da realidade. A teologia precisa ter, necessariamente, uma dimensão pastoral. Uma teologia que não se articula na pastoral não serve para a Igreja e se não for uma pastoral inserida no mundo, não serve para a humanidade. É sal que perdeu sua força e só serve para ser pisado e descartado. Por outro lado, a pastoral não é um receituário de ações pragmáticas e pontuais, de práticas isoladas. Enquanto encarnação do Reino de Deus, pressupõe uma fé vivida, consciente e conseqüente com seu contexto. A fé não é um ato “da” razão, mas precisa ser um ato “de” razão para ser razoável, longe de fanatismos, digna do ser humano, a quem Deus se propõe e não se impõe. Uma pastoral sem teologia é pragmatismo amador, sem profissionalismo, sem ciência, sem poder dar razões ao que se faz.

4 Que relação tem a sinodalidade com a metodologia e os processos de planejamento pastoral?

Sinodalidade é o *modus vivendi et operandi* da Igreja, o modo da Igreja viver e agir. Infelizmente, nem sempre e nem em todo lugar é assim. Ainda há resquícios, quando não há vigência, de uma Igreja configurada no binômio *clero-leigos* e não no binômio *comunidade-ministérios*. Prova disso, é o clericalismo ainda reinante, de clérigos e de leigos clericalizados, com o agravante da cópia ser sempre pior que o original. Em uma Igreja piramidal, alguns planejam “para” os outros executarem, no exercício de um poder-dominação. Já em uma Igreja sinodal, o sujeito do planejamento é a própria comunidade eclesial, no exercício de um poder-serviço. Na Igreja, os ministros ordenados não têm o monopólio do poder, pois este não deriva do sacramento da Ordem, mas do sacramento do Batismo. Daí o sonho do Papa Francisco, expressado no Sínodo da Amazônia, de “uma cultura eclesial marcadamente laical”. No primeiro milênio, reinava um princípio genuinamente sinodal: “o que diz respeito a todos, deve ser discernido e decidido por todos”. O planejamento participativo se caracteriza por algo parecido: “quem não participou do processo de tomada de decisão, não tem nenhuma obrigação de participar no processo de execução”.

5 A pandemia revelou muitas mazelas no seio social, uma multidão de invisíveis. Como Igreja, o que podemos aprender com a pandemia?

Não perder de vista o real da realidade, em um mundo que tende a virtualizar a realidade. O negacionismo da ciência mata e explica porque o Brasil com 3% da população mundial tenha tido 12% dos mortos. A fome de mais de trinta milhões de brasileiros delata o cinismo dos satisfeitos. Estão associados terraplanistas, negação da vacina, armamentismo, homofobia, machismo, ultraliberalismo, autoritarismo, fundamentalismo religioso e autodenominados de direita contra a esquerda, dita comunista. A ideologia cega, corrói a liberdade e o senso crítico, torna massa de manobra, aposta em messianismos e torna incapaz de conviver com os diferentes e de aprender com as diferenças. Uma boa parte dos católicos no Brasil está nesta fileira, resultado de três décadas de involução eclesial em relação à renovação do Vaticano II, que precederam o atual pontificado. Temos o refluxo de modelos de pastoral de um passado sem retorno, o encolhimento da pastoral social e da inserção profética da Igreja na sociedade, assim como os preconceitos contra as comunidades eclesiais de base e o fortalecimento do catolicismo pentecostal, que contribuíram para o deterioro da cidadania, um grande desafio a reverter.

6 O que metodologicamente diz o processo de escuta sinodal proposto pelo Papa Francisco? Em que consiste sua novidade?

Uma Igreja sinodal é a Igreja da renovação do Vaticano II que, por sua vez, é uma “volta às fontes” bíblicas e patrísticas, das quais a Igreja do segundo milênio havia praticamente perdido de vista. O que o Papa Francisco está fazendo, apoiado em Aparecida e na tradição libertadora da Igreja na América Latina, é retomar o Concílio. O que parecia uma batalha perdida, transforma-se em uma esperança renovada. A grande chaga é o clericalismo, o ponto de estrangulamento da sinodalidade, que voltou com força, na esteira de uma re-sacerdotização¹ do presbítero, que o Vaticano II havia superado. Por sua vez, o clericalismo tem subjacente a sacerdotização do próprio cristianismo, que historicamente adquiriu o perfil de uma religião sacrificial, com o presbítero transformado em sacerdote separado do povo e reduzido a uma função cultural e fonte de todo poder. Cristianismo não se conjuga com clericalismo, que tem no batismo a fonte de todos os ministérios. A novidade do Papa Francisco é a coragem de desencadear um processo de sinodalização da Igreja de baixo para cima, a partir das Igrejas Locais, situando a colegialidade episcopal no seio da sinodalidade eclesial, inclusive o Primado. O processo vai exigir a superação de uma Igreja piramidal, com uma conseqüente mudança de estruturas e do perfil dos ministérios ordenados, para dar lugar a uma Igreja toda ela ministerial, na radical igualdade em dignidade de todos os ministérios.

7 Quais caminhos e métodos seriam necessários para a juventude se sentir mais atraída e acolhida pela igreja neste tempo novo que estamos vivendo?

Mais que o futuro, a juventude já é o presente da Igreja e da sociedade. Ela vive tempos difíceis: de triunfo do indivíduo solitário, que põe em crise o compromisso

1 A rigor, o cristianismo não tem “sacerdotes” tal como no judaísmo e nas religiões do mundo greco-romano. O que no antigo Povo de Deus eram funções de “classes” religiosas distintas – sacerdotes, profetas e reis – no novo Povo de Deus, pelo Batismo, todo cristão passa a fazer parte de um povo todo ela profético, régio e sacerdotal, o denominado *tria munera ecclesiae*. Entretanto, quando o memorial da Páscoa se torna “sacrifício”, começa um processo de “sacerdotização” do cristianismo, que será hegemônico na Igreja do segundo milênio. A liturgia se clericaliza, passando a ser celebrada somente pelo “sacerdote”, de costas para o povo, num presbitério (o “Santo dos Santos”) separado da nave do templo de onde os leigos assistem. O Vaticano II, em sua volta às fontes, des-sacerdotizou o cristianismo e o presbítero. Para o Concílio, dado que pelo Batismo o Povo de Deus constitui um povo todo ele profético, régio e sacerdotal (LG 31), na Liturgia, o ministro ordenado preside uma assembleia toda ela celebrante. Com isso, o padre deixa de ser chamado “sacerdote”, pois é um presbítero que preside uma assembleia toda ela sacerdotal.

comunitário; de encolhimento da utopia no momentâneo, que leva ao presentismo ou ao pragmatismo docotidiano; de crise da racionalidade e da ciência, com tendência a pautar-se pelas sensações na inesgotável experimentação do presente; de busca de segurança diante da sensação de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, porta aberta para agarrar-se à falsa segurança do emocionalismo e do fundamentalismo, etc. Não por nada, a juventude se tornou mais conservadora, tanto na Igreja como na sociedade. É preciso ajudá-la a superar uma possível visão retrospectiva e catastrófica da realidade, condição para a tessitura do risco, a única garantia do futuro. É mais próprio do jovem uma visão prospectiva da história, que faz da esperança uma virtude ativa, capaz de criar o novo, que sempre vem da periferia.

8 A quais fatores se deve o não avanço na diversificação dos ministérios na Igreja, que praticamente não evoluíram desde 1970?

Um deles é a visão fossilizada da Tradição, que é tradicionalismo, pois, como diz o Vaticano II, a “tradição” progride, é viva, continuamente precisa ser redefinida para poder ser suporte a uma ação evangelizadora, que necessita responder aos desafios de cada contexto e de cada época. Como dizia Dom Hélder, “a Igreja precisa mudar muito, continuamente, para ser sempre a mesma Igreja de Jesus Cristo”. Junto com o tradicionalismo está o medo de avançar, de inovar, de criar. O medo exagera o perigo, cria monstros, profetas de calamidades, paralisa, faz retroceder e agarrar-se às velhas seguranças do passado. Somos depositários de uma fé abraâmica, uma fé pascal, de travessia e não do aconchego de um porto seguro ou de uma tenda no Monte Tabor. Mas, somente os livres inovam e criam, estão habitados pela esperança. No tradicionalismo há medo dos leigos e de suas organizações; medo das mulheres e de seu jeito diferente de ver a verdade; medo do exercício de um poder democrático, que eliminaria o magistério; medo de padres casados e com família; medo dos cristãos se engajarem no mundo e secularizar sua fé, etc. Entretanto, desconfiar dos outros é desconfiar de Deus, pois como discípulos de Jesus Cristo, o primeiro ato de fé é confiar nele que confiou em nós.

9 Na obra “O Novo Rosto do Clero”, o senhor comenta sobre a pastoral para os “padres novos” em novos tempos. Quais são os influxos, delineamentos e perspectivas pastorais a partir de um novo modo de ser dos novos presbíteros?

“Padres novos” não é uma categorização meramente cronológica. Há padres ordenados recentemente, assim como padres da geração passada, que estão alinhados à renovação do Vaticano II, que reconciliou a Igreja com o mundo moderno e a situou no seio da sociedade, em uma postura de diálogo e serviço. Mas, também há padres da geração anterior e padres ordenados nas últimas décadas que tomam distância da renovação conciliar e da tradição libertadora da Igreja na América Latina. A diferença é que a maioria dos padres recém-ordenados está entre estes últimos. Vai de encontro ao que acontece com os jovens também na sociedade, assim como com outros segmentos da Igreja e da sociedade. Por um lado, os “padres novos” mantêm um relacionamento mais próximo com o povo, usam mais os meios de comunicação modernos na evangelização; por outro, têm especial apreço a um perfil mais sacerdotal do presbítero, com grande esmero nas alfaías litúrgicas e trajes clericais; estão mais inclinados ao estilo de uma vida cômoda, que usufrui de todas as benesses de uma sociedade de consumo e tecnificada, etc. Isso tem levado na experiência religiosa, ao deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Ao mesmo tempo que se deve estar abertos a acolher as novidades que trazem, o grande desafio é ajudá-los a descobrir a renovação do Vaticano II, pois são eles os que estão melhor posicionados para fazer uma “segunda recepção” do Concílio no novo contexto em que vivemos.

ARTIGOS

Revista Teopraxis

v. 39, n. 133, Passo Fundo,


p. 10-18, Jul./Dez./2022,

ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i133.107


* Padre da Diocese de Chapecó/SC. Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Especialista em Metodologia Pastoral pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) e em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo.

E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>

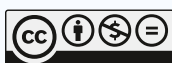
** Possui graduação no Instituto Superior de Educação Física de Uruguai (1986), graduação em Teologia - Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (1990), mestrado em Teologia (2001) e doutorado em Área de Concentração Bíblia (AT) pelas Faculdades EST (2005). Atua como professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana em Exegese e Hermenêutica, Antigo e Novo Testamentos, Questões de Gênero, Interpretação Bíblica decolonial.

E-mail: humbertox@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4720-8282>

Recebido em 19/07/2022

Aprovado em 17/10/2022



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO

A Campanha da Fraternidade numa abordagem freiriana do método Ver-Julgar-Agir

FRATERNITY AND EDUCATION

The Fraternity Campaign in a Freirean Approach to the See-Judge-Act Method

Rogério L. Zanini*

Humberto Maiztegui Gonçalves**

Resumo: O presente texto, tomando por substrato o método *Ver-Julgar-Agir*, busca analisar como esta metodologia continua desafiando e contribuindo como chave para uma leitura crítica dos contextos, especialmente no desafio de suplantar o senso comum, e com isso, contribuir para a superação de leituras limitadas e alienantes. Partindo dos referenciais teórico-bibliográficos, elegemos aspectos do método *Ver-Julgar-Agir* julgando sua implicância, tendo em vista um processo educativo crítico e uma evangelização que tenha como alicerce a prática de Jesus. Como conclusão se afirma que o método *Ver-Julgar-Agir*, depois de ter passado por crises e aplausos no percurso da história da Igreja, ganha com o pontificado do Papa Francisco uma atualização na Tradição da Igreja.

Palavra-chave: Método. Educação. Paulo Freire. Transformação.

Abstract: The present text, taking as substrate the See-Judge-Act Method, aims to analyze how this methodology continues to challenge and contribute as a key to a critical reading of the contexts, especially in the challenge of overcoming common sense and, with that, contribute to overcoming limited and alienating readings. Based on theoretical-bibliographic references, elements of the See-Judge-Act Method were chosen judging their implication with a view to a critical educational process and an evangelization that has as a foundation the practice of Jesus. In conclusion, it is stated that the See-Judge-Act Method, after having gone through crises and applause in the course of Church history, with the Pontificate of Pope Francis, gets an update on Church Tradition.

Keywords: Method. Education. Paulo Freire. Transformation.

INTRODUÇÃO

Embora não faça referência diretamente, ao método *Ver-Julgar-Agir* na proposta da Campanha da Fraternidade de 2022¹, o Secretário Executivo das Campanhas da Fraternidade, Pe. Patriky Samuel Batista, ao apresentar a proposta para a 58ª Assembleia Geral da CNBB, afirmou que o percurso da Campanha acontece dentro do método do *ver* na perspectiva de escutar; o *agir* segue no caminho do propor; e o *julgar* volta o olhar para o discernimento.²

Neste artigo não se tem a pretensão de avaliar as vantagens, ou retrocessos na variação proposta para este método na Campanha da Fraternidade. O objetivo principal é abordar esta temática tendo por norte o referido método, quando aplicado na educação, a partir de Paulo Freire, e deixar para quem adentrar na leitura e reflexão deste artigo fazer o discernimento de até que ponto a presente proposta proporcionou que se ampliassem ou se alargassem as possibilidades de análises, aprendizados e práxis. Em decorrência, e sendo fiéis à proposta, o próprio método de abordagem no presente texto, se fixará no caminho do *Ver-Julgar-Agir*.

1 O MÉTODO VER-JULGAR-AGIR E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CARDIJN A FREIRE

Lopes em seu artigo: “O Método Ver-Julgar-Agir: genealogia e sua relação com a Teologia da Libertação”³, explana como surge este método, partindo dos “Escritos da prisão de *Saint-Gilles* em 1917”, toma forma na visão profético-vocacional do Padre Joseph Cardijn, e se consolida como prática eclesial na *Mater et Magistra* (João XXIII) e no Vaticano II (*Gaudium et Spes*) (Paulo VI). Sua escolha e utilização pelos grupos de Juventudes Operárias Católicas (JOC) nos anos 70 e seguintes, serviu para evidenciar “realidades concretas e suas dificuldades, passando pela iluminação das mesmas por meio do Evangelho, para se chegar às ações concretas de transformação”.⁴ No mesmo artigo, o autor ressalta o resgate e a aplicação deste método também dentro do Movimento de Educação de Base (MEB), impulsionado por Paulo Freire e Miguel Arraes, em 1961 – antes mesmo da realização do Vaticano II – dando lugar ao Movimento de Cultura Popular em Recife. Neste sentido, Lopes afirma:

Nas alturas da década de 1960, a Ação Católica no Brasil estava consolidada e tinha reaproximado de um jeito esperançoso a Igreja da Escola (instituição), fazendo com que a caminhada eclesial levasse em conta de novo o apelo evangélico de ser pobre entre os pobres. Esta caminhada deu frutos libertadores tanto na Igreja como na Escola, até meados de 1990⁵.

Assim, o método empregado para a conscientização e ação evangélica no meio operário e popular se mostra, mesmo antes de sua adoção oficial pelo Magistério da Igreja, um instrumento capaz de popularizar – socializar – o processo de ensino aprendizagem sendo o próprio povo (especialmente os mais pobres e excluídos dos processos educativos dominantes) alçado a sujeito de transformação social e cultural.

1 Tema: Fraternidade e Educação e o Lema: “Fala com sabedoria, ensina com amor” (cf. Pr 31,26).

2 Campanha da Fraternidade 2022: Fraternidade e Educação. 9 de fevereiro de 2022. Disponível em: [3 Antonio de Lisboa Lustosa LOPES e Cassiano A. PERTILE, O Método Ver-Julgar-Agir. *Razão e Fé*. p.34-43.](https://cffb.org.br/campanha-da-fraternidade-2022-fraternidade-e-educacao/#:~:text=A%20proposta%20foi%20apresentada%2C%20na,de%20Campanhas%20da%20CNBB%2C%20Pe. Acesso em 8 de junho de 22. No texto base, número 141 encontra-se na verdade uma referência explícita à tríade, porém, “reinventando” (como se tem feito na América Latina) os passos do método. “Escutar, discernir e agir. Eis o caminho que a campanha da Fraternidade nos apresenta este ano”.</p>
</div>
<div data-bbox=)

4 Antonio de Lisboa Lustosa LOPES e Cassiano A. PERTILE, O Método Ver-Julgar-Agir. *Razão e Fé*. p.35.

5 Antonio de Lisboa Lustosa LOPES e Cassiano A. PERTILE, O Método Ver-Julgar-Agir. *Razão e Fé*. p.36.

O Movimento de Educação de Base, cuja atuação permanece até hoje, mantém o método Ver-Julgar-Agir dentro dos seus princípios, demonstrando, por meio desta sua capacidade de articular, no processo educativo, questões como:

Construção de uma sociedade justa e ética, (...) conscientização e vivência da cidadania e participação social, (...) participação social e comunitária nas políticas públicas, (...) educação de jovens e adultos na perspectiva da metodologia ver, julgar, agir, sintonizada com os princípios filosóficos do educador Paulo Freire. (...) inclusão de homens e mulheres no mundo do trabalho e na sociedade da informação⁶.

Em que pese o longo caminho já percorrido e o decurso do tempo, as origens e o desenvolvimento do método Ver-Julgar-Agir, continuam sendo objeto de ampla discussão e tema de diversos artigos e trabalhos monográficos, inclusive obras dedicadas exclusivamente a ele⁷.

1.1 VER: as barreiras que impedem uma educação libertadora

Quando se propõe ver, nos termos do método “Ver-Julgar-Agir”, se objetiva ir muito além da superfície do “senso comum”, isto é, daquilo que está posto, ou dado pelas “coisas-como-são”. Trata-se de munir-se de um “olhar”, uma “percepção” crítica, para “ver” além do que as aparências demonstram ou se mostram, caso contrário, as possibilidades transformadoras permanecerão ocultas atrás dos muros da exclusão. Exemplo típico e muito atual, trata-se do surgimento das chamadas pessoas “invisíveis” da população brasileira durante o tempo da pandemia. Por que estas pessoas não eram até aquele momento lembradas ou visibilizadas no Brasil?

Nesta direção, basta ressaltar a observação que os Bispos do Brasil fizeram recentemente: o rechaço aos pobres, não contribui para a civilização do amor e fere a fraternidade universal. Na Mensagem ao Povo Brasileiro na 59ª Assembleia Geral da CNBB, os bispos atentamente profetizam dizendo que o “quadro atual é gravíssimo. O Brasil não vai bem! A fome e a insegurança alimentar são um escândalo para o País, segundo maior exportador de alimentos no mundo, já castigado pela alta taxa de desemprego e informalidade”. Na sequência, neste mesmo parágrafo, denunciam que “num sistema voraz de ‘exploração e degradação’ notam-se a dilapidação dos ecossistemas, o *desrespeito com os direitos dos povos indígenas*”⁸.

Por isso, quando o “ver” ganha contornos de problematização da realidade, logo se percebe outras dimensões até então ocultas, ou mesmo ocultadas por diferentes mecanismos sociais, políticos e mesmo religiosos. Faz perceber a premente importância e a necessidade do desenvolvimento de uma visão crítica da sociedade e dos seus mecanismos ideológicos. A visão de Paulo Freire, em “Educação como prática da liberdade”, expressa o potencial desconstrutor e transformador desta percepção crítica dizendo:

Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático, quanto mais ligado às condições de sua circunstância. Tanto menos experiências democráticas que exigem dele o

6 Movimento de educação de base (MEB). Metodologia. Disponível em: <https://www.meb.org.br/metodologia/>. Acesso em 8 de junho de 22.

7 Deixamos algumas referências para quem deseja aprofundar esta temática: Jorge Boran. *O senso crítico e método ver, julgar, agir*. Editora Loyola, 1977; Alfredo Piso. *Ver-Julgar-Agir: ensaio de teologia pastoral*. Edições, 1991; Antônio de Lisboa Lustosa Lopes e Jorge Luis Gomes Bonfim. *Ver-Julgar-Agir: a leitura pastoral de Francisco*. Editora Saber Criativo, 2022.

8 CNBB, *Mensagem ao Povo Brasileiro*, 59ª Assembleia Geral da CNBB, “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-povo-brasileiro-fe-esperanca-compromisso-vida-brasil/>. Acesso em 11 de maio de 2022. (Grifo nosso).

conhecimento crítico de sua realidade, pela participação nela, pela sua intimidade com ela, quanto mais superposto a essa realidade e inclinado a formas ingênuas de encará-la. As formas ingênuas de percebê-la. A formas verbosas de representá-la. Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutem superficialmente os assuntos⁹.

Com esta visão – superando as maneiras e visões ingênuas ou do senso comum - é perceptível o quanto o povo brasileiro precisa avançar nos direitos elementares conquistados e garantidos pela própria Constituição Brasileira. O sistema educativo brasileiro nunca conseguiu refletir o que a Constituição de 1988 sonhou ao proclamar em seu Artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Ainda mais se, nesta percepção crítica são colocados os princípios da realização desta meta constitucional, a saber:

I– igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II– liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III– pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV– gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V– valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; VI– gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII– garantia de padrão de qualidade; VIII– piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (Art. 205).

Por isso, pode-se perguntar: Houve, desde 1988, avanços importantes e significativos neste sentido? Quais? Quais barreiras de exclusão começaram a ser derrubadas? Quais os instrumentos de participação popular, social e profissional foram construídos e impulsionaram esses avanços? Chegaram a ser aferidos ou percebidos resultados concretos? Qual foi o alcance desses resultados, a que parcela da população alcançou? E o que mais podia e deveria ter avançado?

Mas também, e dialeticamente, será necessário questionar se houve retrocessos, perdas, estagnações, ameaças, restrições e repressões em relação ao que foi previsto e determinado na Constituição, ainda vigente, de 1988, e o que, a partir dela, foi construído, alcançado e sofreu avanços. Como identificar essas novas barreiras e empecilhos? De onde surgem? Quais são as forças antagônicas que não permitem que se consolide uma educação que é direito de todas as pessoas e dever do Estado? Por que estas forças contrárias ao acesso universal à educação como um direito se sentem ameaçadas e tentam impedir que esta realidade se consolide? Qual é a educação que está sendo proposta e colocada em prática, no lugar daquela desenhada no texto constitucional?

Certamente haverá uma diversidade de percepções, de hipóteses e respostas, mas também - por ter um ponto de partida comum – interessa promover a convergência para o encontro das pessoas que realmente almejam juntar e concretizar os conceitos de “fraternidade” e “educação” e participam, em diversos lugares de atuação social, da realidade que se vive hoje no Brasil.

Este “ponto de partida” do método, nas palavras de Paulo Freire, faz com que as pessoas:

9 Paulo FREIRE, *Educação como prática da liberdade*, p.94-95.

se identifiquem como seres que caminham para frente (...) como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique o movimento permanente (...) que é histórico e quem tem seu ponto de partida, o seu sujeito e o seu objetivo¹⁰.

Desta forma, o *ver* é o encontro inicial que compromete com a realidade, como processo histórico, identificando o que une as pessoas como participantes – militantes – de um processo de construção coletiva e democrática. Em decorrência, esta forma de *ver* a partir da realidade dos “marginalizados”, dos “insignificantes ou “invisíveis” como nos referimos acima possibilita identificar um problema comum. O *ver* é isso. Não no sentido de *ver* todos os problemas, mas aqueles que se apresentam mais evidentes em contextos ou lugares de fala e de vida (como afirma na exegese bíblica, em nossos “lugares vivenciais”). Então sim, surge o diálogo que não joga para “soluções”, mas “saídas” ou “êxodos” (do latim “ex” – para fora - e “hodos” – caminhos).

Neste caminho de êxodo nasce a consciência de que nem sempre existe clareza quanto ao ponto de chegada. Aí vale aquela frase atribuída ao escritor uruguaio Eduardo Galeano, sobre o horizonte, que ele atribui a um filósofo argentino anônimo: “Para que serve a utopia? A utopia é como o horizonte, serve para caminhar”. Portanto, o *ver* deve proporcionar duas coisas: o ponto de partida (formulação do problema) e a direção (hipóteses, sonhos, utopias, horizontes). Assim, desconstrói-se a paralisia e o medo gerado pela tragédia da violência e da morte e se delinea e reconstrói coletivamente o caminho do reencontro, o diálogo e a partilha.

Neste sentido é relevante observar que o Papa Francisco tem reiterado a defesa da “cultura do encontro” (FT 30), porque é precisamente uma cultura do encontro que pode fornecer a base para um mundo mais unido e reconciliado. Somente esta cultura pode levar a uma justiça sustentável e à paz para todos, bem como a um autêntico cuidado pela Casa Comum. Segundo a teóloga Maria Clara Bingemer, a intenção do Papa “é combater a indiferença que prevalece em todos nós, a superficialidade das relações, buscar um encontro verdadeiro e profundo com o outro”. A teóloga sintetiza o que deseja Francisco com a cultura do encontro.

Para que isso ocorra é preciso acreditar no outro; acreditar que ele ou ela tem algo bom para mim, para me ajudar a crescer, para viver plenamente, para dar a minha medida como ser humano, como filho de Deus. É preciso estabelecer um diálogo com homens e mulheres para entender suas expectativas, suas dúvidas, suas esperanças, e para oferecer o Evangelho que é Jesus Cristo. Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado. Este desafio exige uma profunda atenção à vida, exige sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo bom para dizer, aceitar seu ponto de vista, as suas propostas. O diálogo não significa desistir das ideias e tradições. O Papa deixa claro que a experiência do encontro envolve diferenças e cresce com elas. No encontro com o outro que é diferente de nós podemos aprender muito e enriquecer toda a igreja e a sociedade, a partir da experiência e a perspectiva do outro.¹¹

Dentro deste universo percebe-se a importância do *ver* e suas implicações que incidirão nos passos seguintes do método.

10 Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.48-49.

11 Maria C. BINGEMER. A cultura do encontro. *Revista Dom*. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/6709/30/05/a-cultura-do-encontro/>. Acesso em 12 de junho de 22.

1.2 JULGAR: critérios para a construção da educação democrática

A percepção crítica da realidade requer um instrumental que permita a apreensão desse processo de construção coletiva e democrática. Também exige critérios (do grego *krités*, que significa *julgar*, que pode ser entendido como aquela pessoa habilitada para julgar). De certa forma, o *ver* despertou o que Paulo Freire fala de “consciência” e esta nova relação, ou “intencionalidade transcendental” que para com a realidade exigirá critérios adequados para fazer desta “consciência”, uma “consciência crítica”.

A intencionalidade transcendental da consciência permite-lhe recuar indefinidamente seus horizontes e, dentro deles, ultrapassar os momentos e as situações, que tentam retê-la e enclausurá-la. Liberta pela força de seu impulso transcendentalizante pode volver reflexivamente sobre tais situações e momentos, para julgá-los e julgar-se. Por isto é capaz de crítica. A reflexividade é a raiz da objetivação¹².

O *julgar* exigirá do sujeito ou do grupo a ampliação e aprofundamento daquilo que foi suscitado no *ver*. Consequentemente, sempre será necessária a contribuição e utilização das ferramentas técnico-científicas. O científico, neste sentido, não se torna mais normativo, ou impositivo, mas orgânico, pois está a serviço da consciência, ou da percepção da realidade daquelas pessoas que são sujeitos dos processos de transformação de uma determinada realidade opressora ou desumanizadora. Como saber instrumental, o *julgar* oferece ferramentas desta análise.

Para Alfredo J. Gonçalves, em seu artigo sobre a Campanha da Fraternidade 2022, existem três entraves de caráter histórico e estrutural que impedem o Brasil de oferecer os direitos ao conjunto da população: a desigualdade social, o descaso do atual governo diante da cultura e o preconceito racista e excludente.

No caso da desigualdade social, o país caminha com um peso de chumbo atado aos próprios pés. Trata-se da discrepância que, historicamente, vem cavando um fosso cada vez mais fundo entre a base e o pico da pirâmide socioeconômica. O círculo vicioso dessa situação desigual revela-se extremamente perverso e difícil de romper. A condição de pobreza extrema impossibilita o acesso integral à rede pública de educação. Sem estudo, sem diploma e sem capacitação profissional, permanece cerrada a porta para o mercado de trabalho, o que, por sua vez, levanta sérios obstáculos a outros direitos, como a habitação, a saúde, o transporte, etc. Perpetua-se desse modo a condição de exclusão social¹³.

Sob o critério do *julgar* se percebe, diante dos três elementos destacados pelo Alfredo J. Gonçalves, o quanto as mudanças são necessárias, principalmente na educação pública, visto que as diferentes realidades educacionais sofrem influência direta das desigualdades sociais locais e podem até acarretar problemas de alfabetização. Surge a questão: como os educadores analisam este contexto e como eles influenciam nos processos educativos?

Paulo Freire em muitas de suas obras, mas particularmente no livro “Pedagogia da Autonomia”, destaca que um dos elementos norteadores da prática educativa da escola é promover o desenvolvimento global e harmonioso à luz dos valores sociais, despertando e estimulando o educando para a verdade, a justiça, o respeito e a solidariedade. Esse ideal da instituição vai ao encontro da formação e das concepções educacionais de Paulo Freire, que crê na educação autêntica como o caminho necessário para a justiça e a paz. Desta

12 Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.9.

13 Alfredo J. GONÇALVES, *Campanha da Fraternidade 2022*. Disponível em: <https://crbnacional.org.br/campanha-da-fraternidade-2022/>. Jan. 6. 2022.

forma, para Freire, a escola deve estar pautada em um modelo de “pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando”.¹⁴ Nas palavras de Freire, nas diferentes realidades educacionais, a prática docente deve procurar aguçar a curiosidade dos educandos, principalmente por meio de pesquisas na troca de saberes. No ensino/aprendizagem por meio das atividades lúdicas, o conteúdo interage com os objetivos a serem trabalhados no momento oportuno. Na troca de saberes entre o professor e os educandos, estes constroem e reconstróem seus saberes desenvolvendo sua autonomia. “Os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”¹⁵.

Este mesmo problema se revela nos processos de evangelização. Desde a América Latina e Caribe, a Teologia da Libertação percebeu que ao *julgar* a realidade com os valores do Evangelho, precisava superar os abismos entre as classes sociais. Na visita ao Brasil, do Papa Bento XVI, no ano de 2007, por motivo da Conferência de Aparecida, referendou a opção pelos pobres e denunciou o crescente distanciamento “entre pobres e ricos e se produz uma inquietante degradação da dignidade pessoal com a droga, o álcool e as sutis miragens de felicidade”¹⁶.

A pergunta feita por Gutiérrez, anos atrás (2003), de “*onde dormirão os pobres?*” segue ainda atual e ela deve ser pronunciada insistentemente como denúncia profética, pois a existência de estruturas de pobreza, o aumento do número de pobres em nossas cidades e entornos, com vários rostos, como disse o Documento de Aparecida, rostos que doem em nós (DAp 407-430), exige de nossa parte uma postura crítica pela teologia, uma postura de denúncia à sociedade e às estruturas religiosas que não se posicionam de maneira firme contra esta realidade.

1.3 AGIR: a fé que age pelas obras (Tg 2,20)

O *agir* está intrinsecamente ligado ao conceito de “práxis” em sua forma germinal, isto é, como “palavra-ação”. Para Paulo Freire, “produzida pela ‘práxis’, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte (...). Palavra que diz e transforma o mundo”.¹⁷ Em termos teológicos, o *agir* é a encarnação do *julgar*, dentro do *ver*. De certa forma, se fecha o círculo hermenêutico, comprometendo essas pessoas como sujeitos de um processo de intervenção e transformação da realidade.

A primeira questão, em termos da luta por essa “educação”, cujos critérios foram analisados no *julgar*, é quais são as pessoas que se apresentam como sujeitos do processo. O “senso comum” pode levar a visualizar o círculo “docente-discente”, ou, um pouco mais ampliado, o conjunto das pessoas cujas atividades profissionais são exercidas no meio educativo (incluindo funcionários e funcionárias das mais diversas áreas) e, ainda mais ampliado, os núcleos familiares dos e das estudantes. Mas, se olharmos para a proposta freiriana de “desvelamento” ela sempre é aberta, destinada não apenas a uma parte do processo de transformação (seja esta a educação), mas ao processo como um todo a partir desta parte. Segue Freire:

Aqui, propriamente, ninguém desvela o mundo ao outro e, ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros, é preciso que estes se tornem sujeitos do ato de desvelar. O desvelamento do mundo e de si mesmas, na práxis autêntica, possibilita às massas populares a sua adesão¹⁸.

14 Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p.16.

15 Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p.26.

16 Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de conferência do Santuário de Aparecida – discurso (13 de maio de 2007).

17 Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.13.

18 Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*, p.104.

As pessoas vinculadas aos processos educativos são sujeitos de um desvelamento transformador de todas as massas populares e estas, por sua vez, de toda a sociedade humana. Portanto, o *agir* não pode ser centrípeto (de fora para dentro), mas centrífugo (de dentro para fora), fazendo com que as diferentes práxis de ensino-aprendizagem convirjam no grande exercício de todos os direitos.

Segundo o teólogo e filósofo Ellacuría, a “apreensão da realidade” precisa desdobrar-se em três dimensões: levar em “consideração a realidade” (dimensão intelectual), “responsabilizar-se pela realidade” (dimensão ética) e “encarregar-se da realidade” (dimensão praxica)¹⁹. E Jon Sobrino acrescenta uma quarta: “deixar-se levar pela realidade” (dimensão da graça)²⁰.

Este caminho conduz certamente ao mundo das vítimas, dos samaritanos, da mulher que ia ser apedrejada, dos “invisíveis” do povo brasileiro; e, também, a descobrir os salteadores, opressores que continuam fazendo vítimas no mundo atual. A partir deste diagnóstico praxico aparece uma fé que busca dar razões de sua esperança fazendo acontecer o reinado de Deus. Da mesma forma, irrompe um seguimento de Jesus com a missão de *descer da cruz os pobres crucificados*. Em outras palavras, se conhece o Pai ao fazer o Seu Reino. Assim, a fé ganha em densidade histórica, os pobres e injustiçados tornam-se sujeitos e protagonistas, porque são libertados, o Reino cresce como grão de mostarda, combatendo o antirreino os cegos *veem* “outro mundo possível” e todos entram na ciranda do *amor até doer*. Dor que parece estranha quando conectada com um Deus abstrato e distante dos dramas humanos, mas natural, no entanto, quando se convive com os pobres e excluídos, porque testemunham um amor mais forte do que a morte. *Um Deus de rosto curtido, de mãos calejadas...* e disposto a chorar a dor e o sofrimento como uma mãe que lamenta e geme as dores dos filhos e filhas. Para lembrar o que já dissemos: “Deus que ‘sofre no sofrimento’”.

É exigência do processo metodológico sua circulação constante, ou seja, trata-se de uma perspectiva fundamental do método. Dimensão enfatizada pelo teólogo Luiz C. Susin: “como é uma trindade em círculo, cada mediação influencia hermeneuticamente a outra”. Esse círculo de mediações desestabiliza “quem está convicto de que ideias elaboradas em gabinete mudam unilateralmente o mundo, esta metodologia é julgada não só ingênua, mas perigosa e heterodoxa, até porque quem pensa e quem governa pela doutrina perde a hegemonia do controle da realidade”²¹.

CONCLUSÃO

O objetivo desta reflexão foi retomar aspectos do método *Ver-Julgar-Agir* no sentido de interligar, ou propor a interface entre a educação e evangelização no contexto da proposta da Campanha da Fraternidade. Desta simples abordagem, perceber ou dar-se conta de como este método continua interpelando e influenciando os contextos eclesial e educacional em que estamos imersos.

Por isso, este método conduz e interpela a retomar com assiduidade a dimensão da educação e da evangelização como caminhos que se cruzam e se exigem à luz das verdades da fé, pois ambas desejam a transformação do mundo – Casa Comum para a humanidade. Falar de educação e de evangelização é falar de humanidade, como disse o Papa Francisco na *Laudato Si'*: “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de

19 I. ELLACURÍA, *Escritos teológicos I*. 1ª ed. San Salvador: UCA, 2000.

20 Jon SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p.18.

21 Luiz C. SUSIN, *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos*, *Voices EATWOT*, v.36, p.31.

comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida” (LS 213).

A Campanha da Fraternidade, especialmente quando vista sob a ótica de Paulo Freire, revigora o sentido transformador da educação. Exige que todas as pessoas envolvidas nos processos de ensino-aprendizagem se tornem sujeitos históricos. O método *Ver-Julgar-Agir* quando entrelaçado dentro do círculo hermenêutico, é capaz de despertar o sentido transformador e libertador dos processos educativos e de evangelização.

Este método que já sofreu por ostracismos no percurso da história, particularmente como crítica à Teologia da Libertação, ressurgiu mais uma vez como “sal” e “luz” para temperar e iluminar a concretude do reino de Deus nesta hora tão macabra da história brasileira e da humanidade. Método que atualmente ganha relevância e status teológico no pontificado do Papa Francisco. Ele tem utilizado com tranquilidade e sem medo este método, inclusive reformulando nos termos de “contemplar-discernir e propor”²².


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BINGEMER, Maria C. A cultura do encontro. *Revista Dom*. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/6709/30/05/a-cultura-do-encontro/>. Acesso em 12 de junho de 22.
- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2022*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/campanha-da-fraternidade-2022-foi-apresentada-aos-bispos-reunidos-em-assembleia/>. Acesso em 15.03.2022.
- CNBB. *Mensagem ao povo brasileiro*. 59^a. Assembleia Geral da CNBB. “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-povo-brasileiro-fe-esperanca-compromisso-vida-brasil/>. Acesso em 11 de maio de 2022.
- Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 18.03.2022.
- ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos I*. 1^a ed. San Salvador: UCA, 2000.
- FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- FRANCISCO. *Laudato Si'*. Vaticano: Imprensa Vaticana, 2015.
- FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*. O caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONÇALVES, Alfredo J. *Campanha da Fraternidade 2022*. In: Conferência dos Religiosos do Brasil. Disponível em: <https://crbnacional.org.br/campanha-da-fraternidade-2022/>. Jan. 6. 2022. Acesso em: 4 de maio de 2022.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* 3.ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa e PERTILE, Cassiano A. *O Método Ver-Julgar-Agir: genealogia e sua relação com a Teologia da Libertação*. *Revista Razão & Fé*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, V. 22, N. 2/2020. p. 33-43). Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/download/2897/1748/9472>. Acesso em 15.03.2022.
- MEB. *Movimento de Educação de Base*. <https://www.meb.org.br/metodologia/>. Acesso em 16.03.2022.
- SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos*. Teologia da Libertação, 40 anos. *Voices. EATWOT*, v. 36, ed. 4, Oct/Dec 2013. p.25-34.

22 FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*, p.153.


* Religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria; Conselheira geral da Animação Missionária na Congregação; Mestre em Teologia Bíblia, especialista em pedagogia-catequética; doutoranda em Teologia na PUC-RS; membro do grupo de reflexão bíblico-catequética (GREBICAT) da CNBB e coordenadora da Iniciação à Vida Cristã na arquidiocese de Porto Alegre. Tem experiência nas áreas: Bíblia, Catequese e Teologia Pastoral.

E-mail: barboza.icm@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5025-7486>

** Presbítero da Arquidiocese de São Paulo, formado em Teologia e Pedagogia, especialista em Psicopedagogia e Terapia Familiar Sistêmica. Assessor para a Animação Bíblico-Catequética na Arquidiocese de São Paulo. Professor convidado em escolas regionais, diocesanas e universidades.

E-mail: ppaulogil17@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6072-4818>

Recebido em 06/07/2022

Aprovado em 15/08/2022

REFLEXÕES SOBRE A METODOLOGIA CATEQUÉTICA

um caminho de aproximação,
escuta e presença

REFLEXIONS ABOUT THE CATECHETICAL METHODOLOGY

a path of approximation,
listening and presence

*Maria Aparecida Barboza**

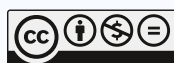
*Paulo Cesar Gil***

Resumo: A metodologia catequética parte da pedagogia divina e tem por princípio a fidelidade à Palavra de Deus e à realidade da experiência humana. A transmissão da fé às novas gerações requer uma metodologia catequética processual. Os desafios do nosso tempo, exigem uma metodologia no horizonte da *Pedagogia da Presença* que propõe itinerários e processos como caminhos de aproximação, encontro com a Pessoa, com a Palavra de Deus e com a Comunidade. Uma metodologia que vai além do estabelecer metas e objetivos, mas que considere a realidade dos interlocutores, as ciências pedagógicas e a psicologia das idades e que favoreça um processo interativo de amadurecimento na fé, de experiência do encontro com Jesus Cristo, da pertença comunitária e do compromisso social.

Palavras-chave: Metodologia. Catequese. Escuta. Pedagogia da presença.

Abstract: The catechetical methodology is based on divine pedagogy and has, as its principles, fidelity to the Word of God and the reality of human experience. The transmission of faith to new generations requires a procedural catechetical methodology. The challenges of our time demand a methodology that be within the scope of the Pedagogy of Presence, which proposes itineraries and processes as paths of approximation, encounter with the person, with the Word of God and with the Community. Such methodology goes beyond establishing goals and objectives, taking into account the reality of its interlocutors, the pedagogical sciences and the psychology of the ages; thus fostering an interactive process of maturation in, and within, the faith, of experiencing the encounter with Jesus Christ, of community belonging and of social commitment.

Key-words: Methodology. Catechism. Listening. Pedagogy of Presence.



INTRODUÇÃO

Falar da metodologia catequética em tempos de complexidade e de fragmentação pastoral é colocar-se na dinâmica de uma viagem e percorrer caminhos que possibilitam revisitar a fonte: a pedagogia divina ou *mistério da encarnação*. Dessa fonte emana: a solidez, a garantia e a convicção de que estamos num caminho seguro para os processos e, quando alicerçados numa raiz profunda, jamais deixam de produzir seus frutos. O Diretório para a catequese acentua que

o mistério da encarnação inspira a pedagogia catequética, e tem suas implicações para a metodologia da catequese, que deve ter por referência a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, assumir as instâncias autênticas da experiência humana. Trata-se de viver a fidelidade a Deus e às pessoas, a fim de evitar qualquer oposição, ou separação, ou neutralidade entre método e conteúdo¹.

A metodologia catequética tem sua raiz fundamentada na pedagogia de Jesus que em sua íntima comunhão com o Pai e o Espírito Santo interage com seus interlocutores, dando um novo sentido à vida. Na verdade, ela “não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino” (DAp 11).

Metodologia enquanto expressão, origina-se do grego e é composta por duas palavras: método e logos – μέθοδος (méthodos) e λογος (logos) que pode ser traduzido por “ciência, estudo, tratado”. Portanto, método também pode ser definido como a ciência do método. Assim sendo, podemos compreender o método como caminho que indica a direção, as estratégias, metas e os objetivos que se desejam alcançar.

No tocante à catequese, e, sobretudo a catequese a *serviço da Iniciação à vida cristã*, o método é sempre processual, pois, além de estabelecer metas e objetivos, considerando a realidade dos interlocutores, as ciências pedagógicas e a psicologia das idades, possibilitam um caminho interativo de amadurecimento na fé: na experiência do encontro com Jesus Cristo e no crescimento de pertença comunitária e do compromisso social.

Diante da pluralidade de métodos que são riquezas para a catequese e a evangelização, o Diretório para a Catequese chama atenção para a metodologia da catequese, que tem por referência a Palavra de Deus e, por isso o princípio da fidelidade à Palavra e à realidade da experiência humana².

Ao mesmo tempo, acentua que a catequese valoriza a pluralidade desde que sejamos guiados pelo princípio do Evangelho:

A Igreja, mantendo viva a primazia da graça, sente com responsabilidade e sincero cuidado educacional a atenção aos processos catequéticos e ao método. A catequese não tem um método único, mas está aberta a valorizar diferentes métodos, relacionando-se com a pedagogia e didática, e permitindo-se guiar pelo Evangelho necessário para reconhecer a verdade do ser humano. No decorrer da história da Igreja, muitos carismas de serviço à Palavra de Deus geraram diferentes itinerários metodológicos, um sinal de vitalidade e riqueza³.

A metodologia catequética propõe um caminho processual que conduz o catequizando ao encontro com Jesus Cristo que dá o verdadeiro sentido da vida.

1 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Directório para a catequese*, n.194.

2 Uma metodologia que requer coerência, testemunho e vivência na fidelidade a Deus e às pessoas, a fim de evitar qualquer oposição, ou separação, ou neutralidade entre método e conteúdo (DPC 194).

3 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Directório para a catequese*, n.195.

O episcopado brasileiro em seu Documento Catequese Renovada, alerta para a necessidade de uma metodologia que leve em consideração o princípio metodológico da interação fé e vida.

Na catequese realiza-se uma *inter-ação* (= um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com ele; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo⁴.

Assim sendo, nosso artigo situa-se dentro do contexto de uma metodologia de inspiração catecumenal que propõe uma catequese bíblico-vivencial, que provoque a experiência do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, o pertencimento comunitário e a transformação da sociedade. Para isso, pretende-se percorrer o itinerário de uma metodologia catequética que acentua o caminho de aproximação: *encontro com a Pessoa*, o caminho de escuta: *encontro com a Palavra* e o caminho da pedagogia da presença⁵: *o encontro com a Comunidade*.

1 NOVOS TEMPOS, NOVAS METODOLOGIAS

Para atender as demandas do nosso tempo é urgente uma metodologia catequética mais apropriada. Ou seja, uma metodologia catequética processual, que favoreça os meios e os instrumentos adequados para o anúncio e a vivência do querigma, que acompanham os processos e itinerários catequéticos inspirados na pedagogia de Jesus que é marcada pela valorização da pessoa, pela acolhida, pela presença, pela proximidade e pelo diálogo. Por isso, ela possui duplo objetivo: fazer amadurecer a fé inicial e educar os catequizandos para uma vida discipular em Jesus Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Cristo⁶.

Os novos tempos requerem uma metodologia catequética que vai além dos recursos tecnológicos “é muito mais que uma técnica: é a mística do discípulo missionário”.⁷ Ela não se prende às regras e normas técnicas de um método pastoral com rigor científico, ela conduz à experiência do encontro com Jesus que dá sentido à vida e desperta para o encantamento discipular.

Assim, é possível perceber que mais do que um método, faz-se necessário estabelecer o princípio metodológico, que perpassa todo o processo iniciático da fé e que garanta fidelidade na transmissão dos conteúdos e a interação com os interlocutores. Para isso, faz-se necessário o conhecimento dos interlocutores, do conteúdo e das estratégias:

Conhecer, valorizar e respeitar as diferentes idades dos catequizandos. Conhecer os conteúdos da catequese para poder adaptar às diferentes realidades dos catequizandos e conhecer bem os recursos necessários para a transmissão da fé, utilizando diferentes textos e estratégias na catequese, mas sempre adequados aos temas e à realidade dos catequizandos, possibilitando a participação de todos num processo permanente de educação da fé de forma dinâmica, atraente e comprometida⁸.

4 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese renovada - Orientações e conteúdo*, n. 113.

5 O termo *Pedagogia da Presença*, foi utilizado pelo pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa com relação a projetos sociais na área de educação, onde afirma que a pedagogia da presença, enquanto teoria implica os fins e os meio de uma modalidade de ação educativa, se propõe a viabilizar este paradigma emancipador, através de uma correta articulação do seu ferramental teórico com propostas concretas de organização das atividades práticas (*Pedagogia da Presença-da Solidão ao Encontro*, p.34).

6 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica, *Catechesi Tradendae*, n.19.

7 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT, *Metodologia pastoral*, p.5.

8 Paulo Cesar GIL, *Metodologia catequética*, p.20.

Esse artigo, sem a pretensão de dar resposta aos novos desafios, traz uma colaboração no horizonte da metodologia não tanto fixada em técnicas, mas em processos que abordam a *Metodologia Catequética como um caminho de aproximação, escuta e presença*⁹.

Para uma melhor compreensão da Metodologia Catequética no horizonte da Pedagogia da Presença, buscamos dialogar com o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, que na década de 70, desenvolveu um trabalho com educandos em situação de risco pessoal e profissional na defesa da convivência social dos educandos. Partindo do processo educativo e da convivência social ele sistematizou os fundamentos da pedagogia da presença, como base para o desenvolvimento da relação entre educador e educando como força motora do processo. Para ele, a inspiração nasceu do pensamento: *Quem não sentiu, em algum momento de sua vida, a presença de quem estava longe e a ausência de quem estava perto*¹⁰. É um inteirar-se pelo cotidiano das pessoas. É mais que um estar presente, é um SER PRESENÇA.

O Papa Francisco em 2003, também abordou esse tema da Pedagogia da Presença em sua carta anual aos catequistas, ainda como cardeal em Buenos Aires¹¹ em cada ano ele acentuava um tema e recordava aos catequistas a importância da fidelidade ao chamado, do anúncio do querigma, da Igreja em saída, do deixar-se encontrar por Jesus para poder ajudar no encontro, na proximidade e na acolhida ao outro, como também, no recomeçar sempre a partir de Cristo.

Para ele, a pedagogia da presença se caracteriza pela capacidade de acolher, cuidar do outro e do empenhar-se para que ninguém fique à margem do caminho, assim ele escreveu: “Convido-te a renovar tua vocação de catequista e colocar toda tua criatividade em “saber estar” próximo de quem sofre, realizando uma “pedagogia da presença”, para que a escuta e a proximidade não sejam apenas um estilo, mas um conteúdo da catequese”.

Na verdade, a pedagogia da presença “é parte do esforço coletivo na direção de um conceito e de uma prática menos irreais e mais humanos de educação, pois sua realização permite ao educando superar o isolamento e a solidão”¹².

Pode ser definida também, por uma metodologia segundo a qual o educador precisa estar sempre junto do educando para que o aprendizado aconteça. Ela permite a interatividade onde a pessoa interage com o meio em que vive com habilidades e capacidades para escutar, dialogar, falar, participar e propor soluções conjuntas.

Na verdade, na pedagogia da presença não existe ausência. O ser humano, que é um ser de relação, por natureza, é um ser sempre presente. Portanto, num mundo onde o ser humano é visto e valorizado pelo sucesso do poder e do fazer, é necessário acentuar a dimensão do SER. Na verdade, na ação evangelizadora o SER vale muito mais que o FAZER. São as atitudes e as posturas que revelam quem somos e o que fazemos.

A relação entre catequista, catequizando, famílias, comunidade e sociedade, do ponto de vista da pedagogia da presença, baseiam-se nos princípios: *abertura, acolhida, proximidade, reciprocidade, empatia e compromisso*. O outro é um irmão e irmã, companheiro de viagem, um aprendiz sempre. Todos agem com responsabilidade e compromisso com a promoção e defesa da *vida* e da *casa comum*. A metodologia catequética compreendida pelo horizonte da Pedagogia da Presença fará grande diferença no processo iniciático da fé bem como, na ação pastoral.

9 A palavra presença, embora não seja de uso frequente no domínio da pedagogia, apresenta um conteúdo relacional que faz dela a mais exigente das realidades e desafios do nosso tempo. Segundo esse enfoque, na Pedagogia da Presença, cada membro da Família, Sociedade e Comunidade tem sua importância fundamental e são respeitados e valorizados em sua essência e dignidade.

10 Antonio Gomes da COSTA, *Pedagogia da Presença-da Solidão ao Encontro*, p.55.

11 Jorge Mário BERGOGLIO, *Queridos catequistas. Cartas, homilias y discursos*. Editorial: Promoción Popular Cristina, 2013. Tradução em português. *Aos catequistas: Sai, buscai, batei!* São Paulo: Fons Sapientiae, 2020.

12 Antonio Gomes da COSTA, *Pedagogia da Presença-da Solidão ao Encontro*, p.34.

2 CAMINHO DE APROXIMAÇÃO COM A PESSOA (ENCONTRO)

“Enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,15)

A pedagogia de Jesus, proposta pela comunidade lucana, leva o leitor a perceber um itinerário de maturação da fé que se dá pelo processo de um itinerário que provoca encontro com a pessoa (Lc 24,13-24), um encontro com a Palavra (Lc 24,25-27) e um encontro com a Comunidade (Lc 24,28-35). No itinerário proposto pela comunidade lucana percebe-se todo um processo de iniciação no conhecimento de que Jesus, com o peregrino que se aproxima através da *pedagogia da presença*. É a Palavra que faz arder o coração dos discípulos, arranca-os da escuridão, da tristeza e do desânimo, suscita neles o desejo de pertencimento: *permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina* (Lc 24,29) e o encantamento pela missão: *naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém* (Lc 24,33).

Jesus se aproxima e caminha com eles, primeira atitude de abertura para que o verdadeiro encontro aconteça. A iniciativa é do Senhor! Aproximar, caminhar e dialogar, são atitudes fundamentais da metodologia catequética¹³.

Para a experiência humana de viver e conviver é fundamental que a pessoa esteja disponível para o encontro com outro. Ao nascer, o ser humano chega para uma aventura humana, nem sempre tranquila, como a quietude intrauterina. No ventre materno, em ambiente interativo, envolvente e estimulante ao desenvolvimento da vida, o bebê passa por inúmeras vivências multissensoriais para a sua adaptação até o nascimento. Depois de um período tão especial, a criança vem ao mundo para interagir e viver a longa jornada de interação com o mundo, com as pessoas e com si mesmo. É nessa fase de encontro com pessoas importantes e significativas para a criança, que ela descobre o amor. Um amor que se revela na sensação de confiança, segurança e afeto. Essa iniciação ao afeto e ao amor verdadeiro é a base para a construção de uma relação com Deus.

O ambiente familiar é espaço de vida, amor e fé. A interação entre os membros da família torna-se fundamental na arte de viver. Quando uma família participa ativamente da vida de seus membros, de forma saudável e assertiva, contribui muito como fonte de apoio social. O bom funcionamento da família e a qualidade das interações entre seus membros favorecem a rica experiência do encontro.

Ao pensar a ação catequética, cabe ressaltar que toda atividade, em diferentes dinâmicas e funcionamento, deve levar o catequizando: criança, jovem ou adulto, ao encontro pessoal e íntimo com o Jesus Cristo. Um encontro que acontece também no encontro entre as pessoas e delas com o Mestre.

Jesus, o catequista da Palestina, nos deixou essa lição, amar e servir, anunciar a Boa Notícia de Deus que é a salvação para todos. “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que não morra todo o que nele crer, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17).

A metodologia catequética, sempre aberta para valorizar e adequar diferentes métodos na ação educativa da catequese propõe diferentes caminhos para apresentar e aprofundar o conteúdo e mensagens adequadas a cada idade e realidade dos catequizandos. A Palavra de Deus é sempre a mesma, mas os diversos serviços e fases da catequese geraram diferentes itinerários metodológicos.

¹³ Jesus se dá a conhecer numa metodologia simples; Ele aproxima-se das pessoas, dando-se a conhecer a partir das necessidades concretas de cada situação.

A idade e o desenvolvimento intelectual dos cristãos, bem como o seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais exigem que a catequese adote métodos muito diversos». A comunicação da fé na catequese, que também passa pela mediação humana, continua sendo um evento da graça, realizado pelo encontro da Palavra de Deus com a experiência da pessoa¹⁴.

Os caminhos propostos pela metodologia catequética, podem garantir um novo agir, criativo, atualizado e envolvente. Todas as ferramentas, técnicas e recursos, serão fundamentais para o processo de crescimento da fé e para a interação dos catequizandos e famílias no engajamento pastoral, na vida cristã, em comunidade de vida e fé. Todos os caminhos devem ser construídos e revelam o jeito de a Igreja compreender a si mesma e de acolher o mundo como campo de missão.

Na história da catequese, sempre fiel à missão da Igreja que é evangelizar, é possível destacar diferentes metodologias para uma efetiva caminhada catequética. Diferentes métodos em diferentes momentos históricos foram inspiradores para a Catequese em sua missão de formar discípulos missionários de Jesus Cristo. Ele mesmo percorreu um longo caminho para formar uma comunidade que nasceu do anúncio da Palavra¹⁵.

Mas todo caminho, como processo de educação da fé, favorece a rica experiência do encontro com o Senhor e ao encantamento pela sua pessoa, pensamento e ensinamentos que abrem a mente e o coração de quem aproxima-se dele na busca de conversão. Esse encontro é um acontecimento para a vida inteira.

Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo¹⁶.

Não podemos deixar de olhar para a missão de transmitir a fé cristã, sem considerar a alegria do encontro entre as pessoas e delas com Deus.

Como um dos caminhos propostos pela metodologia catequética, o caminho do encontro é envolvente e acolhedor porque diminui a distância entre todos nós e aproxima as pessoas no encontro com o Senhor.

Encontramos Jesus enquanto caminhamos na direção do seu amor e na busca de suas palavras para acolhermos a Boa Nova do Reino. E com ele podemos resgatar o que de fato traz sentido a nossa vida. Todo catequista, mediador e educador da fé, favorece a comunhão com a pessoa de Jesus¹⁷.

Como mediador o catequista também é o acompanhador. Ele caminha com seus catequizandos levando-os no caminho do discipulado, podendo “partilhar a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje”¹⁸. Com uma metodologia adequada, a catequese prepara-se para um novo tempo. Estamos diante de um desafio que requer novas iniciativas para orientar a vida dos catequizandos, pautado nos valores do Evangelho.

O caminho do encontro é sustentado pelo exemplo de Jesus que se aproxima das pessoas para um convite especial: pensar e agir com coerência e liberdade, mas também, viver e anunciar o que se crê e assumir uma vida comunitária e solidária.

14 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Directório para a Catequese*, n.195.

15 Paulo Cesar GIL, *Metodologia catequética*, p.10.

16 BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, n.1.

17 A finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade (CT n.5)

18 CNBB, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, n.39.

O encontro com Jesus é uma grande oportunidade para se sentir livre e para viver e celebrar a alegria do amor. Estar com Ele é uma experiência inspiradora e motivadora para a simplicidade, pois Deus se torna simples querendo encontrar e relaciona-se com cada pessoa humana. Assim, o encontro entre as pessoas deveria se dar na mesma disposição... Quando pessoas se encontram, vidas se encontram¹⁹.

O encontro entre nós e com nossos catequizandos, faz o caminho do discipulado tornar-se mais fecundo. O cristão, discípulo missionário do Mestre e Senhor Jesus, se torna mais que um ouvinte, é um aprendiz que aprende enquanto caminha. Não é o método que realiza o encontro, mas a disponibilidade para encontrar Jesus: Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6).

3 CAMINHO DE ENCONTRO COM A PALAVRA

“E, começando com Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia a respeito” (Lc 24,27)

A catequese de Jesus começa pela memória da Palavra de Deus, para relembrar aos discípulos que o caminho percorrido pelo Cristo, já estava previsto nelas: *“E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele” (Lc 24,27).*

Por meio da pedagogia da presença, Jesus faz com que os discípulos gradativamente abram os olhos para enxergar os acontecimentos com o um novo olhar. O olhar das Escrituras. Palavra que aquece o coração e desperta o encantamento para a missão. Recorrendo às Escrituras, Jesus faz a narrativa da pedagogia divina, do plano salvífico do Pai. Do mesmo modo se dirige a nós, discípulos desta época em mudanças, para descobrirmos diante de nossos olhos e nosso coração a boa nova do evangelho que dá sentido às situações vitais e recria a esperança de um novo tempo.

O encontro com a Palavra de Deus gera novos discípulos missionários de Jesus Cristo em *comunidades eclesiais missionárias*²⁰ com espírito de pertencimento, adesão e acolhida à Palavra que requer esforço para compreender e testemunhar a mensagem.

A Bíblia, palavra de Deus, ocupa lugar especial na vida dos ouvintes: nela, a Igreja reconhece o testemunho autêntico da Revelação divina. Por isso, a grande insistência desde João Paulo II “a fonte na qual a catequese busca a sua mensagem é a Palavra de Deus. A catequese há de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura” (CT 27). Na mesma linha insistia Bento XVI: “a atividade catequética implica em abeirar-se das Escrituras na fé e na Tradição da Igreja, de modo que aquelas palavras sejam sentidas vivas, como Cristo está vivo hoje onde duas ou três pessoas se reúnem em seu nome (Mt 18, 20)” (VD 74).

A Palavra provoca um encontro que contagia. A Igreja é uma comunidade que escuta e anuncia a Palavra de Deus. Ela não vive de si mesma, mas do Evangelho; e do Evangelho tira, sem cessar, orientação para o seu caminho.

Por isso, a insistência dos bispos no Brasil em acentuar a Leitura Orante da Bíblia como caminho de encontro com a Palavra que dá um novo rumo à vida de quem se deixa encontrar-se por ela. O discípulo missionário é convidado a redescobrir o *contato pessoal e*

¹⁹ Paulo Cesar GIL, *Metodologia catequética*, p.54.

²⁰ O termo *Comunidades Eclesiais Missionárias* (CEM) é utilizado pelo Episcopado Brasileiro nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, na 57ª Assembleia Geral em Aparecida, 01 a 10 de maio de 2019, para acentuar a importância das comunidades como espaço acolhida, formação de discípulos missionários e do vínculo de pertença comunitária.

comunitário com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo. Na verdade, a Leitura Orante da Palavra de Deus é um recurso muito importante para iniciar novos cristãos e, ao mesmo tempo, manter toda a comunidade no caminho da escuta obediente da Palavra.

A Igreja hoje tem consciência de que “particularmente as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial” (VD 97).

O processo catecumenal propõe uma catequese “impregnada e embebida de pensamento, espírito e atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados” (VD 74).

Narrar, explicar as Escrituras é lembrar a prática, a missão e os ensinamentos de Jesus. Essa prática pedagógica de Jesus ensinar gerou uma mudança de mentalidade e de atitude nos discípulos a ponto de voltar para a missão em comunidade. Retornam pelo mesmo caminho, mas com um novo olhar. “Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário” (DAp 291).

O percurso realizado por Jesus com os discípulos de Emaús, é um modelo inspirador para a iniciação à vida cristã em seu núcleo essencial, pois trata-se de um encontro vital com o Senhor, ampliando a audição e compreensão de sua palavra, a adesão ao seu projeto e a celebração da fé. Assim diz Aparecida: “a iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo. Ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida” (DAp 291).

Tornemos a nossa catequese cada vez mais narrativa. O evangelho é uma narrativa catequética da vida e dos ensinamentos de Jesus. A catequese, e, sobretudo, a catequese de inspiração catecumenal, precisa ser narrativa, ou seja, partir dos atos e palavras de Jesus que, nele, Deus se revela, e não, somente, expor ideias e doutrinas. Não se trata apenas de contar a vida de Jesus, mas de mostrar que em Jesus o caminho da fé de Israel, chega à sua plenitude e revela o caminho salvador de Deus, presente desde sempre de diversas formas.

Além dos discípulos de Emaús, encontramos no Novo Testamento vários exemplos de pessoas que, ao fazerem a experiência da fé no encontro com Jesus Cristo, seus sonhos foram alimentados e suas vidas transformadas. Vejamos alguns deles: Nicodemos e sua ânsia de vida eterna (Jo 3,1-21); O cego Bartimeu, modelo de discipulado que acolhe a cura e se torna seguidor de Jesus: *No mesmo instante recuperou a vista e O seguiu no caminho*” (Mc 10,52). Zaqueu, com sua vontade de ser diferente, passa por uma mudança radical: *Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se desfraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo*” (Lc 19, 8); O cego de nascimento e seu desejo de luz interior (Jo 9); A Samaritana e seu desejo de saciar sua sede. Ela pede da água da Vida e se torna missionária entre o seu povo: *“Senhor, dá-me desta água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha que vir aqui para tirá-la” (...)* “a Mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo: *Vinde ver um homem que diz tudo o que fiz* (Jo 4,15.28-29). Todos eles, graças a esse encontro, foram iluminados e recriados, porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai, que se oferece por sua Palavra de verdade e vida (DAp 249).

4 CAMINHO DE ENCONTRO COM A COMUNIDADE

“Entrou então para ficar com eles. E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde a comunidade estava reunida” (Lc 24,29-30.33)

A acolhida, a proximidade e o caminhar, juntos, são pequenos gestos que fazem toda a diferença na ação evangelizadora. O Papa Francisco insiste numa Igreja que vai ao encontro das pessoas:

a Comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Convida mesmo para atitudes corajosas: Ousemos um pouco mais no tomar iniciativa! (EG 24).

Acolher e evangelizar são objetivos que requerem atitudes concretas de conversão. “O ponto de partida da conversão missionária é sair, aproximar-se das pessoas e acolhê-las nas situações em que se encontram” (EG 177).

Quando se aproximam da aldeia, os discípulos, então, tomam a iniciativa e convidam Jesus para permanecer com eles. Jesus agora, já não é mais o peregrino, estrangeiro, mas o hóspede esperado. Na tradição bíblica, convidar uma pessoa para entrar na casa e fazer uma refeição junto, só se faz com amigos e familiares. Quando cresce a confiança se estabelecem relações. O tempo é favorável para uma refeição: *é tarde e o dia já declina* (Lc 24,29). Ao cair da tarde, aquela ceia dos discípulos de Emaús com Jesus (Lc 24,30) é a “fração do pão” (At 2,42), que o evangelista Lucas apresenta quase com os mesmos verbos empregados no relato da instituição da Eucaristia (Lc 22,19). A palavra é compreendida a partir da experiência concreta do partir o pão. *“Não estava ardendo nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”* (Lc 24,32). A palavra aquece o coração, a eucaristia, gesto da partilha, abre os olhos para a missão.

Jesus ao narrar as Escrituras e ao partir o pão, aquece o coração dos Discípulos que retomam no caminho de volta para Jerusalém com novo sentido de vida. Com o coração aquecido, eles se põem a caminho, ao encontro dos outros discípulos, para contar a alegria do encontro, assumir a missão de formar comunidades e anunciar a boa nova de Jesus Cristo. Os discípulos voltam à comunidade com um novo olhar. Refazem o caminho, com espírito novo e com melhor compreensão da missão.

As Escrituras indicam o caminho a seguir. Os discípulos de Emaús reconhecem o Mestre e expressam seu entusiasmo dizendo: *“Não estava ardendo nosso coração...?”*. O coração aquecido os impulsionou para o dinamismo, para a missão. É com renovado ardor pela presença e proximidade com o Ressuscitado que os olhos se abrem e o coração se aquece. Agora, o novo ardor se espalha. Sai do coração e chega à mente, à consciência e desce aos pés daqueles que evangelizam (Is 52,7). Eles compreendem e interpretam o caminho percorrido e essa tomada de consciência, interpretando o próprio itinerário, é fundamental no processo evangelizador.

A rotina pastoral, catequética e celebrativa, em lugar de atrair, muitas vezes afasta as pessoas. O Documento de Aparecida ressalta que *“nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas, que já não favoreçam a transmissão da fé”* (DAP 365). É necessário criatividade e entusiasmo dos evangelizadores e da própria comunidade, pois *“a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”* (DAP 370).

A Eucaristia é comunhão com a Palavra e com o Corpo do Senhor, o corpo sacramental, que é o pão eucarístico, e com corpo eclesial, que é a Igreja. Em cada celebração eucarística “o encontro com o Ressuscitado se realiza mediante a participação na dupla mesa da Palavra e do Pão da Vida” (DD 39).

No encontro com Jesus Cristo, os discípulos são reconduzidos no caminho de volta para Jerusalém. O encontro com Jesus devolve a eles as condições para a sua reintegração na comunidade, espaço vital onde se pode fazer a experiência do Ressuscitado e ambiente que sustenta e legitima a proclamação da fé em Cristo vivo. “A comunidade é o lugar por excelência da catequese. É o lugar da iniciação à vida cristã e da educação na fé das crianças, adolescentes, jovens e adultos batizados e não suficientemente evangelizados”²¹.

É a partir de Jerusalém que o querigma precisa ser anunciado: “Mas vós recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

O caminhar e o permanecer de Jesus com os discípulos possibilitaram o itinerário da iniciação à fé. O Papa Francisco nos adverte afirmando que o *olhar de Jesus gera uma atividade missionária, de serviço, de entrega*.

De fato, o discípulo missionário é um itinerante, está sempre a caminho. A narrativa não termina no rito gestual de partilha, nem na emoção do encontro ou na celebração, mas relata a mudança de atitude na vida dos discípulos. O encontro com o Ressuscitado transforma o medo em coragem; a fuga, em empolgação; o retorno, em nova iniciativa; o egoísmo, em partilha e compromisso até a entrega da vida. Assim, mais do que o relato de um encontro de discípulos com Jesus, o texto de Lucas é proposta de resposta, de comunhão, de comunidade, de missão e de entrega até o fim.

Assim, todo o batizado é constitutivamente “discípulo missionário” não existe missão sem iniciação. A iniciação à vida cristã trata-se, de um novo estilo de vida. O processo se dá de forma interativa, com criatividade e ousadia da iniciativa. O iniciado é comprometido e próximo da realidade em que se encontra (*envolver-se*); acolhedor e disponível para fazer caminho com todos (*acompanhar*); paciente para recolher os frutos da sua ação no tempo oportuno (*frutificar*); capaz de celebrar os pequenos e os grandes passos da vida (*festejar*) (EG 24).

CONCLUSÃO

Ao percorrer o caminho da metodologia catequética pelo horizonte da pedagogia da presença foi possível perceber que falar ao coração das novas gerações requer criatividade, ousadia e coragem na busca de uma metodologia que seja sólida e eficaz em suas metas e estratégias.

A metodologia catequética tem sua raiz fundamentada na pedagogia de Jesus que em sua íntima comunhão com o Pai e o Espírito Santo interage com seus interlocutores, dando um novo sentido à vida. Na verdade, ela “não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino” (DAp 11).

Por isso, é real a necessidade de aprofundar o tema e propor uma metodologia catequética que acentua o caminho de aproximação e *encontro com a Pessoa*, o caminho de escuta e encontro com a Palavra e o caminho da pedagogia da presença e o *encontro com a Comunidade*.

21 CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*, n.301.

No tocante à catequese, e, sobretudo a catequese a *serviço da Iniciação à vida cristã*, o método é sempre gradual, pois além de estabelecer metas e objetivos, considerando a realidade dos interlocutores, das ciências pedagógicas e da psicologia das idades, possibilita um caminho interativo de amadurecimento na fé, da experiência do encontro com Jesus Cristo e do crescimento na pertença comunitária e no compromisso social.


A pedagogia da presença vem de encontro com a metodologia de inspiração catecumenal que pressupõe uma catequese bíblico-vivencial, que provoca a experiência do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, o pertencimento comunitário e a transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. Papa Francisco. *Aos catequistas: Sai, buscai, batei!* São Paulo: Fons Sapientiae, 2020.
- BÍBLIA SAGRADA Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CALANDRO, Eduardo. *Pedagogia da presença: o saber estar, saber sentir, saber servir do catequista/Pe*. Eduardo Calandro, Pe. Jordélio Siles Ledo, Pe. Rafael Gonçalves. 1.ed., São Paulo: Paulus, 2020. Coleção Pedagogia Catequética.
- CNBB. *Catequese renovada - Orientações e conteúdo*. Documentos da CNBB, n.26. São Paulo: Paulinas, 1983.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Documentos da CNBB, n.109. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB, n.107. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- COSTA, Antonio Gomes da. *Pedagogia da Presença-da Solidão ao Encontro*. Editora: Modus Faciendi, 2ª ed., Belo Horizonte, 2001.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GIL, Paulo Cesar. *Metodologia catequética: caminhos para iluminar e comunicar a fé*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- SANTOS, Maria de Fátima. *Pedagogia da presença: uma estratégia para o sucesso escolar*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2016.

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura bíblica, estudos da religião, ciências da religião e pesquisa bíblica.

E-mail: mercedesbudalles@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2038-6495>

Recebido em 08/07/2022

Aprovado em 19/10/2022

METODOLOGIA PARA UMA LEITURA POPULAR FEMINISTA DA BÍBLIA

METHODOLOGY FOR A POPULAR FEMINIST READING OF THE BIBLE

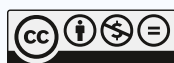
*Mercedes de Budallés Diez**

Resumo: O presente texto busca tecer elementos que possam capacitar as pessoas para uma leitura e reflexão crítica-constructiva dos textos sagrados, a partir de uma visão feminista de alguns textos bíblicos. Trata-se de intencionalmente fazer uma leitura feminista-política, porque procura-se novas respostas visando novas relações de gênero, raça, classe, geração e religião. Ainda persiste na sociedade a invisibilidade das mulheres, ou seja, somos as que não contamos! A leitura da Bíblia, no entanto, fundamenta que somos mulheres e homens filhas e filhos de Deus com os mesmos direitos e deveres. Com esta leitura da Bíblia, como cristãs, assumimos: frente à exclusão, queremos proximidade; frente ao mercado total, à globalização, optamos pela gratuidade; frente à corrupção, nosso compromisso é a ética. Em tonalidade testemunhal/experencial buscamos refletir sobre o método da leitura popular feminista libertadora, com objetivo de fortalecer e construir uma sociedade de iguais como deseja o “Deus conosco”.

Palavras-chaves: Bíblia. Mulheres. Libertação. Método.

Abstract: This text aims to weave elements that can enable people to a reading and a critical-constructive reflection of sacred texts from a feminist point of view. It is about intentionally doing a feminist-political reading because new answers are sought aiming at new relations of gender, race, class, generation and religion. The invisibility of women still persists in society, that is, they are the ones who do not count. Reading the Bible, however, establishes that we are women and men, sons and daughters of God, with the same rights and duties. With this reading of the Bible, as Christians, we assume in the face of exclusion, we want proximity; in the face of globalization, we opted for free; in the face of corruption, our commitment is ethics. In a testimonial/experiential tone, it is sought to reflect on the method of a liberating feminist popular reading method, with the objective of strengthening and building a society of equals as "God with us" desires.

Keywords: Bible. Women. Release. Method.



INTRODUÇÃO

Anos atrás, num dia frio do mês de dezembro, Eduardo Galeano foi até a Praça Catalunha de Barcelona, onde estavam acampados centenas de jovens que se identificavam como “indignados”. Eu estava lá conversando com um grupo e, quando reconheci Galeano, corri perto e pedi-lhe que falasse com aquela juventude sedenta de algo novo. Ele falou, e foi ouvido graças ao auxílio de uma caixa de som portátil dos meus amigos. Ficou bem dentro do meu ser o que Eduardo Galeano disse sobre a utopia. De fato, ele contou que o seu amigo, o cineasta argentino Fernando Birri conhecido como o construtor de utopias, respondeu a um jovem que perguntou sobre o que era a utopia. Eu gravei esta resposta: “A utopia é o horizonte. Se eu me aproximo, ele se afasta. Se caminhamos juntas e juntos uns passos, o horizonte anda também esses passos. Está claro que por mais que caminhe, não chegaremos lá. Para que serve, então, a utopia? A utopia serve, e principalmente é, viver e caminhar junto!”

Dialogar com a Metodologia moderna, para viver a utopia, especialmente quando queremos fazer isso a partir do compromisso de uma Leitura Bíblica Popular, e ainda feminista, exige muita escuta, atenção às experiências de vida e muito caminhar, juntas e juntos, numa direção concreta. Nosso livro, a Bíblia, é conhecido e valorizado por séculos. Respeitado como um Livro Sagrado por judeus, cristãos e até por grupos muçulmanos. E nós não o queremos profanar. Tentaremos, aqui, sintetizar a evolução da compreensão da Bíblia nos últimos anos e possíveis aproximações.

1 O MÉTODO E SUA EVOLUÇÃO NO ESTUDO BÍBLICO

Queremos ler e entender os textos bíblicos para encontrar respostas e ajudas à nossa vida tão conturbada no cotidiano. Temos que fazer isso de forma simples, transparente, metodológica, sem fugir dos avanços das ciências da linguagem e com profundo respeito à fé milenar. A seguir buscamos elucidar este processo.

Nos novos estudos bíblicos, aplicando às ciências da linguagem, partimos do “texto”, no seu “contexto vital” e procuramos “crescer o sentido”, ou seja, fazer uma releitura para o nosso hoje. Assim os primeiros passos dentro das ciências da linguagem são: A **EXEGESE**, que significa “tirar fora do texto” o que está dentro, ou seja, procurar a produção de sentido. *Ex* = fora + *egese*, do grego, *ago*, guiar, conduzir. E a **HERMENÊUTICA**, é a ciência que corresponde à “interpretação”. Sentido para o hoje a partir de problemas atuais. De *hermeneu* (grego) a *interpretare* (latim).

Na história e estudo da Bíblia já passamos pela preocupação de entender o que está “atrás” do texto (história, autor) até buscar na “palavra” o acontecimento presente. Na época medieval e em tempos posteriores lia-se a Bíblia, por exemplo, em sentido literal (fundamentalista), alegórico (cristológico), moral (relativo aos costumes), ou escatológico (conduz para). Todas essas leituras confirmam que a Bíblia não esgota seu sentido.

Severino Croatto¹, pioneiro na América Latina, apontou possíveis aproximações da Bíblia para a compreensão das pessoas que querem conhecer realmente este texto sagrado que orienta suas vidas:

- 1) Considerando-a um texto desatualizado.
- 2) Assumindo-a como ela está escrita, literalmente (fundamentalismo ou concordismo).
- 3) Abordando-a com métodos exegéticos atuais.

1 José Severino CROATTO, *Hermeneutica Bíblica*, Buenos Aires: Ediciones la aurora. 1984.

4) Estudando-a a partir das ciências da linguagem, particularmente desde a linguística e semiótica narrativa, no estudo dos signos.

5) Entendendo seu conteúdo para hoje, fazendo um estudo hermenêutico.

De forma simples, as aproximações propostas, hoje, têm diferentes enfoques: 1) A via DIACRÔNICA: quando estudamos o texto no seu caráter cronológico e explicamos a origem e o processo de sua formação. Logicamente, a hermenêutica está ligada a esta via, porque estuda a transformação do sentido das palavras, seus significados na história. 2) A via SINCRÔNICA: se estudamos a significação do texto no seu caráter total, atual. O “tecido” é analisado segundo sua estrutura. Aprofundando na ciência dos signos, na semiótica.

E quando encontramos um fato que se repete muitas vezes na Bíblia? O acontecimento nos leva a vários textos. Mas, o fato fundante traz uma relação de sentido. Por exemplo, a passagem do Mar Vermelho (Ex 14,22) é interpretada por ocasião da entrada da terra pelo rio Jordão (Js 3,16-17) e na divisão das águas por Elias (2Rs 2,8). Na Bíblia, a memória da libertação da escravidão do Egito é apresentada repetidas vezes e em muitos gêneros literários. Na realidade não é repetição de um fato: é releitura, “reserva de sentido” onde os acontecimentos “crescem” em sentido. Podemos afirmar, então, que a Bíblia, antes do que PALAVRA de Deus é ACONTECIMENTO de Deus!

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE TEXTOS BÍBLICOS²

Se desejarmos aprofundar, mais do que fazer uma simples leitura da Bíblia para trazer uma mensagem para o hoje, precisamos, ainda, questionar mais o texto para ouvir tal como foi escrito e, assim, perceber seu sentido. Deste modo, poderemos entendê-lo melhor, percebendo os detalhes.

Sintetizamos aqui, de forma esquemática, os passos mais importantes que podem e devem ser estudados exegeticamente em um texto bíblico³.

1) CRÍTICA TEXTUAL

Objetivo: Reconstruir o texto primitivo. Verificar a confiabilidade das cópias.

Pressupostos: Comparação dos textos com os manuscritos mais antigos, desconfiar das variantes tendenciosas, daquelas mais parecidas com os dogmas da época etc.

2) ANÁLISE SEMÂNTICA

Objetivo: Encontrar o verdadeiro significado das palavras e frases em cada texto.

Pressupostos: Pesquisar em outros textos paralelos para verificarmos se essa expressão é de uma época e lugar ou não. Depois, temos que procurar uma palavra na nossa língua com as mesmas características semânticas.

3) ESTUDO DAS TRADIÇÕES ou da TRANSMISSÃO DO TEXTO (histórico-transmissiva)

Objetivo: Analisar os possíveis estágios de um texto durante seu processo de transmissão oral até sua escrita e a chegada até nós.

Pressupostos: fazer as comparações entre tradições e manuscritos e procurar dados em outros documentos, como nos comentários dos Santos Padres.

2 Cassio Murilo Dias da SILVA, “METODOLOGIA DE EXEGESE BÍBLICA”, São Paulo: Paulinas, 2000.

3 Conteúdo muito rico e extenso em WEGNER Uwe, “EXEGESE DO NOVO TESTAMENTO. MANUAL DE METODOLOGIA. Sinodal: São Leopoldo e Paulus: São Paulo, 2002.

4) CRÍTICA LITERÁRIA

Objetivo: Descobrir a intenção do autor, o que ele quis dizer. Reconhecer a pseudoepigrafa ou a atribuição fictícia.

Pressupostos: Comparar o texto bíblico com outros documentos (manuscritos de Qumran, Cânon de Muratori do séc. II, etc.). Verificar, no texto, a unidade literária: o vocabulário da época, as relações, os paralelismos, os quiasmas, a unidade de estilo, do tema, etc., ou seja, as relações do conjunto.

5) ANÁLISE DA REDAÇÃO

Objetivo: Captar o interesse de quem escreveu o texto.

Pressupostos: Estudo detalhado do uso do vocabulário, estilo, para ver a lógica teológica do autor.

6) ESTUDO DA FORMA

Objetivo: Situar os textos dentro do ambiente vital (*Sitz im Leben*) do Oriente Médio, do lugar onde foi vivido e escrito o texto para reconhecer sua intencionalidade.

Pressupostos: Identificar a *forma literária* de cada trecho, seu gênero literário.

7) ANÁLISE DE CONTEÚDO

Objetivo: Analisar o conteúdo, conduzir para fora o que está no texto a partir das descobertas anteriores.

Pressupostos: Encontrar o eixo do texto à luz do significado no contexto de quando e onde foi escrito.

8) CRÍTICA HISTÓRICA

Objetivo: Reconstruir os fatos narrados segundo a objetividade histórica. Fazermos a pergunta: esses fatos aconteceram?

Pressupostos: Uso de testemunhos arqueológicos e outros documentos da mesma época.

Especialmente, depois do Concílio Vaticano II, a pergunta que os teólogos/as sempre fazíamos era: como ler a Bíblia assim com nosso povo semianalfabeto, com as mulheres, os jovens e crianças das nossas comunidades?

Parto da minha própria experiência: como aprendi a ler a Bíblia nas comunidades com quem compartilhava a vida? Como explicar a descoberta de novas leituras que vivenciávamos e partilhávamos? De fato, fui aprendendo uma nova Teologia e até uma nova religião. Pela graça de Deus, naquele tempo conheci o CEBI, Centro de Estudos Bíblicos. À luz da vida e de uma candeia, pelas noites, lia o que chegava às minhas mãos. E aprendia, praticava. À luz da Palavra e especialmente da vida daquele povo do interior, no norte do Brasil, os textos cresciam e traziam respostas às minhas muitas perguntas.

Aconteceu algo marcante para aprender uma nova maneira de ler a Bíblia. Foi a pergunta de uma criança. Pelos anos 1980-1986, morei em Conceição do Norte, à época, Estado de Goiás e, hoje, Conceição do Tocantins. Lá, ia aprendendo outra forma de vida. Um dia, fui substituir uma catequista que estava com febre e pediu ajuda na última hora. Deveria ler e vivenciar a parábola do filho pródigo do Evangelho de Lucas 15,11-22. Agi rápido e fui para ler e recontar a história que as crianças desenharam e encenaram com facilidade e gosto. Já na roda final, prontas para rezar e despedir, me surpreendeu a pergunta de uma menina: cadê a mãe do rapaz malandro? Eu perguntei às crianças: o que vocês acham, esse rapaz malandro tinha mãe? Depois de uma pequena discussão entre os participantes com motivações pouco adequadas, uma menina afirmou categoricamente: “Sim, tinha mãe e ela estava lá junto do pai. Lá em casa é assim. Quando um filho apronta e o pai perdoa, a mãe sempre está perto”. As crianças bateram palmas. E eu senti, nesse

instante, como essa menina me deu três chaves de leitura: usar a linguagem e as palavras mais conhecidas do que ‘filho pródigo’. Lá, “em casa é assim”. Casa, como lugar do cotidiano deve ser o espaço da leitura e compreensão, o lugar da vida. E “a mãe sempre está lá”. As mulheres, estamos juntas, mas não somos nomeadas. Somos ignoradas. As mulheres no tempo da Bíblia, como agora, estavam presentes, mas não contavam. Lembremos o texto de Mateus na multiplicação do pão e do peixe (Mt 14,13-21): “os que comeram foram cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (v.21).

Aquele dia à tarde, tínhamos um encontro com as mulheres das comunidades, o que acontecia uma vez ao mês. Uma mãe escutou do seu filho o que aconteceu na catequese e contou para o grupo. Foi muito bom sentir a reação das companheiras, das mães nunca valorizadas e sempre fieis. “Nós somos importantes, no nosso silêncio, temos valor” disse Dona Petu, mulher pobre e muito sofrida daquela comunidade. A animação confirmou o compromisso de nos reunirmos aos domingos para ler a Bíblia como mulheres. E lá estamos até hoje: eu ajudando de longe, elas reunidas presencialmente depois de uma breve interrupção pela pandemia.

O CEBI publicou vários subsídios sobre o texto Lc 15,8-9, a mulher que perdeu uma moeda, para ajudar a compreensão da nossa metodologia. Guardo na memória, como um tesouro, um encontro de leitura naquele grupo de mulheres. E o esquema que foi rabiscado num caderno manuscrito pela comadre Nilda ajudada pela filha Zuleika. Parte da proposta da nossa Metodologia, já virou tradição:⁴

- acender uma luz (para lembrar a história);
- varrer a casa (para acompanhar a Tradição);
- procurar diligentemente (v.8);
- reunir amigas e vizinhas para alegrarem-se juntas (v.9).

As perguntas das mulheres do grupo surgem e as respostas também: o que dizer desta mulher que tinha dez moedas de prata e perdeu uma, acendeu uma lâmpada, varreu a casa e procurou cuidadosamente até encontrá-la? Chegamos à conclusão de que a mulher tomou consciência, procurou, agiu cuidadosamente, reagiu, partilhou alegremente e valorizou a vida!

Na nossa experiência, logo, perguntamos o porquê. A resposta é rápida: partimos da realidade! E, assim, ‘acendemos uma lâmpada’ à luz da nossa experiência, ou seja, da nossa história. A de ontem e a de hoje. No ‘contexto histórico’ do texto lido, momento em que foi dito por Jesus e no tempo quando foi escrito, paramos a pensar: como era o cotidiano, a religião, a cultura, a dominação política naquele tempo?

Ao ‘varrer a casa’ nos damos o direito de limpar as contradições da tradição. Tirar a poeira das traduções e interpretações feitas e transmitidas por interesses patriarcais, machistas e capitalistas. Com teimosia, ‘procuramos cuidadosamente’ até encontrar. As mulheres, temos uma liberdade própria, fruto da nossa sensibilidade. No diálogo e na fidelidade à Palavra. E agimos na hora que encontramos o perdido, que encontramos soluções para algum problema. A mulher ‘chama as amigas e vizinhas’ para se alegrarem com ela. Essa mania de partilhar é importante, sobretudo, entre nós, mulheres.

Interessante foi observar, ainda, que no texto do Evangelho escrito pela comunidade de Lucas, Jesus contou três parábolas com igual final: há alegria, afeto, festa por achar o que chamamos de ‘perdido’. Comparando-as percebemos como foram escritas as três parábolas em Lc 15,1-32⁵.

4 Nancy CARDOSO; Carlos MESTERS, A Leitura Popular da Bíblia à procura da moeda perdida. In: *A Palavra na Vida*. São Leopoldo: CEBI, 2011, n.73, p.11.

5 Mercedes BUDALLÉS DIEZ, Meus olhos já são bifocais. In: *Hermenêutica Feminista e de Gênero*, São Leopoldo: CEBI, 2000, n.155/156, p.26-35.

Perdas – Encontros. Será válida a interpretação? 1) Tem cem ovelhas e perde uma ovelha - Deus Pastor se preocupa conosco; 2) Tem dez moedas e perde uma moeda - Deus Mulher se preocupa conosco; 3) Tem dois filhos e perde um - o Filho de Deus Pai se preocupa conosco. Sentimos que Jesus quis nos dizer: o importante é você, mulher. Cada uma de nós. Para Jesus, na tradição da procura e do cuidado da ovelha, da moeda e do filho, o importante não é o muito, é cada uma e cada um de nós!

E ainda Jesus acrescentou algo mais surpreendente: DEUS também é MULHER! Estamos acostumadas a olhar para Deus também como mulher? Procuramos conhecimentos e novas leituras! Procuramos outras alegrias que nos libertem!

Este texto, que já li centenas de vezes com mulheres, somado às perguntas e respostas delas, me trouxe novas descobertas. Sobre a parábola do pastor, a comadre Chica perguntou: é possível afirmar que Jesus disse que um pastor abandonou 99 ovelhas como algo normal? Não é uma loucura? Uma companheira respondeu: 'Você esqueceu que as mulheres sempre encontram soluções? Certamente, as comadres e vizinhas do pastor (ou pastora) foram tomar conta das ovelhas aquela noite!'

Nós que juntas partilhávamos nas nossas comunidades, a leitura popular da Bíblia no Brasil, graças à nossa pertença ao CEBI, tivemos o privilégio de nos encontrar repetidas vezes para partilhar nossos conhecimentos e descobertas. Em certo encontro, sintetizamos a nossa prática conforme exponho a seguir e depois verificamos como esta síntese foi uma ajuda real para fazer uma leitura feminista.

3 METODOLOGIA DE LEITURA BÍBLICA FEMINISTA



Leituras realizadas com mulheres das comunidades e especialmente com jovens nos bairros de empobrecidos confirmaram como é possível uma conscientização e capacitação das nossas lideranças para ter outra compreensão dos textos bíblicos e da vida depois de tantas vezes comentados com compreensões e resultados legalistas sofridos pela falta de outras visões em suas interpretações.

3.1 Exercícios de interpretação em perspectiva feminista

Relato um exemplo, vivenciado por mim em uma comunidade de Goiânia retomando o texto Lc 15,8-9 com o método e o esquema proposto. A síntese foi redigida por Rosa, uma participante do grupo:

1 DESCOBRINDO O TEXTO (SUSPEITA)

Levantaram as perguntas que foram discutidas em grupos pequenos: como é apresentada essa mulher? O que ela faz? O que o texto não diz da mulher? Com quem essa mulher é comparada?

Sabemos que no contexto da época, no antigo Israel, quando foi contada essa história, o valor da mulher era definido em função do marido e dos filhos. É assim, que as mulheres na Bíblia, são reconhecidas por seus pais, maridos ou filhos, estes, normalmente lembrados como “heróis”. Na maioria das vezes, as mulheres que aparecem são apresentadas como mulheres sem nome, anônimas. Simplesmente são as filhas dos seus pais, as esposas dos seus maridos e as mães dos seus filhos, preferentemente homens. Elas são passivas, não tomam decisões, e até partilham um marido com outras mulheres.

Estudamos a figura das mulheres descritas por autores numa sociedade patriarcal que, sob essa ótica, apresentam as mulheres: se, estéril, tinha filhos, era graças à intervenção de Deus. Se doente, era pecadora, prostituta... E assim, muitas outras.

2 DESCONSTRUINDO O TEXTO

Levantamos perguntas. Aquelas para as quais as mulheres já têm respostas no dia-a-dia. Que imagem de mulher passa a leitura da mulher da moeda perdida? Como enfrenta sua situação? Que uso do corpo revelam os gestos e atitudes dessa mulher? Que imagem de mulher passam as amigas e vizinhas? O texto nos mostra mulheres no seu papel de “dona de casa”? Fazendo uma releitura: qual era a proposta dos direitos das mulheres dentro e fora de casa? “Imprimir um jeito feminino” é contrário ao compromisso de lutar pelos direitos do seu sexo? Como está o nosso empenho pela promoção dos Direitos Humanos com perspectiva de gênero?

Foi muito rico e interessante observar que as respostas eram semelhantes nos diferentes grupos. Na realidade, era expressar o desejo, como uma companheira afirmou: ‘Tudo isso que aprendo me confirma que devo educar as minhas filhas e filhos de forma bem diferente de como nós fomos educadas’.

3 RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Reconhecemos que fazer memória é importantíssimo na leitura bíblica. Devemos estudar textos bíblicos para descobrir, no contexto concreto, quais eram os fatores que contribuíram para a opressão das mulheres e também as lutas que enfrentaram contra a opressão, com o duplo objetivo de “devolver as mulheres para a história e a história às mulheres” (Joan Kelly).

4 ATUALIZAÇÃO CRÍTICA

Comentar de novo os valores do diálogo, desenho, encenação, dança! Pensar em outras formas de atualização do texto. O texto bíblico não é legitimação, é diálogo. O diálogo com o texto cria, gera algo novo que na realidade está dentro de nós.

SÍNTESE: ESTUDO BÍBLICO NA PERSPECTIVA POPULAR-FEMINISTA PROPÕE:

1) Refletir o que fazer para criar uma verdadeira parceria entre mulheres e homens, na procura de uma vida mais humana e fraterna para todas e todos nós. É urgente e necessário recriar as relações sociais de gênero, etnia, classe, geração e religião.

2) Adotar uma metodologia, na reflexão bíblica, que nos comprometa a:

- Estabelecer diálogo entre a vida e a Bíblia.
- Resgatar textos esquecidos, mal interpretados ou que incomodam.
- Priorizar o estudo de textos onde aparecem acontecimentos do cotidiano da vida e afirmar que há teologia na casa, na panela vazia, no corpo da mulher, na mulher estéril...
- Perceber: não existe neutralidade no contar histórias, na construção do saber.
- Suspeitar, confrontar nossas memórias, desconstruir, reconstruir, recriar.

4 ERA NECESSÁRIA, URGIA A PRÁTICA

Mulheres participantes ativas nas Igrejas Católicas do Sul reclamavam da situação de falta de valorização no seu serviço gratuito e até de falta de respeito dos presbíteros e diáconos com os quais tinham um trabalho pastoral. Muitas de nós líamos os livros e escritos de Elizabeth Schusler Fiorenza⁶, o que sempre nos motivou e ajudou. Com ela aprendemos muito.

Preparamos o estudo sobre a “Boa Notícia” de Lc 10,38-42 que nos ajudou a entender essa reclamação de tantas mulheres trabalhando nas nossas comunidades. Nós nos debruçamos sobre este texto aplicando o método proposto.

A) DESCOBRINDO O TEXTO (SUSPEITA)

Quais são as interpretações que conhecemos deste texto? Os relatos dos grupos foram os mesmos. O incômodo de ouvir que a vida contemplativa tinha mais valor do que a vida ativa nos intrigava. Cuidar de filhos e marido, às vezes, zelar pelos pais e sogros idosos. Trabalhar fora de casa e ainda sentir-se pouco valorizada pela mentalidade eclesial, era duro de engolir.

No sistema greco-romano, quando o texto de Lucas foi escrito tudo era baseado na divisão da realidade: racional X espiritual, rico X pobre, homem X mulher, patrão X escravo etc. O que justificava as relações de poder?

B) DESCONSTRUINDO O TEXTO

Não foi difícil perceber que a interpretação de Marta e Maria tem sido sempre dualista. De fato, as irmãs aparecem como:

Marta:	X	Maria
dona de casa	X	discípula
que fala	X	ouvinte
ativa	X	passiva
inquisidora	X	calada
rejeitada	X	escolhida

Certamente o texto fala da realidade das primeiras comunidades cristãs já que chama a Jesus de *Kyrios*, título que corresponde ao Senhor Ressuscitado. E situa Jesus no centro do relato entre duas mulheres: Uma ‘calada’ e outra ‘silenciada’.

6 Elisabeth Schüssler FIORENZA, *Pero ella dijo. Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madrid: Editorial Trotta, 1992, p.88-106.

C) RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

O que acontecia nas primeiras comunidades? Estamos na casa de Marta que tinha uma irmã, Maria. Seriam Marta e Maria, discípulas e lideranças numa *ekklesia* doméstica? *Diakonia*, nos tempos que se escreve o texto de Lucas, já era termo que designava liderança, serviço da mesa eucarística na igreja doméstica. Lucas, nos Atos, informa que os homens assim como as mulheres se converteram como discípulos (8,3; 9,1; 17,11; 22,5), porém, não narra nenhuma história de mulher presidindo uma reunião ou pregando a Palavra. Procurando mais história sobre Marta e Maria lembramos a narração de João que afirma eram amadas por Jesus (11,15). Marta confessa publicamente sua fé no Jesus Messias, Ressurreição e Vida (11,1-54) assumindo a liderança como porta-voz da fé da comunidade, e não é Pedro como afirmam os outros Evangelhos. Por que seria?

Reconstruir a história é confirmar que Marta e Maria eram líderes, incluídas, porém reprimidas, na luta das mulheres do século I para serem reconhecidas no seu ministério.

D) ATUALIZAÇÃO CRÍTICA

Atualizando o texto bíblico em poesia, na dança, no teatro. Trouxemos a história para nossas lutas. Não para legitimar, mas para dialogar. Aqui está uma das nossas grandes tarefas.

Depois de tão ricas experiências foram aparecendo novas ideias e propostas. Muito significativa foi a criatividade e a experiência de integrar o Bibliodrama, sabedoria e prática especial de nossa companheira Simone.

5 BÍBLIA E ARTE

Em Goiânia um novo Grupo de Mulheres “Leitura Feminista da Bíblia”, nasceu em novembro de 2015. Surgiu, uma vez mais, da necessidade de estudar os textos bíblicos na perspectiva feminista libertadora e crítica, para partilhar o aprendido com as mulheres camponesas longe de outras possibilidades de formação e crescimento pessoal.

Os encontros do grupo sempre foram mensais, aconteciam na sede da CPT - GO. Estudávamos aprofundando um texto bíblico e depois transferíamos para o corpo as reações e as descobertas através dos jogos do teatro do oprimido que nos ajudavam a desmecanizar os nossos corpos e expressar com liberdade corporal nossos entendimentos. Desmistificávamos os entraves opressores que nos tiram o direito, a voz e a vez. As descobertas eram partilhadas no coletivo. Era uma experiência de Bibliodrama.

O Bibliodrama era levado aos grupos de mulheres nas comunidades rurais, valorizando o texto bíblico, a sensibilização, e a ligação com a vida. Fizemos deste método um ato político de transformação pessoal e comunitária. As mulheres treinavam a partilha e reflexão para outras mulheres, ninguém ficava a mesma pessoa, as mudanças eram notáveis depois do encontro.

Outra experiência importante, pelos resultados, com destaque e motivação foi o de nossos encontros da “Palavra Que Vai à Rua”. O primeiro aconteceu em um bairro da periferia de Goiânia – o *Real Conquista*, no ano de 2016. Outros vários iam acontecendo em diferentes comunidades do interior e das periferias das cidades. Porém, o que deu um giro na experiência do grupo pelo muito valorizado, aconteceu no dia 8 de março, numa manifestação de Rua no Dia Internacional da Mulher. Nesse dia o texto interpretado foi a Moeda perdida (Lc 15,8-10). A experiência vivida na rua, numa praça pública do Centro de Goiânia, teve o texto bíblico, contado e dançado com músicas apropriadas, apresentação de faixas escritas com os verbos do texto. Abriu-se uma fala, dialogando com o público

presente, partindo de uma apresentação e dança. O fato foi uma costura do texto bíblico com a realidade atual das mulheres sofridas de hoje, focalizando as nossas perdas e o muito que perdemos cotidianamente. A Rua virou palco de arte com a beleza e encantamento pela Bíblia Palavra viva. Houve uma boa receptividade, sobretudo das mulheres e até de homens jovens presentes. Tempos depois éramos abordadas na rua para receber os elogios pela apresentação que mexeu e remexeu com muitas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi que cheguei até aqui? Anos atrás, fui convidada a visitar um acampamento do MST na diocese de Porto Nacional - TO. A Comunidade queria agradecer a conquista do poço artesiano na Escola que conseguiram abrir graças às ajudas de mulheres lutadoras da Espanha. Na escola, uma professora e seus alunos nos acolheram muito bem. No quadro da sala de aula estava escrito: OCUPAR, RESISTIR, PRODUZIR.

Os alunos comentavam o que entendiam das palavras do quadro. Não esqueço o rosto de uma menina negra dizendo algo assim: “Se Deus quer vida para todas as pessoas da terra, Ele quer que nós, negros e brancos, chegantes na região, ocupemos a terra para plantar e poder comer”. Eram tempos de mudanças e eu estava à procura de novos caminhos, para encontrar outros métodos de leitura bíblica. Naquele dia aprendi que eu tinha que entrar na Bíblia, ocupar a Bíblia como mulher, interpretar a Palavra, na nossa sociedade patriarcal e capitalista, principalmente junto às mulheres sofridas. A Palavra de Deus teria que nos mostrar novos caminhos para resistirmos nos grupinhos de leitura e estudo bíblico. Estas experiências, entre muitas outras, me faziam descobrir o sentido da Bíblia, Palavra, de forma diferente da que sempre era pregada. E cientes, em comunidade conseguimos produzir novas interpretações que nos fizeram mais livres.

O que não pretendíamos fazer na leitura bíblica popular-feminista?

- isolar textos de mulheres;
- estudar ou escrever histórias de heroínas;
- ponderar só as narrações de vítimas;
- esquecer que o patriarcalismo é um sistema construído por meio de relações sociais onde mulheres e homens estão envolvidos;
- acrescentar a questão da mulher como um tema a mais no estudo bíblico.

Na nossa leitura da Bíblia pretendemos tecer elementos que nos capacitem para uma leitura e reflexão crítica-construtiva dos textos sagrados, com visão feminista a partir das nossas próprias vidas. Portanto, o importante é refletir comunitariamente sobre acontecimentos das nossas vidas. E num processo de escuta, de troca de saberes e diálogo real, encontrar e interpretar a Sagrada Escritura como resposta para a vida das pessoas, no hoje e no agora.

Assumimos que nossa leitura feminista é leitura política porque procuramos novas respostas visando as relações de gênero, de raça, de classe, de geração e de religião. Temos muito claro que ainda hoje, na sociedade, as mulheres sempre são as que não contam. A leitura da Bíblia nos confirma que mulheres e homens são filhas e filhos de Deus com os mesmos direitos e deveres.

Com esta leitura da Bíblia, como cristãs, assumimos: frente à exclusão, queremos proximidade. Frente ao mercado total, à globalização, optamos pela gratuidade. Frente à corrupção, nosso compromisso é a ética. Deus conosco!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BUDALLÉS DIEZ, Mercedes, GOBBI, Carmelita. Metodologia de Leitura Feminista e Popular da Bíblia. In: *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: Ensaio de Leitura Bíblica Popular, Feminista e de Gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2007, n.229/230, p.55-58.
- BUDALLÉS DIEZ, Mercedes. Meus olhos já são bifocais. In: *Hermenêutica Feminista e de Gênero*, São Leopoldo: CEBI, 2000, n.155/156, p.26-35.
- BUDALLÉS DIEZ, Mercedes. Mulher, a tua fé te curou! In: *Vida e Bíblia*. Mulheres tecendo cura. São Leopoldo: CEBI, 2008, n.250, p.53-62.
- BUDALLÉS DIEZ, Mercedes. Da pastoral bíblica da animação bíblica a toda a pastoral: Do Concílio aos nossos dias. In: *1 Congresso Bíblico da Animação Bíblica da Pastoral*. CNBB, 2011.
- CARDOSO, Nancy; MESTERS, Carlos. A Leitura Popular da Bíblia à procura da moeda perdida. In: *A Palavra na Vida*. São Leopoldo: CEBI, 2011, n.73.
- CROATTO, José Severino. *Hermenêutica bíblica*. Buenos Aires: Ediciones La Aurora. 1984.
- DEIFELT, Wanda. *Temas y metodologías de la teología feminista*. Revista Alternativas, Teología y Genero. Manáguas: Lascasiana, Ano 10, n.26, Julho-Dezembro de 2003, p.61-78.
- DOMEZI, Maria Cecília. *Mulheres que tocam o coração de Deus*. Vozes, Petrópolis 2019.
- FIORENZA, Elisabeth Schuessler. *Caminhos da Sabedoria: Uma introdução à interpretação feminista da Bíblia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- FIORENZA, Elisabeth Schuessler. *Pero ella dijo: Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madrid: Editorial Trotta, 1992, p.88-106.
- FIORENZA, Elisabeth Schuessler. *En memoria de Ella: Una reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1989.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Leitura Popular da Bíblia: um caminho desde a base*. CEBI, 14 out. 2007. Disponível em: <<https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/sobre-leitura-popular-da-biblia-parte-i/>>. Acesso em: 1 set. 2021.
- MORAES, Madson de. *Freira feminista? Conheça Ivone Gebara*. Disponível em <<https://bit.ly/2FIOWnY>>. Acesso em: 12 set. 2021.
- OTTERMANN, Mônica. *Gênero e Bíblia: uma ciranda sem fim*. In: PJ a caminho, 93. Porto Alegre: Instituto Pastoral da Juventude, 2003.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Perfume derramado das feministas*. Trabalho apresentado no VII Encontro do ministério pastoral feminino, 1994.
- SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- WEGNER Uwe. *Exegese do novo testamento. manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

A TEOLOGIA NA PRÁTICA DE JOSÉ COMBLIN

da escuta à escrita

THE THEOLOGY IN JOSÉ COMBLIN'S PRACTICE

from listening to writing

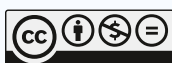
*Lucy Terezinha Mariotti**

Resumo: A Igreja em saída reivindica discípulos missionários para ser coerente em meio aos desafios contemporâneos. Encontramos no teólogo Pe. José Comblin e em sua ação missionária uma metodologia que conseguiu de forma eloquente a articulação entre teologia e prática. A partir de uma análise bibliográfica e de testemunhos, o presente texto busca destacar o seu fazer teológico, considerando três dimensões: do missionário aberto a encontrar e conviver em novos espaços; atento aos “sinais dos tempos” que inspiraram práticas ousadas e na permanente escuta do Espírito que sopra onde quer e preferentemente em meio aos pobres. Seguindo este itinerário assumimos a hipótese de validar este como método teológico urgente na igreja em saída, missionária e profética como tem escrito e testemunhado Papa Francisco.

Palavras-chave: Escuta. Sinais dos tempos. Espírito. Pobres. Metodologia.

Abstract: The Church which goes forth calls for catholic missionary disciples in order to be coherent amidst contemporary challenges. We can find in theologian Fr. José Comblin and his missionary action, a methodology that eloquently achieved an articulation between theology and practice. Based on a bibliographic analysis and testimonials, this essay seeks to highlight Fr. Comblin's theological practice by taking three dimensions into consideration: the missionary who was willing to find and live in new spaces; his attentiveness to the “signs of times” that inspired bold actions; and his permanent listening to the Spirit that blows where it pleases, preferably among the poor. Following this route, we assume the hypothesis of validating this as an urgent theological method in the missionary and prophetic Church that goes forth, as it has been written and witnessed by Pope Francis.

Keywords: Hearing. Signs of times. Spirit. Poor. Methodology.



INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende encontrar o que embasou a Teologia e a ação missionária de Comblin por meio de alguns de seus escritos e depoimentos registrados por pessoas que o conheceram ou com ele conviveram. O padre belga deixou uma vasta obra para ser lida, degustada e analisada em centenas de entrevistas, 420 artigos e mais de 70 livros, além de cartas a amigos, ex-alunos, familiares, bispos, sacerdotes e missionários. O seu método do fazer teológico revela, em poucas amostras de seus escritos, um vestígio de um projeto de vida que antecede o método e que foi considerado pelos testemunhos. Revisitamos textos do autor do ano 74, após a experiência do Seminário rural enquanto era assessor de Dom Hélder Câmara, dos 80 quando retorna do Chile onde esteve exilado e textos dos anos 2000, dentre os seus últimos escritos. Para responder à questão adentramos em três direções, destacando o teólogo missionário de Jesus Cristo; a sua atenção aos “sinais dos tempos” e a vida no Espírito. Um *minimum* fundamental que permeia o seu jeito de ser e de fazer Teologia, aquilo que o tornou uma voz profética e incômoda, mas reconhecidamente necessária na Igreja, em especial na América Latina.

1 O TEÓLOGO MISSIONÁRIO

A Igreja pós Concílio Vaticano II, Povo de Deus, Igreja toda missionária, tem em Pe. José Comblin um de seus mais fervorosos defensores e animadores. Ao falar sobre a teologia da missão, Comblin¹ argumenta que a teologia parte da prática missionária que em um dado momento será explicitada, examinada criticamente e sintetizada em conceitos científicos. O autor entende a missão não como recrutamento de novos membros para a Igreja, uma atividade de grupos institucionalizados, que parte ou está em função da Igreja, mas como ação inspirada nos próprios atos de Jesus Cristo. “Jesus dirige-se aos que estão fora, fala para denunciar, anunciar, provocar, chamar à transformação de vida, libertar do passado, da sinagoga, do peso dos escribas e das tradições”². Não é, portanto, fazer proselitismo. Assim também vemos Papa Francisco exortar a sair, a tomar a iniciativa e chegar até os últimos:

Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

Sair é um verbo que caracterizou a vida de Comblin que era professor na Bélgica, mas optou por ser missionário no Brasil; chegou em Campinas (SP) em 30 de junho de 1958, onde atuou como professor; mas após três anos e meio mudou-se para o Chile e, em 1965 para Recife (PE), a convite de dom Hélder Câmara, de quem foi assessor. Escolheu o Nordeste como lugar para viver sua vida de teólogo missionário, onde priorizou a formação das lideranças da Igreja por acreditar que é delas que depende a sua renovação em igualmente renovados métodos de evangelização; elaborou subsídios e cursos direcionados a diferentes públicos com o intuito de que todos pudessem compreender o Evangelho.

Durante as férias, segundo a sua biógrafa Monica Maria Muggler, viajava por toda a América Latina para conhecer a realidade social, econômica, política, as culturas e seus

1 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.10-16.

2 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.2.

povos, o que o colocou em contato igualmente com diferentes experiências pastorais. “Desde o México até o Chile pôde testemunhar as buscas e os ensaios daquilo que daria fundamento a uma teologia especificamente latino-americana”³.

A disposição de encontrar o diferente, o novo, encontrar pessoas e desafios fazem parte do cotidiano de Comblin. Ele se inspira e realça a vinda de Jesus ao mundo; um mundo concreto, feito de pessoas. Cada pessoa é um lugar deste encontro: “Jesus Cristo veio para dirigir a palavra a Pedro, João, André, e a todos os Pedros, Joões, Antônio ou Severinos da história”⁴. Essa vinda ao mundo e o ir ao encontro de homens e mulheres significa penetrar não só no íntimo de cada pessoa, mas chegar às grades das estruturas sócio-econômico-culturais que se impõem escondendo e oprimindo as pessoas. Assim também, a Igreja é convocada a fazer essa viagem, a caminhar, a sair para encontrar; a correr o risco de não ser acolhida ou compreendida. E isso o nosso autor vivenciou. Foi expulso duas vezes: pela ditadura Pinochet no Chile e governo Médici no Brasil por sua perspicácia e lucidez na análise da realidade nos tempos em que rondava, na Igreja e nos governos antidemocráticos, o fantasma do comunismo. Também ele foi identificado como uma ameaça; mas, mesmo exilado, mantinha a comunicação com pessoas e grupos que participavam dos seus projetos de formação para lideranças e comunidades eclesiais de base.

Em um livro intitulado “O Enviado do Pai”, Comblin mostra a centralidade da missão no quarto Evangelho. Começa argumentando que o Evangelho de João quer dar uma resposta à pergunta: quem é Jesus? Mas “Jesus não diz quem ele é: diz donde vem e aonde vai”⁵. Jesus é aquele que vem, que foi enviado pelo Pai (cf Jo 7,28). É a própria mensagem do Pai e se identifica com a sua missão; “Ele existe na condição de missionário. Nele se revela justamente o modo de ser humano que é o ‘ser missionário’”⁶. Jesus não é em função de si mesmo, mas é enquanto comunicação, mediação que permite o encontro de Deus com o mundo. Quem conheceu Comblin pode afirmar: “Comblin fez de sua vida e de sua teologia um desdobramento dessa centralidade da missão”⁷.

Comblin argumenta que a missão não é acidental, mas é a razão de ser da Igreja: “a norma, o significado e o próprio conteúdo da missão dos cristãos é a própria missão de Jesus”⁸. Jesus, o enviado do Pai, entra no mundo das pessoas, enfrenta as estruturas que escravizam, encontra resistências. Assim como ele, a Igreja, comunidade dos seus discípulos, faz a mesma viagem que ele fez: do Pai para as pessoas, mesmo quando os caminhos se apresentam estreitos e árduos. Nesse movimento ela sai de seus limites e se integra numa cultura, o que não é fixar um discurso eclesialístico em comunidades fechadas em si mesmas. Seguir Jesus Cristo leva a Igreja a uma permanente flexibilidade; livre do passado, da dependência de culturas, povos ou circunstâncias que possam obstaculizar a ação no presente. “Já que a história da Igreja é essencialmente a história da missão, importa reconhecer os tempos da missão e a sua história com os seus sinais visíveis”⁹. Somente assim a Igreja poderá encontrar as palavras certas para traduzir as palavras dadas por Jesus a quais precisam ser constantemente reformuladas para chegar ao coração das pessoas.

Diante disso podemos dizer que o método de Comblin provém da contemplação e assimilação do jeito de Jesus falar e agir: “Vendo o que é Jesus, vemos também o que é o discípulo e o que é a Igreja”¹⁰. Por isso, mesmo, tem presente que a mensagem do

3 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.150.

4 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.21.

5 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.9.

6 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.11.

7 Paulo SUESS, *Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai*, p.77.

8 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.22.

9 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.73.

10 José COMBLIN, *O enviado do Pai*, p.13.

Evangelho - conteúdo da missão da Igreja - não cabe em formulações fixas, em discursos estáveis que possam ser recitados em todos os lugares e tempos. Daí porque encontramos em seus escritos uma crítica à burocracia eclesiástica. Nosso autor adverte que é necessário falar de modo que as palavras sejam compreendidas, para tanto é imprescindível compreender o presente, ouvir as perguntas, perceber os desafios da realidade, enumerar as características que distinguem o nosso tempo dos tempos anteriores, ler os sinais dos tempos.

2 A LEITURA DOS SINAIS

As pessoas que conheceram Comblin e a leitura de seus escritos testemunham que ele era uma pessoa que prescrutava a realidade; ela era o chão a partir do qual contemplava a vida e a Palavra de Deus e de onde nasciam seus textos e seus projetos de formação, primeiro nas universidades, na formação do clero e, depois na formação dos leigos. “Quando chegou na América Latina, Comblin já se preocupava em elaborar uma teologia que levasse em conta as bases sociais e a realidade. Ele considerava a atenção às realidades terrestres como uma preparação a uma teologia da revolução”¹¹. *Théologie de la révolution: théorie*, é o título do seu livro editado na França no ano de 1974. Em outra obra, retomando a história da Igreja, argumenta que a teologia se tornou estéril quando se esqueceu dos pobres, constituindo-se um mundo à parte, com discussões apologéticas e inúteis. No entanto, o Evangelho é claro, Jesus privilegia os pobres; aos pequenos se revela (cf. Mt 11,25), porque eles estão abertos a receber a verdade e o esquecimento dos pobres constitui a ruína da Teologia¹². Se o critério de toda a evangelização, de toda a ação da Igreja é a libertação dos pobres, o mesmo vale para a teologia. A verdade liberta: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,31-32).

O problema, segundo Comblin, está ligado ao fato de que a teologia ainda inspirada na filosofia grega, segue um esquema medieval ao pretender conectar fórmulas racionais à verdade. “A teologia grega exalta o valor dos conceitos dos quais se afirma que descrevem a realidade. Na realidade, os conceitos somente descrevem ou representam algumas porções de realidade”¹³. No entanto, Jesus se apresenta aos seus discípulos como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6); a Verdade que se revelava no amor. A verdade não está no âmbito das ideias ou conceitos, mas significa o que existe e dá vida, é real. Portanto, seguir a Jesus é viver na verdade, na coragem da verdade, como Ele viveu. É preciso ter presente que o embate entre ele e os que o condenaram se inscreve no enfrentamento entre verdade e mentira. Jesus denuncia a mentira e as autoridades de Israel não acreditaram nele exatamente porque ele falava a verdade (cf. Jo 8,44-45)¹⁴.

Neste sentido concordamos com Edelcio Ottaviani que demonstra a aproximação de Comblin, embora por outras premissas, às pesquisas do filósofo francês Michel Foucault¹⁵. O dizer verdadeiro, a fala franca é o que Foucault chama de “*parresía*”¹⁶. O sujeito livre se apresenta aos olhos dos outros e a si próprio, pronunciando um discurso verdadeiro; assim se manifesta e assim é reconhecido. A verdade não é retórica porque respaldada pela existência bela que é articulação ou coerência entre as convicções mais profundas e as

11 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.71.

12 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.53-54.

13 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.5.

14 Lucy Terezinha MARIOTTI, *Ele se vestiu de pastor, mas o revestiram de imperador*, p.119-122.

15 Edelcio OTTAVIANI, *Busca da verdade versus ideologia no Acontecimento José Comblin*, p.71-74.

16 *Parresía* - do grego - coragem da verdade. Tema desenvolvido por Foucault, em suas aulas, no ano acadêmico 1983-1984 no Collège de France.

atitudes¹⁷ *Parressía* é a coragem da verdade, de assumir os riscos pelo dizer de forma franca e de aceitar a verdade por parte do interlocutor¹⁸.

Comblin, um dos expoentes da Teologia da Libertação, pautou sua vida na Palavra da Verdade, a Verdade que liberta e “considerava a vida cristã do povo de Deus, das comunidades populares e suas lutas de vida e morte, como o lugar primeiro de toda teologia cristã e teologia de libertação”¹⁹. Constatou que a Igreja estava quase ausente do meio popular e que havia um discurso do pobre, porém vazio. Acreditou que as comunidades devem ser formadas, conforme o estilo de vida e da cultura, com a sensibilidade própria dos pobres; comunidades nas quais eles se sentem “em casa”²⁰. Vivendo no meio dos pobres, ouvindo suas perguntas, Comblin vai lendo os sinais, os “sinais dos tempos” e a partir disso, empreendeu suas ações e na ótica do pobre escreveu suas reflexões em formato de cursos e livros.

Sinal dos tempos é um conceito encontrado em um único texto, no Evangelho de Mateus 16,3 e utilizado por João XXIII e pelo Concílio Vaticano II²¹. Em um de seus artigos com o título “Sinais dos tempos”, o Padre Comblin demonstra as variações do conceito e a atualidade da sua interpretação: o primeiro sentido, presente nos discursos daquele Papa, aparece como advertência, atenção; o sinal indica uma realidade não percebida, mas que exige resposta, o que implica em mudanças na Igreja “que poderiam estar relacionadas com as mudanças do mundo”²². O concílio entendeu que era necessário conviver com a modernidade.

A análise de Comblin destaca que João XXIII encontrou nos sinais indicações de novos rumos. “Todas as empresas, todas as instituições devem prestar atenção aos sinais de mudança que as obrigam a mudar os seus programas”²³. E retém este como o segundo sentido, pois o papa convocou a Igreja a olhar para o mundo com otimismo, valorizando o que existe de positivo na sociedade moderna. Seja por motivação evangélica ou por instinto de sobrevivência, a Igreja aceitou a modernidade como um sinal dos tempos. Comblin, neste contexto, observa que existe uma antiga e atual luta a superar entre o Espírito e a lei. Alguns pensam que para defender a Igreja é preciso condenar e aumentar o legalismo como muralhas de resistência, mas “João XXIII estava muito consciente do problema, apesar de não ser teólogo. Estava mais perto do povo e podia entender qual era o eixo do problema”²⁴.

Mas Comblin é propenso em concluir que o Papa aludia ao texto de Mateus, isto é, “que estamos nos tempos do advento do reino de Deus, reino de misericórdia e apelo universal [...] tempo para anunciar os sinais do reino de Deus”²⁵. O contexto, continua o nosso autor, é de conflito entre Jesus e as autoridades que não sabem reconhecer os sinais dos tempos, os tempos messiânicos. Fariseus e saduceus esperavam um Messias de acordo com um molde por eles desenhado. Jesus anuncia o Reino de Deus no qual não há espaço para templo, lei e um sistema religioso fechado, baseado em privilégios. Entendem a mensagem de Jesus, mas resistem em reconhecer os sinais. João XXIII anunciou novos tempos; o final de uma época e o início de outra.

17 M. FOUCAULT, *A coragem da Verdade* – O governo de si e dos outros II, p.3-4.

18 M. FOUCAULT, *A coragem da Verdade* – O governo de si e dos outros II, p.13.

19 Luiz Carlos SUSIN, *José Comblin, um mestre da libertação*, p.128.

20 José COMBLIN, *O que é a verdade?* p.57.

21 O tema foi igualmente desenvolvido por Clodovis Boff em “Sinais dos Tempos” – princípios e leituras. São Paulo: Loyola, 1979.

22 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.102.

23 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.105.

24 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.178.

25 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.107.

A análise de Comblin²⁶ aponta que no Concílio de modo geral e, em particular na *Gaudium et Spes*, os pobres não são reconhecidos como o são nos Evangelhos e em todo o Novo Testamento. Em seu lugar, estava a preocupação pela modernidade e predominou uma visão otimista e ideológica do mundo, confirmando o sistema estabelecido com exortações e, por esse motivo, é preciso esclarecer o que significa a “luz da fé”. Não significa aceitar pontuais verdades bíblicas, mas reconhecer o advento do Reino, “a marcha do povo de Deus nos nossos tempos”²⁷. Porque o Reino é movimento de libertação de todas as forças opressoras humanas e institucionais que submetem as pessoas por meio de mentiras, violência, engano. Jesus lutou durante toda a sua vida para libertar o povo da violência, da injustiça, da mentira. Ele não enfrenta um pecado misterioso escondido nas consciências individuais; mas luta contra a mais significativa das opressões que é a dominação religiosa; disfarçada e escondida é a mais perigosa de todas porque invoca a autoridade de Deus:

A luz da fé mostra a presença atual da mesma luta de Jesus em cada momento da história. Ela não mostra simplesmente situações. Ela mostra a marcha do reino de Deus frente a inimigos tão fortes. Os sinais são as lutas dos pobres, excluídos, dominados. Pois ali está Deus. Ali está Jesus e se trata de descobrir ou reconhecer essa presença no nosso mundo. As forças dominantes negam a dominação, escondem a realidade, fazem discursos bonitos para justificar e consolidar a sua dominação. Jesus vem tirar essas máscaras e manifestar a verdade do mundo²⁸.

A luz da fé é capaz de mostrar o que os meios de comunicação, os discursos dominantes e até a ciência escondem ou negam, assim afirmou o nosso autor. Os sinais dos tempos mostram o que está acontecendo e que está intencionalmente oculto, o que os privilegiados negam, mas que é visível para as vítimas. A luz da fé revela o que as pessoas querem esconder e não o que ignoram, porque o contrário de luz são as trevas e não o ignorar. A luz da fé “não dá a conhecer todos os mecanismos de funcionamento da sociedade, mas as motivações secretas que as estruturas querem esconder”²⁹. Os sinais dos tempos mostram onde estão os oprimidos e o que realmente importava para Jesus e, hoje, para seus discípulos: a libertação dos oprimidos. E é este o lugar, a partir do qual Comblin faz a leitura da realidade e do Evangelho. Neste sentido também afirma Papa Francisco que o anúncio do Evangelho e o testemunho cristão indubitavelmente passam pela transformação social em favor dos mais vulneráveis (cf. EG 180).

Pe. José Comblin³⁰ entende que os tempos têm seus sinais e que nem todos percebem, porque para estes a história é apenas continuação do passado. Os sinais dos tempos não são oportunidades de expansão ou crescimento quantitativo da Igreja, nem revelam em que a ela deve se adaptar. Sinais dos tempos da missão da Igreja são os passos dados ao encontro dos outros. “Esses passos são os lugares da manifestação de Jesus Cristo na luz do Espírito”³¹; é no outro que o discípulo missionário encontra o Cristo que pensava conhecer. Os sinais são oportunidades para que a Igreja possa “nascer de novo”, como Jesus propusera a Nicodemos (cf. Jo 3,7). As manifestações exteriores desta vocação são sinais dos tempos; é quando o Espírito convoca a Igreja a sair de si e enfrentar novos desafios, a viver tempos novos da manifestação de Jesus Cristo. Atento aos movimentos do Espírito, Comblin foi um teólogo missionário sensível aos “sinais dos tempos” e em sua prática pedagógico-pastoral ousou respostas corajosas.

26 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.112-114.

27 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.112.

28 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.114.

29 José COMBLIN, *Os sinais dos tempos*, p.114.

30 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.72-78.

31 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.73.

3 A ESCUTA DO ESPÍRITO

As opções de Comblin deixam transparecer a liberdade de alguém que vive como Igreja e, por isso mesmo, mostra as tensões, seus pontos nevrálgicos enquanto intui e aponta alternativas nas quais inclui a si próprio e sua ação enquanto teólogo e missionário. Para ele, a teologia deve “falar” às pessoas; se não o fizer não é teologia: “a teologia é um ato reflexo, realizado depois das experiências e a partir delas”³². Portanto, a vivência, o que acontece no cotidiano das pessoas são os dados da teologia. Os resultados da investigação dos sinais dos tempos serão assim integrados na missão da Igreja – Povo de Deus.

Comblin sempre esteve atento à ocasião propícia (kairós) para colocar em prática o resultado de suas reflexões teológicas e não se poupou dos riscos que isso implicava. Desde o início do seu ministério, o vemos atento à voz do Espírito para não deixar escapar o momento favorável de transformar em práticas (tà prágmata) o que suas reflexões teológicas, amparadas pelos maiores pensadores da época, julgaram ser mais sensato³³.

A leitura de sua produção intelectual mostra embasamento bíblico teológico, nas ciências humanas e sociais e mais do que isso, deixa transparecer claramente a contemplação da ação do Espírito. A teologia do Espírito embasou suas análises críticas frente à instituição eclesial, às doutrinas, à realidade e à prática cristã. “A vida de José Comblin, sacerdote e teólogo, é um testemunho contundente da ação do Espírito Santo”³⁴. A teologia do Espírito foi um tema priorizado e percorrido por Comblin em cinco de seus livros. O primeiro: “O tempo da ação – ensaio sobre o Espírito e a história” já nos permite entender de onde provinha a sua aguçada crítica e suas corajosas e inovadoras ações.

O Espírito, escreve Comblin³⁵ é que está na origem de todas as nossas ações. E são elas que fazem a história. O próprio Espírito se faz conhecer ou compreender por aquilo que faz. Deus é ação e é este o conteúdo da mensagem cristã. “Só podemos compreender o alcance de nossa ação se a referirmos à sua origem: pois nossa ação é uma expressão de uma ação do próprio Deus [...]. A ação de Deus é aquela que a mensagem do Novo Testamento põe em relevo: é o Cristo e o Espírito”³⁶. E o Cristo hoje, age pelo Espírito que habita em nós e age em nós. Agir é entendido por Comblin como salvar-se das pressões, libertar-se das estruturas, recuperar a autonomia. Ação é o que muda o mundo e aquilo que fazemos para mudarmos a nós mesmos.

Nosso autor, destaca essa ação, dentre tantas de suas obras, também no livro “O povo de Deus”, enfatizando a quem Jesus privilegiou: os marginalizados como as mulheres, os pobres, os abandonados, os doentes, aqueles que o sistema religioso e político desprezavam. Nessa obra ele postula: “O povo de Deus é povo de pobres”³⁷. Foi a partir das conferências de Medellín e Puebla que a Igreja na América Latina “passou a defender mais nitidamente que os pobres ocupam o primeiro lugar no povo de Deus, que o povo de Deus se caracteriza pelo pobre e que a Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres”³⁸. E Comblin fez parte da construção desta Igreja com rosto latino americano, sendo um dos seus teólogos assessores. Para ele, a abertura da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, foi um sinal da presença do Espírito porque ela saiu de si mesma para se juntar à ação dos homens,

32 José COMBLIN, *Teologia da missão*, p.7.

33 Edécio OTTAVIANI, *José Comblin: um teólogo contemporâneo e parresiaista*, p.179-203.

34 Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.19.

35 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.45-72.

36 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.46-47.

37 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.281.

38 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.238.

“conexa ao impulso do Deus que age, do Deus que é Espírito [...]. A Igreja não existe a não ser no Espírito e sob a movimentação do Espírito”³⁹.

Essas convicções tornaram-se vida em Comblin; em toda a sua trajetória leu a história da Igreja e escreveu a partir da ótica dos mais necessitados, conforme o Espírito de Jesus. Podemos dizer que era essa a base de seu projeto de vida que buscava realizar coerentemente. Em uma carta escrita em Talca, Chile, em 6 de agosto de 1973”, Comblin escreveu: “Procurarei viver o que eu mesmo ensino”⁴⁰.

Suas palavras faladas ou escritas, antes foram escutas de palavras ditas pela realidade. Atento às perguntas, ele sentava-se em círculos de intelectuais, agentes de pastoral, entre colegas de sacerdócio, religiosos e religiosas, leigos e leigas para trocar ideias, analisar a realidade, para discernir os sinais que apontariam ações novas; ensinava a contemplar a ação do Espírito em meio à “verdadeira Igreja, a Igreja dos pobres”⁴¹. Luiz Carlos Susin considera Comblin “um mestre da libertação”⁴² ao comparar o seu método à maiêutica socrática, dado que não só ouvia perguntas, mas fazia perguntas provocadoras; por meio da aporia – que cria o impasse, o paradoxo, impede a fixação do sentido - instigava a discernir, inquietava. Susin mostra a similitude do teólogo com pedagogo crítico Paulo Freire (filósofo e educador brasileiro) e Ivan Illich (filósofo e educador austríaco, crítico do sistema educacional).

Comblin acreditava no diálogo, na aprendizagem contínua, liberta de traçados prontos, na busca coletiva, na ação conjunta. Sua sensibilidade percebia as necessidades no campo e na cidade, na Igreja e na sociedade e suas respostas foram se diversificando em palavras compreensíveis a todos, tanto nas universidades quanto nas comunidades eclesiais de base, nos subsídios e cursos simples elaborados com a intenção de que a mensagem do Evangelho fosse acolhida e vivida sob o sopro do Espírito.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

A nossa abordagem apresentou um fragmento do que foi motivador na prática teológica de Comblin. Pudemos destacar, e retemos como atual para a Igreja de nossos dias, que o seu método provinha do próprio Evangelho, por meio do qual reconheceu e interpretou a realidade com suas demandas, suas possibilidades e limites; da escuta atenta das perguntas foi desenhando um caminho novo e coerente com o sentir e o agir de Jesus Cristo. A partir da escuta dos sinais, com os pés firmes na realidade conseguia compreender a voz do Espírito. O discernimento, feito sempre em grupo, afluía em iniciativas inéditas como escolas missionárias para leigos e religiosos e a formação, contextualizada no meio rural, para sacerdotes, tema que não aprofundamos, mas que vale a pena ser revisitado.

A centralidade da missão em sua vida, o fez formador de missionários. A vida dos pobres com suas alegrias, tristezas e sua mística esperançosa foi o universo a partir do qual nascia uma prática que tinha seu desfecho nos artigos e livros; um saber que dialogava com outros saberes e era partilhado nas assessorias, nas universidades e nas bases, seu ponto de partida.

O teólogo Comblin soube harmonizar erudição e simplicidade; testemunha do Espírito como força, movimento, sopro de vida e libertação, apostou numa Igreja missionária, em saída dos esquemas fixos, sem medo de dar voz e de acreditar no

39 José COMBLIN, *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*, p.15.

40 José COMBLIN, *Apud* Monica Maria MUGGLER, *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*, p.111.

41 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.238.

42 Luiz Carlos SUSIN, José Comblin, um mestre da libertação. In HOOMAERT, Eduardo (org). *Novos desafios para o cristianismo. A contribuição de José Comblin*, p.125-138.

protagonismo dos pobres. Comblin viveu em sintonia com a Igreja pós Vaticano II, contribuindo para que ela se redescobrisse em seu semblante latino-americano.


O mesmo Espírito continua inspirando discípulos missionários a perceber os indicadores de novas práticas que falem com a ação, a voz e a escrita uma mensagem inteligível. O Espírito de Jesus - Verdade que conduz à vida - desafia a Igreja hoje, em tempos de *fake news*, a gritar a verdade que liberta, que traz vida, que responda às perguntas feitas nas realidades mais gritantes, em todas as periferias: os lugares privilegiados de escuta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMBLIN, José. *O enviado do Pai*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a História*. Traduzido pelo autor por Celina Monteiro. Petrópolis: Vozes, 1982.
- COMBLIN, José. *Teologia da missão*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- COMBLIN, José. *O que é a verdade?* São Paulo: Paulus, 2005.
- COMBLIN, José. *Os sinais dos tempos*. Revista *Concilium* – Revista Internacional de Teologia 312, 4, 2005, p.101[525]-114 [538].
- COMBLIN, José. *O povo de Deus*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da Verdade – O governo de si e dos outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- MARIOTTI, Lucy Terezinha. *Ele se vestiu de Pastor, mas o revestiram de imperador: Representações de poder e resistência a partir da arte cristã na Antiguidade tardia*. Dissertação de mestrado. PUC-SP, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/23592>.
- MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin: Uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.
- OTTAVIANI, Edelcio. *José Comblin: um teólogo contemporâneo e parresiasta*. Revista Estudos de Religião, v.29, n.1, jan-jun 2015, p.179-203.
- OTTAVIANI, Edelcio. *Busca da verdade versus ideologia no Acontecimento José Comblin*. Revista de Cultura Teológica. São Paulo. Ano XXVII. Nº Especial I Jornada José Comblin. Out/Nov 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/45265>. Acesso em 11-11-2020.
- SUESS, Paulo. *Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai*. Revista Paralellus, Recife, v.6, n.11, Especial José Comblin, 2015, p.75-80.
- SUSIN, Luiz Carlos. José Comblin, um mestre da libertação. In HOOMAERT, Eduardo (org). *Novos desafios para o cristianismo. A contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012, p.125-138.

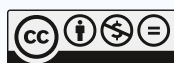
* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF. Graduado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2014). Especialista em Espiritualidade pela Faculdade de Teologia e Pastoral - Itepa Faculdades, de Passo Fundo. Especialista em Educação no Campo com ênfase em Estudos da Realidade Brasileira pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó.

E-mail: tiago_xxe@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4573-0683>

Recebido em 30/09/2022

Aprovado em 19/10/2022



DOM JOSÉ GOMES E A METODOLOGIA POPULAR DOS GRUPOS DE REFLEXÃO NA DIOCESE DE CHAPECÓ-SC

DOM JOSÉ GOMES AND THE POPULAR METHODOLOGY OF REFLECTION GROUPS IN THE DIOCESE OF CHAPECÓ-SC

*Tiago Arcego da Silva**

Resumo: As décadas de 1960 a 1980 trazem um novo cenário eclesial, diante do contexto político, social e econômico em toda a América Latina. Há um aprofundamento da pobreza e desigualdade social, bem como há também a abertura da Igreja Católica para uma nova leitura teológica, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), Medellín (1968) e da Teologia da Libertação. No bojo deste contexto, é transferido para a Diocese de Chapecó, no Oeste Catarinense, o bispo Dom José Gomes, o qual se torna um ícone da ala progressista Igreja Católica no Brasil. O bispo irá desencadear muitas frentes eclesiais e sociais libertadoras. Entre elas, interessa nesta reflexão percorrer a metodologia dos Grupos de Reflexão, dimensão eclesial singular na formação e libertação das consciências do povo do Oeste de Santa Catarina. Para dar conta deste objetivo, primeiro refletimos o fortalecimento dos Grupos e sua metodologia na Diocese, e em seguida, o papel fundamental de Dom José em reforçar e entender tais reuniões como espaço privilegiado de formação de lideranças.

Palavras-chave: Grupos de Reflexão; Dom José Gomes; Teologia da Libertação; Diocese de Chapecó.

Abstract: The decades from 1960 to 1980 brought a new ecclesial scenario, given the political, social and economic context throughout Latin America. There is a deepening of poverty and social inequality, as well as the opening of the Catholic Church to a new theological reading, from the Second Vatican Council (1962-1965), Medellín (1968) and Liberation Theology. In the midst of this context, Bishop José Gomes is transferred to the Diocese of Chapecó, in western Santa Catarina, who becomes an icon of the progressive wing of the Catholic Church in Brazil. The bishop will unleash many liberating ecclesial and social fronts. Among them, it is interesting in this reflection to go through the methodology of the Reflection Groups, a singular ecclesial dimension in the formation and liberation of the consciences of the people of the West of Santa Catarina. To achieve this objective, we first reflect on the strengthening of the Groups and their methodology in the Diocese, and then, the fundamental role of Dom José in reinforcing and understanding such meetings as a privileged space for leadership formation.

Keywords: Reflection Groups; Dom Jose Gomes; Liberation Theology; Diocese of Chapecó.

INTRODUÇÃO

O contexto do final da década de 1960 apresenta um cenário de endurecimento do regime político no país, desigualdade social em números alarmantes, repressão, fome e pobreza. Cena parecida se replicava em muitos países da América Latina. Diante deste panorama, a Igreja Católica procurava se reposicionar, ao mesmo tempo em que sofria pressão para que assumisse uma postura mais aberta, frente a sua tamanha influência neste ambiente, fruto de diferentes experiências locais e os resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965). A Conferência Episcopal realizada em Medellín, em 1968, aponta novas possibilidades de abordagem, com campo aberto para uma nova interpretação teológica, pouco mais tarde sintetizada como Teologia da Libertação (TdL)¹, em todo o Continente.

É nesse período que ocorre a transferência de Dom José Gomes, então bispo da Diocese de Bagé – RS, para ser o terceiro bispo da Diocese de Chapecó - SC, o qual permaneceria de 1968 até 2002, ano de sua morte. Embora não se saiba ao certo o porquê da decisão política da Igreja pela transferência do bispo, como veremos, em Chapecó sua presença foi decisiva, pois assumiu o cargo de figura eclesial mais importante, e também foi onde sua história ficou marcada como à história de um grande líder da Igreja e dos movimentos sociais no Brasil.

Aos poucos, a Igreja local assume e traduz os debates que toda a América Latina fazia em torno da Teologia da Libertação e também se estrutura a partir da “opção preferencial pelos pobres”. Os círculos bíblicos, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), os Grupos de Reflexão (GRs), as Pastorais Sociais, o avanço na democratização das tomadas de decisão incorporando o papel fundamental dos leigos e os espaços de formação de fé e política, serão grandes marcas da Igreja diocesana, principalmente nas décadas de 1970-1980.

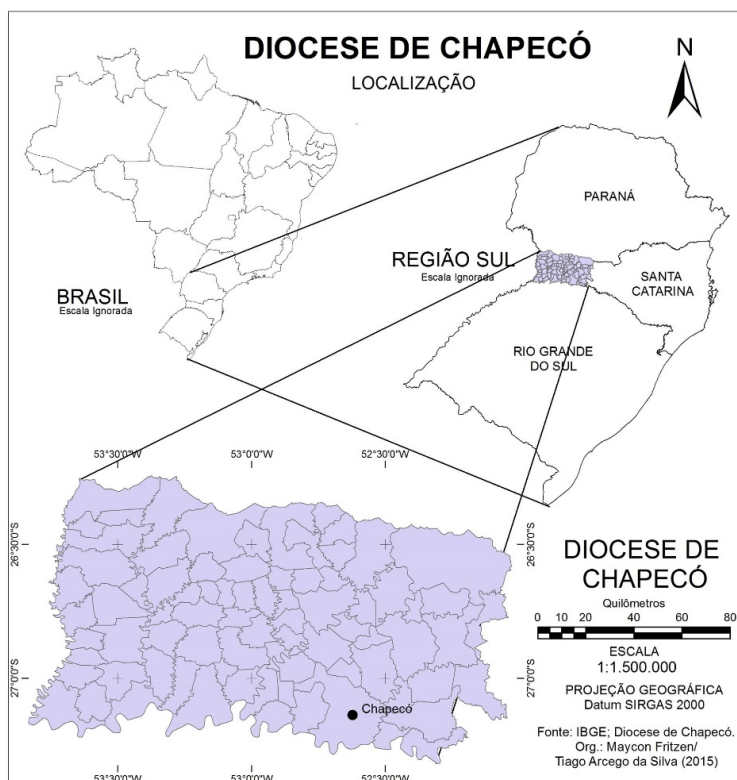
Os Grupos de Reflexão, como veremos, fomentam o estudo dos documentos eclesiais, da Bíblia e da realidade social, política, econômica e cultural em que eram condicionadas as comunidades. No entanto, o bojo das discussões propostas pelos roteiros gera conflitos de interesses entre os diferentes grupos sociais, logo esse se torna um período onde ocorrem grandes enfrentamentos e tensões relacionados às posturas e ações da Instituição na região em defesa dos pobres.

Vale destacar a grande importância da figura do bispo diocesano como impulsionador e rígido na cobrança da efetivação do modelo de Grupos de Reflexão. É neste cenário que a Igreja local ganha notoriedade, a partir da formação de lideranças e na organização popular e é reconhecida em todo o Brasil pelo grande número de pessoas que aparecem à frente dos movimentos populares, partidos políticos e pastorais sociais. Ao mesmo tempo, Dom José é lembrado como o “bispo dos pequenos”, “mestre e aprendiz do povo”, “profeta da esperança” e tantos outros adjetivos que ainda marcam a vida e história de quem conviveu ou, simplesmente, soube de sua atuação na defesa dos “pequenos” e no anúncio de uma nova organização geradora da justiça social, a partir da Teologia da Libertação.²

1 A Teologia da Libertação foi uma ampla produção teológica, com pressupostos históricos, sociológicos, econômicos e sociais, fruto de debates a partir da linha mais social da Igreja Católica e protestante, que nortearam uma leitura e ação a partir da experiência e protagonismo da “opção pelos pobres”. Ela vai ter conceito e atuação singular na América Latina, especialmente, entre as décadas de 1970 a 1990. Na referência a seguir, apontamos uma oportunidade de aprofundamento no conceito.

2 Infelizmente não é possível fazer uma análise mais detalhada sobre todos os conceitos importantes registrados nesta introdução. Para evitar a exaustão, ao mesmo tempo em que fugiríamos da proposta do artigo, damos ao leitor apenas uma possibilidade de leitura de cenário. Para um debate mais amplo dentro destes pressupostos, o qual baliza esse rápido estudo, ver: Tiago Arcego da SILVA. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018.

Figura 1 – Abrangência territorial da Diocese de Chapecó.



Fonte: IBGE, 2015; FRITZEN, Maycon; SILVA, Tiago Arcego da. (Org.). 2015. In: SILVA, Tiago Arcego da. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018. p. 17.

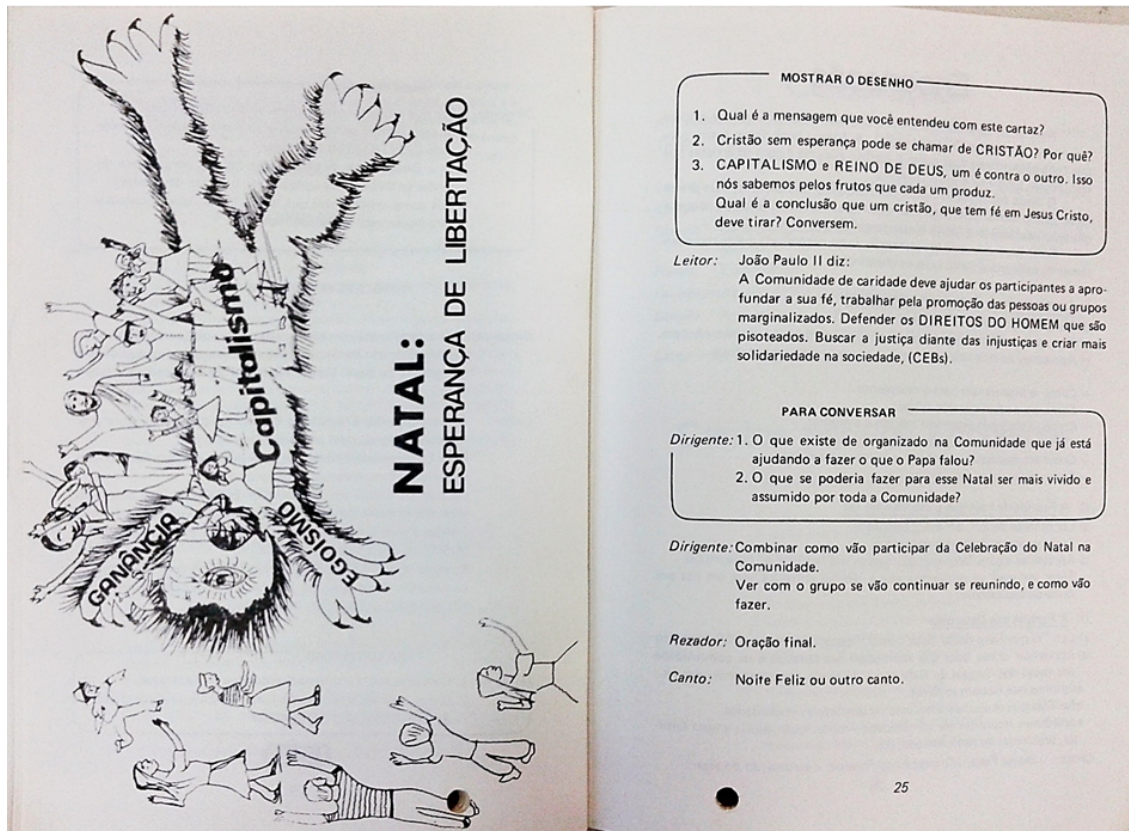
OS GRUPOS DE REFLEXÃO NA DIOCESE DE CHAPECÓ

Como já dito, os Grupos de Reflexão (GRs) eram um dos principais mecanismos de comunicação e formação na Diocese de Chapecó. Em 1975, os GRs, baseados na Educação Popular de Paulo Freire, foram assumidos pela primeira vez como Diretriz para Evangelização. A metodologia propunha o fomento das CEBs, onde deveria se consolidar a renovação litúrgica e bíblica, a partir de uma “leitura popular da Bíblia”, em parcerias da Diocese com diferentes grupos ligados à Teologia da Libertação, como o projeto “ASSESSOAR” de Francisco Beltrão – PR; o Centro de Orientação Missionária – COM, de Caxias do Sul; e o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI.³ Neste íterim, embora também com dificuldades, é que eram difundidas de maneira mais efetiva para as lideranças e comunidades as posturas da Igreja diocesana frente aos problemas sociais.

Já a partir de 1976, a Diocese passou a produzir seus próprios roteiros para Grupos de Reflexão. Na prática, a proposta era de que pequenos núcleos familiares, dentro das comunidades eclesiais de base, pudessem se encontrar para estudar um tema específico, que era proposto a partir da realidade, seguido de uma leitura bíblica com perguntas para serem debatidas pelos grupos e, por fim, um bloco destinado a fazer com que os mesmos percebessem formas de ação concreta na comunidade ou sociedade. Frequentemente, os roteiros também apresentavam gravuras ou desenhos para ilustrar o tema proposto. Por abordarem temas locais, ligadas às questões macro, reunir diferentes visões de mundo, posicionamentos e interesses, não sem demora, conflitos passaram a existir também no seio das comunidades, como veremos adiante.

3 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 82-83.

Figura 2 – Roteiro de Grupo de Reflexão: “Natal: Esperança de Libertação”.



Fonte: DIOCESE DE CHAPECÓ. *Natal Vida e Esperança – Pastoral Rural*. Roteiro de Grupo de Reflexão. Chapecó, 1980. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

Segundo Clodovis Boff, “todo o trabalho popular necessita destas duas coisas, ligadas entre si: teoria (reflexão, estudo, análise, compreensão) e práxis (ou prática, ação, compromisso, luta)”.⁴ Desta maneira, os roteiros buscavam essa mediação entre o estudo e o compromisso concreto, o que também já era princípio primeiro na discussão apresentada por Paulo Freire a partir de seu método.

Em 1988, por exemplo, foi enviado para as comunidades um caderno de roteiros para os GRs, comemorativo aos primeiros 12 anos de elaboração pela própria Diocese de Chapecó. Nele os objetivos dos Grupos de Reflexão são retomados e apresentados como: 1 – Evangelizar o povo cristão; 2 – Formar e construir a Comunidade Eclesial de Base; 3 – Promover a educação popular; 4 – Favorecer o engajamento nas organizações populares que lutam pela libertação e são ferramentas na construção do Reino de Deus; 5 – Ser sinal, fermento e instrumento do Reino de Deus.⁵

Dentro do objetivo 3, de “promover a educação popular”, encontram-se os subitens:

[...] que desperte a consciência crítica e a visão política; - que ajude a criar Consciência de Classe; - que defenda os interesses do povo explorado e trabalhador; - que fortaleça as organizações populares; - que desperte e forme lideranças do povo para organizar as lutas populares; - que torne o povo oprimido sujeito de sua história; - que busque a transformação da sociedade.⁶

Os GRs tinham o intuito de ser o espaço privilegiado de formação de lideranças na Diocese de Chapecó. Em seus objetivos, conforme descrito, a “consciência política e de

4 Clodovis BOFF. *Como trabalhar com o povo*. p. 53.

5 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão*. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC, p. 9.

6 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão*. p. 9.

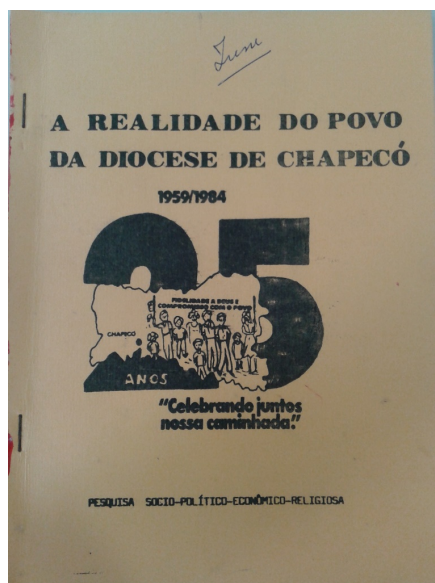
classe” vem a partir da elaboração da TdL e de sua aproximação de análise sociológica com o materialismo histórico. Muitos roteiros foram elaborados nas décadas de 1970 e 1980, a partir desses pressupostos.

Em pesquisa no arquivo diocesano⁷ foi possível mapear 28 cadernos de roteiros para GRs, elaborados entre 1978 e 1989, com diversas propostas de encontro e temáticas. Porém, é provável que o número de produção seja muito maior, visto que não estão nos arquivos alguns cadernos básicos, como o de Natal e Campanhas da Fraternidade de alguns anos. Outros cadernos de roteiros vinham de outras Dioceses do Brasil e provavelmente serviam de modelo ou subsídio de estudo para os agentes responsáveis pela elaboração. São diversos livros com sugestões de encontros, especialmente para quaresma (campanha da fraternidade), Natal, datas e temas específicos, como dia do agricultor e a organização das mulheres. Em cada estudo, a tentativa de aproximação entre fé e vida através da linguagem popular apontava para o compromisso concreto dos participantes, forjando novas lideranças nas comunidades.

ORGANIZAÇÃO E CONTRADIÇÕES NOS GRUPOS DE REFLEXÃO

Em uma ampla pesquisa feita no ano de 1984, como estratégia de organização a partir do jubileu de 25 anos da Diocese de Chapecó, encontramos o resultado sistematizado de que naquele ano havia 10.160 Grupos de Reflexão, apenas nas comunidades rurais, e mais 724 grupos⁸ nas comunidades dos bairros das cidades, espalhados pelos, até então, 32 municípios de abrangência. Esse mesmo estudo compilou dados do senso do IBGE de 1980, os quais marcavam que a população total da diocese era de 632.516 pessoas, das quais 423.181 residiam na área rural e 209.355 residiam na área urbana. Nesse universo populacional, ter um montante de quase de 11 mil Grupos de Reflexão pressupõe um bom nível de organização desta prática na Diocese.⁹

Figura 3 – “A Realidade do Povo de Deus da Diocese de Chapecó”.



Fonte: DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

- 7 Desenvolvida para elaboração da Dissertação de Mestrado, entre os anos de 2016 e 2018.
- 8 A pesquisa nos bairros aponta também o número de famílias que participavam dos grupos, chegando ao total de 3.887 famílias. DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984, p. 19. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- 9 Sem dúvidas valeria a pena um estudo específico sobre os materiais elaborados em 1984 em decorrência do jubileu de prata da Diocese de Chapecó. DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

Diante dos números colhidos na época, é possível perceber que a formação de lideranças se dava de maneira bem articulada dentro dos GRs. Os estudos e as provocações para ação prática na realidade onde viviam impulsionavam a procura por novas fontes e referências. Se analisados a partir da ótica da educação popular, em um primeiro olhar, os GRs foram uma experiência exitosa. Para Paulo Freire:

Não existe conscientização se a prática não nos leva à ação consciente dos oprimidos como classe social explorada na luta pela sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo conscientizam-se através do movimento dialético entre a reflexão crítica da ação anterior e a ação que se segue no processo dessa luta.¹⁰

No entanto, era justamente na interação entre educador e povo que ocorriam as maiores tensões no processo dos GRs e, a partir de então, se revelavam outras fragilidades. Nas reuniões de avaliação e, especialmente, nos relatórios de assembleias diocesanas verificamos inúmeras dificuldades encontradas na efetividade dos grupos.

Tais contextos de dificuldade podem ser observados 3 (três) anos antes do lançamento do estudo supracitado, de maneira mais enfática. A *Circular – Outubro 81*¹¹, por exemplo, apresenta o resultado de quatro reuniões comarcais que tinham o objetivo de fazer uma leitura da organização e ação da Diocese naquele ano. Dentro do material estão textos referentes à conjuntura estadual, nacional e latino-americana, além da sistematização das avaliações feitas nas comarcas. As dificuldades dos GRs são divididas entre rurais e urbanas, embora o texto referencie que ambas as realidades apresentem desafios parecidos. Na lista das 28 dificuldades, aparecem em destaque, quanto à metodologia, as seguintes afirmações:

- Grupos se prendem só ao texto, não entendendo a dinâmica e o método dos grupos de reflexão; - Falta de ligação/ reflexão-oração-ação; - Falta de conhecimento e convicção quanto à validade, utilidade e finalidade dos grupos de reflexão por parte do povo e dos agentes; Os mais pobres não são atendidos; - O material demais intelectual do que popular.¹²

As lideranças das paróquias, em grande medida, sugeriam o avanço ainda maior na eficiência e proposição dos GRs. Há inúmeras cobranças sobre a necessidade de tornar os materiais mais populares e fazer com que esse mecanismo despertasse mais para a ação concreta. Algumas argumentações, no entanto, elucidam as divergências e fragilidades internas que a nova proposta eclesial gerava entre as famílias. Embora tivesse uma ampla adesão, a metodologia dos Grupos de Reflexão não tinha total aceitação e as avaliações também apresentavam repúdios ao cunho político, além de sugerirem o indicativo para assuntos ligados à moral, sacramentos e catequese, especialmente.¹³

Segundo Clodovis Boff, havia duas esferas distintas de trabalho com o povo: a esfera eclesial e a esfera social, que embora tenham suas práticas próprias deveriam estar relacionadas entre si. “Por isso, a questão, nesse nível não é desdobrar, mas antes *combinar* as

10 Paulo FREIRE. *Os cristãos e libertação dos oprimidos*. p. 17.

11 Circular eram textos em formato de estudos, comunicados, reflexões etc., escritos pelo Bispo Diocesano ou por equipes da estrutura da Igreja local, destinados a paróquias ou comunidades, no intuito de formação e informação das lideranças.

12 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros Documentos*. Chapecó, 1981. As 28 dificuldades listadas na circular quanto aos grupos no meio rural são basicamente relacionadas a dicotomia entre fé vida; o pouco engajamento político; os conflitos entre patrões e empregados, ricos e pobres; o modelo de Igreja; a alta demanda de reuniões e; a linguagem difícil dos materiais.

13 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros Documentos*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

duas esferas, ou seja: a comunidade eclesial e outras associações do povo”.¹⁴ Como proposta, para resolver tais dificuldades e contemplar todas as argumentações foi sugerida a realização de uma Assembleia Diocesana¹⁵ específica dos Grupos de Reflexão para o ano de 1982.

DOM JOSÉ GOMES: O BISPO DA DIOCESE DE CHAPECÓ

Como já mencionamos, não se sabe ao certo o que motivou a opção da Igreja pela transferência do bispo Dom José Gomes para Diocese de Chapecó, em 1968.¹⁶ Vastos estudos já foram elaborados sobre a importância do bispo para a Igreja local e nacional. É imprescindível lembrar, no entanto, que Dom José não chega em Chapecó já com a postura mais ligada a TdL. É no contexto encontrado que ele vai se forjando como um bispo da libertação, ligado às causas sociais e à defesa dos pobres, como pressupõe a premissa básica fortalecida por esse segmento dentro da Igreja Católica.

Adayr Tedesco e Romualdo Zimmer (2002) definem a presença do bispo em três grandes períodos, sendo eles chamados de patamares: 1 – entre os anos de 1968 e 1975; 2 – entre os anos de 1975 e 1984; 3 – de 1985 até 1998, quando se torna bispo emérito da Diocese, com a nomeação do novo bispo, Dom Manuel João Francisco.

Segundo os autores, no primeiro patamar encontramos uma característica marcada por uma organização de Igreja mais moderna que libertadora. É o momento em que Dom José se insere em um movimento de renovação interna na Igreja, focado em novas diretrizes para a catequese, formação de lideranças comunitárias e introdução de Ministérios Leigos, baseado nas deliberações do Concílio Vaticano II.¹⁷

No segundo patamar ocorrem os debates mais apurados da Igreja diocesana para Teologia da Libertação e para as lutas sociais mais fortes. Neste período Dom José é perseguido, difamado e ameaçado por defender os direitos dos sem-terra, dos indígenas, das mulheres, dos trabalhadores. É um cenário onde “entram em cheio os movimentos e as lutas sociais”.¹⁸ A Diocese de Chapecó ganha importância em nível nacional com a organização de dois importantes órgãos, o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, e a Comissão Pastoral da Terra – CPT, os quais Dom José assumiria a presidência nacional mais tarde e que fomentaram um amplo debate em torno das questões de demarcação de terras indígenas e da luta pela terra dos trabalhadores rurais sem-terra.¹⁹

Nesta conjuntura, Dom José toma posse dos debates da Conferência de Medellín e da Teologia da Libertação. A Opção pelos pobres passa ser a marca forte do bispo diocesano que, por sua vez, se difunde para as lideranças e para o jeito de fazer pastoral e se organizar de toda a diocese. Para gerar cada vez mais sintonia na opção e orientação, Dom José passa a escrever, a partir de 1975, homílias para serem reproduzidas em todas as comunidades da Diocese. Na publicação das homílias de Dom José - escritas entre os anos de 1975 e 1992 - encontramos a seguinte descrição da característica do discurso de Dom José, que revelam a importância de seu pronunciamento para a politização das comunidades:

14 Clodovis BOFF. *Como trabalhar com o povo*. p. 109.

15 Principal mecanismo de consulta e tomada de decisão elaborado pela Diocese de Chapecó para saber as opiniões das paróquias sobre as ações que deveriam ser tomadas.

16 Em Pedro UCZAI (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. Chapecó: Argos, 2002, é possível perceber o porquê desse contexto ser tão emblemático.

17 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 77.

18 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 78.

19 Dom José foi presidente Nacional do CIMI entre os anos de 1979 à 1981 e da CPT entre os anos de 1981 à 1984.

Dom José tinha do dom da palavra. Até hoje suas pregações estão à flor da pele de muitos militantes. Elas sempre incidiam diretamente no contexto em que vivia o povo oprimido nas comunidades de agricultores, de caboclos, de povos indígenas, de operários explorados nas cidades.²⁰

Logo, os sermões, são uma forma de diálogo direta entre o bispo e as comunidades e uma maneira de posicionamento e direcionamento dos debates propostos pela Igreja a partir da realidade local e nacional, ligando o discurso da Teologia da Libertação. Para o cenário do Oeste Catarinense, Dom José descreve os pobres a partir de uma realidade bem concreta. Para uma região onde os índios, cabocos e pequenos agricultores sem-terra e sem direitos, diante do avanço do modelo agroindustrial que endividava e gerava dependência do “modelo de integração” das famílias agricultoras e de exploração dos trabalhadores. Em uma de suas homilias o bispo apresenta os pobres como:

Os que não têm comida; Os que não tem roupa; Os que não tem água para beber; Os que não tem remédios e condição de ser recebidos em hospitais; Os que são presos. Sempre vai para cadeia o pobre. O rico, bem cotado, nunca vai para cadeia. O dinheiro paga a “justiça”; Os que não tem terra; Os que não têm casa e nem podem pagar o aluguel; Os que não têm trabalho, os desempregados; Os desprezados e humilhados. Aqueles que nós gostamos de pisar em cima; Os desprezados porque são de outra raça (caboclos, negros, índios); Os explorados nos salários e no preço do seu trabalho, como os pequenos agricultores; Os pequenos, que a Bíblia diz que do outro lado tem os grandes que os desprezam; Os que são roubados no pouco que têm. Toda esta gente, que normalmente a sociedade despreza, Jesus chama de bem aventurados, felizes ou abençoados de Deus, porque sua situação não é do plano de Deus. E Jesus diz que o Reino de Deus é deles. E não daqueles que exploram ou sustentam estas situações para proveito próprio, ou simplesmente os chama de vagabundos e miseráveis, relaxados. O Evangelho é brabo, gente!²¹

Tais posturas e debates, por sua vez provocam reações. Nesse cenário, Dom José, impulsionador e incentivador da ação leiga em diferentes campos da luta por direitos, vai sofrer um grande número de críticas e ameaças. Nessas relações conflituosas, intra e extra eclesiais, a Diocese de Chapecó se consolida como uma Diocese de organização e lutas populares. Muitas lideranças formadas nesse meio, ocupam posições de destaque em cenários políticos, acadêmicos, movimentos sociais, sindicatos, inseridos na luta pela valorização e por direitos para suas comunidades. Para isso era preciso um amplo e eficiente método de formação.

DOM JOSÉ GOMES E OS GRUPOS DE REFLEXÃO

Dom José Gomes tinha papel decisivo também na animação dos Grupos de Reflexão, pois via o potencial fundamental de formação e organização de lideranças, tanto para o âmbito eclesial, como para o social e político, que tais reuniões proporcionavam. O bispo fazia questão de participar de espaços de debate, formação e elaboração sobre as temáticas.

Em seus sermões rotineiramente se encontra o apelo para que as lideranças dedicassem tempo para estudar através dos GRs. Também, nas apresentações dos cadernos de roteiros, o bispo deixava nítido quais deveriam ser os horizontes do estudo.

No roteiro da Campanha da Fraternidade 1978, por exemplo, cujo o tema é “Trabalho e justiça para todos” o bispo escreve o seguinte:

20 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 26.

21 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 464.

Alguém poderia perguntar, o que tem isto tudo a ver com Religião, com a Quaresma. Pois, eu digo a vocês: Religião é vida. Sem trabalho e sem justiça não se vive. E onde não existe trabalho e justiça, a religião está mal. É religião de papo e não religião de Cristo. Onde não há trabalho e justiça, só existe miséria e necessidade. E Deus não quer isto para os homens.²²

O pensamento de Dom José é repassado para as comunidades e lideranças de maneira direta. A mudança no modelo eclesiológico na Diocese de Chapecó vai se consolidando, no entanto, como já mencionado anteriormente, no centro das comunidades a receptividade das posturas da Igreja Diocesana e do bispo se dava de maneira distinta entre diferentes grupos. É nos GRs e nas CEBs que se notam os conflitos.

Não sem demora, ao mesmo tempo em que Dom José encontra muito apoio e acolhida, além de reconhecimento nacional dentro da ala progressista da Igreja, há também um avanço nas ameaças contra sua própria vida, ao longo de sua trajetória. Tais ameaças vinham de diferentes lugares e diferentes formas, dentro do contexto que se percebem redes de perseguição a religiosos com tais posturas.²³

Porém, mesmo em meio a conflitos, Dom José continua apostando na metodologia dos GRs. Com temas tão relevantes para a vida das comunidades e sua formação de consciência a partir da ótica da libertação, o bispo insistia em seu fortalecimento. No sermão feito para a celebração do 3º domingo do advento, em 14 de dezembro de 1980, Dom José escreve:

Meus amigos, eu vou falar bem claro! Vocês têm 28 dias por mês quando podem rezar quanto quiserem. Ninguém proíbe. É o dever de vocês. E vocês tem dois dias por mês para se reunir e estudar algum assunto importante da vida, da religião, da sociedade, dos problemas de vocês. São os dois dias da reunião dos grupos. No meio do estudo todo, vocês têm também um pouco de oração para fazer. Então, minha gente. Rezem à vontade, até a noite toda, nos 28 dias do mês, em que vocês não têm reunião do grupo. Mas nas duas noites em se reúnem para estudar, então vamos estudar de fato! Sem esquecer a oração. Eu volto a dizer: vocês têm 28 dias por mês para rezar e dois dias para estudar. [...] Deus não muda o mundo, não faz reforma agrária, não melhora o preço do milho, do feijão, do porco; não melhora a política, o sindicato a cooperativa, se vocês não estudarem estes problemas e não se unirem e lutarem para que sejam tratados como gente.²⁴

No discurso, Dom José revela muita ênfase na defesa de que as participações nos GRs deveriam ser prioridade nas comunidades. Além disso, deixa subentendido que são os grupos o mecanismo de estudo e organização chaves diante dos problemas concretos das famílias. Neste sentido, apenas a partir da organização, estudo e ação é que poderia se transformar a realidade.

Os Grupos de Reflexão ainda são uma estratégia de evangelização da Igreja na Diocese de Chapecó. Durante toda a permanência de Dom José em seu bispado, podem ser identificado momentos de ênfase na importância desta metodologia de organização. No entanto, as décadas de 1970 e 1980 são o auge da estruturação e repercussão na formação de lideranças, que extrapolam os muros da Igreja.

Mesmo após 1985, quando o Brasil vivenciava o avanço da abertura política, ao mesmo tempo em que houve a grande investida do papa João Paulo II de conter a TdL em nível mundial e a “emancipação” dos movimentos sociais da tutela eclesial, onde a Igreja

22 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros documentos*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. p. 1.

23 Em SILVA, 2018, pode-se verificar como os grupos atuavam e como as ameaças chegavam a Dom José Gomes.

24 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 241.

volta-se mais sobre si mesma, ainda, assim, encontramos investidas das classes dominantes contra Dom José, tamanho foi seu legado e atuação.

Com uma organização de grande escala no Universo da Diocese de Chapecó, os GRs foram um mecanismo privilegiado de formação de lideranças e o bispo diocesano um agente de importância indispensável para o seu bom funcionamento. Neste sentido, é possível perceber que os Grupos moldaram e formaram muitas lideranças, inclusive a formação do pensamento e da atuação de Dom José Gomes, que ao mesmo tempo que liderava, se deixava liderar por essa metodologia.

CONCLUSÃO

Diante do nosso objetivo de analisar a relação do Bispo Dom José Gomes e dos Grupos de Reflexão, podemos ressaltar que as décadas de 1970 e 1980 apresentam uma nova perspectiva de organização popular no Oeste de Santa Catarina. Com a vinda do bispo para a Diocese de Chapecó, no mesmo período em que se reforça o protagonismo das lideranças leigas e a “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação, como diretriz da Igreja Latino-americana, o modelo de Igreja baseado nas Comunidades Eclesiais de Base e na organização dos Grupos de Reflexão, fizeram com que a proposta de educação e formação das lideranças ganhasse um salto qualitativo e direcionado para este cenário.

Os roteiros para os Grupos de Reflexão, que são elaborados para instigar e forjar a organização e compromisso das comunidades com sua própria realidade, confrontando-a com a experiência dos povos descritos na bíblia, seguem o modelo de educação popular e apresentam o diferencial de proposta de estudo e participação coletiva no entendimento da realidade social. Eles serão os impulsionadores e motivadores de encontros comunitários de pequenos núcleos familiares, a fim de debaterem seus problemas, desafios locais e globais e inseri-los em sua pauta de reivindicações por direitos.

Neste cenário, Dom José mostra-se sempre vigilante e exigente para que se efetive a proposta dos grupos entendendo-os como espaço fundamental de estudo comunitário. Mesmo em meio às críticas que as lideranças recebiam por estarem misturando religião com política e outros aspectos, as respostas eram sempre de que fé e vida que andam juntas e nunca podem se separar. Assim, os roteiros dos Grupos de Reflexão têm importância significativa no processo formativo não apenas de lideranças eclesiais, mas também para os movimentos populares e partidos políticos ligados a essa linha de pensamento, assim como de direção da atuação do bispo.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o Povo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes/IBASE, 1984.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros DOCUMENTOS*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.


DIOCESE DE CHAPECÓ. *Conclusões da Assembleia Diocesana de Pastoral – 1987. Texto Popular*. 1987. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Natal Vida e Esperança – Pastoral Rural*. Roteiro de Grupo de Reflexão. Chapecó, 1980. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

- DIOCESE DE CHAPECÓ. *Plano de Pastoral da Diocese de Chapecó – 1980*. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão. Grupos de Reflexão: Sementes de nova gente, sociedade*. 1988. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- FREIRE, Paulo. *Os cristãos e libertação dos oprimidos*. Lisboa: Edições Base, 1978.
- LOVERA, Clair (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. Florianópolis: Premier, 2013.
- SILVA, Tiago Arcego da. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018.
- SILVA, Tiago Arcego da. *Roteiros dos grupos de reflexão: uma experiência de educação popular na Diocese de Chapecó (1970-1980)*. In: XVI Encontro Estadual de História ANPUH-SC, 2016, Chapecó-SC. Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH - SC, 2016.
- TEDESCO, Adair Mário; ZIMMER, Romualdo. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. Chapecó: Argos, 2002. p. 69-123.
- UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do povo*. Chapecó: Argos, 2002.

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo, especialização em Epistemologia das Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo e mestrado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

E-mail: ivanirantonio.itepa@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2195-3252>

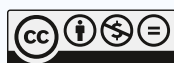
** Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, graduação em Teologia pela Itepa Faculdades, mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, doutorado em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

E-mail: iarampon@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2882-440X>

Recebido em 23/07/2022

Aprovado em 29/10/2022



A METODOLOGIA HISTÓRICO-EVANGELIZADORA¹

THE HISTORICAL-EVANGELIZING METHODOLOGY

*Ivanir Antonio Rodighero**

*Ivanir Antonio Rampon***

Resumo: A metodologia constitui-se uma preocupação constante no processo formativo da Itepa Faculdades. A Instituição busca no diálogo permanente entre a teoria teológico-pastoral e prática pastoral evangelizadora possibilitar a formação acadêmica que contemple as características desta região com suas comunidades eclesiais. Há uma tensão permanente devido às provações dos contextos, perspectivas da comunidade, do/a agente e da graça de Deus, em vista de novas respostas. A Metodologia Histórico Evangelizadora se remete a esta dinâmica na medida em que provoca para a observação, o registro, a partilha e aprofundamento na sala aula durante o estudo da disciplina de Metodologia e Prática Pastoral e o reencaminhamento. Este, por sua vez, passa a ser o recomeço do processo de observação, registro e de aprofundamento teórico. É uma metodologia que requer a mística do seguimento a Jesus Cristo.

Palavras chaves: Metodologia. Teoria. Prática. Mística. Formação. Participação. MHE.

Abstract: The methodology constitutes a constant concern in the training process of ITEPA College. The Institution seeks in a permanent dialogue between practical-pastoral theory and evangelizing pastoral practice to enable an academic training that contemplates the characteristics of this region with its ecclesial communities. There is a permanent tension due to the trials of the contexts, to the perspectives of the community, the agent and the Grace of God, in view of new answers. The Historical Evangelizing Methodology refers to this dynamic, insofar as it provokes the people for the observation, the recording, sharing and deepening in the classroom during the status of the disciplines of Methodology and Pastoral Practice and their forwarding. This, in turn, becomes the restart of the process of observation, recording and theoretical deepening. It is a methodology that requires the mystique of following Jesus Christ.

Keywords: Methodology. Theory. Practice. Mystic. Formation. Participation. MHE Historical Evangelizing Methodology.

1 Este texto tem sua origem no artigo de: RAMPON, Ivanir Antonio; RODIGHERO, Ivanir Antonio. A eclesiologia do Papa Francisco e a Metodologia Histórico-Evangelizadora. In ZANINI, Rogério Luiz; REIS, Ari Antonio dos (Org.). *Eclesiologia perspectivas teológica-pastorais*. Passo Fundo: Berthier, 2022.

A presente reflexão é desenvolvida a partir da experiência metodológica realizada na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas, Itepa Faculdade, durante os 40 anos (1982-2022) de atuação. Neste percurso ocorreram muitas práticas, reflexões e produção de registros, relatórios e textos documentados, também, em livros e revistas. Trata-se, aqui, de recorrer ao caminho percorrido, tentando escutá-lo atentamente para visualizar as lacunas e acertos e, principalmente, descrever a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE) da Itepa Faculdades.

Este processo foi descrito em duas obras que tentam relatar a teoria e a prática da MHE² e mais recentemente foi resgatado o legado deixado pelo Pe. Elli Benincá, um dos mentores da MHE, em duas obras: *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá e Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização*³.

1 A METODOLOGIA DA ITEPA FACULDADES

A perspectiva metodológica da Itepa Faculdades fundamenta-se na Palavra de Deus, na Tradição Eclesial, especialmente aquela oriunda Concílio Vaticano II, das Conferências Latino-americanas, da CNBB e da reflexão de nossas igrejas locais, mais recentemente, no magistério do Papa Francisco. Este referencial remete-nos a um “fazer pastoral” que procura contemplar o processo participativo, provocando um diálogo permanente entre a “teoria pastoral” e a prática pastoral realizada pelos discentes e docentes. O nome da Itepa Faculdades, na sua origem, era “Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo”⁴ sugerindo que a pastoral necessitava ocupar um espaço significativo. As *Constituições* apresentam a pastoral como um eixo integrador da formação teológica numa perspectiva metodológica participativa, que envolve o estudo da teologia e a ação pastoral.

A Instituição, desde sua origem, procura refletir metodologicamente sobre a pastoral a partir de suas especificidades: “preparar os futuros sacerdotes da região [...] ser centro de pesquisa e reflexão teológica”⁵. As metas contemplam significativamente a dimensão pastoral exercida de forma consciente, participativa e reflexiva. Este quesito explicita-se quando se refere à metodologia pastoral: “A pastoral deverá ser desenvolvida ao longo de todo o período de preparação teológica. O engajamento pastoral será uma exigência para o ingresso no curso”⁶. E no currículo encontram-se oito disciplinas que tratam diretamente sobre vários ramos da pastoral, porém, todas as disciplinas precisam ter cunho pastoral.

Esta postura, também, fundamenta-se no Concílio Vaticano II. Este aponta com nitidez que nos estudos teológicos: “A solicitude pastoral, [...] deve penetrar toda formação dos estudantes[...]” (OT 19). O Decreto *Optatam Totius* (OT) pede que os seminaristas tenham formação em todos os aspectos, incluindo a formação intelectual... e estes possuem por finalidade formar pastores: “por isso, todos os aspectos da formação, o espiritual, o intelectual e o disciplinar, em ação conjunta, devem ordenar-se a esse fim pastoral” (OT 4). O Decreto desafia os estudantes “procurar as soluções dos problemas humanos sob a luz da Revelação; aplicar suas verdades eternas à mutável condição das realidades humanas; e a comunicá-las de modo adaptado aos homens de hoje” (OT 16).

2 Neri MEZADRI; Rodinei BALBINOT (Org.). *MHE: metodologia da ação evangelizadora*. Uma experiência no fazer teológico-pastoral. Passo Fundo: Berthier, 2008. Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

3 Elton Henrique MÜHL; Telmo MARCON (Org.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022. Selina Maria DAL MORO; Ivanir Antonio RODIGHERO (Org.) *Itepa Faculdades 40 anos refletindo sobre EvangELLização*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022.

4 ITEPA, *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo* - RS, p.6.

5 ITEPA, *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo* - RS, p.6.

6 ITEPA, *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo* - RS, p.8.

A pastoral, por ser o “agir da Igreja no mundo”⁷, vem impregnada de conflitos. O testemunho e o anúncio do Reino de Deus constituem-se em denúncia e ameaça ao antirreino e aos acomodados. Porém, isto não é só para a outra pessoa, mas serve também e permanentemente para o evangelizador/a. Todos necessitamos de evangelização e de conversão continuada. Por isso, a partilha da prática pastoral provoca reflexões sobre temas vitais⁸. A apreensão dos problemas reais tais como desemprego, miséria, desigualdade..., a partir da pastoral, já nos primeiros anos de vida da Instituição, revelou-se profundamente conflitiva. Os acadêmicos, que se engajavam e se comprometiam com a prática pastoral e com as comunidades onde atuavam, revelavam-se interessados pela reflexão, o que, normalmente, não acontecia com os que encontravam dificuldades de optar pela prática pastoral.

Um dos quesitos fundamentais é o planejamento pastoral, segundo o Pe. Jair Carlesso, pois “planejar é um processo permanente de tomada de decisões. O plano de ação, quando feito de forma comunitária e participativa, torna-se aglutinador de forças”⁹. O Pe. Elli também destacava a importância do projeto:

Uma condição básica para que a metodologia pastoral possa construir seu processo evangelizador é a existência de um projeto de pastoral. Este servirá como guia para a prática pastoral dos agentes e comunidade. É um instrumento simples, mas incorporado a consciência dos agentes de pastoral. Um projeto com mais acadêmicos pode não ser prático nem construir-se em consciência disponível, e por isso torna-se inútil. O projeto de pastoral passa a ser a mística do agente¹⁰.

Um dos constantes dilemas que perpassa a vida da Itepa Faculdades é o desafio de como refletir sobre a prática pastoral. Como ajudar os acadêmicos a optarem pela pastoral, pelas pessoas e pelas comunidades? Como auxiliar os estudantes de teologia para que realizem a pastoral, elaborando um plano de pastoral? Como ajudar a refletir sobre a prática pastoral (método, instrumental...)? Como fazer o elo entre a teologia e a pastoral? Estas perguntas provocaram muitas reflexões, muitos sonhos e projetos, muitas quedas, mas no final desponta um sinal de esperança. É o que veremos a seguir.

1.1 Caminho Percorrido na Tentativa de Compreender a Prática Pastoral

Como vimos acima, uma das inquietações que tem perpassado a Itepa Faculdades é a reflexão sobre a prática pastoral dos acadêmicos. Esta, por ser ação organizada dos membros da Igreja no mundo, vem permeada de conflitos, tensões, inseguranças, impasses, divisões que requerem um processo de reflexão constante.

Neste sentido, ao longo dos anos, foram criadas várias estratégias para refletir sobre a prática pastoral dos acadêmicos. A primeira postura do Itepa, na sua origem (1983-1984), foi a de iniciar um processo de reflexão sobre a prática pastoral dos acadêmicos nas comunidades seminarísticas. Cada comunidade era assessorada pelo padre assistente. O Instituto assumia a função de fornecer um currículo numa perspectiva pastoral e disciplinas específicas (Pastoral I: análise da conjuntura da região - social, econômica, cultural e religiosa; Pastoral II: princípios de evangelização e catequese; Pastoral III: catequese de iniciação e catequese escolar; Pastoral IV: catequese de adultos; Pastoral da família e dos jovens; Pastoral V: movimentos de Igreja; Pastoral VI: ecumenismo, seitas

7 João Batista LIBANIO, *O que é pastoral?*, p.11.

8 COMUNIDADE DE TEOLOGIA, *Livro de Crônicas*, p.7.

9 Jair CARLESSO, Planejamento pastoral, in Selina Maria DAL MORO; Ivanir Antonio RODIGHERO, *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre evangelização*, p.181.

10 Elli BENINCÁ, Metodologia pastoral; in: DIOCESE DE PASSO FUNDO, *Caderno de formação* - nº 2, p.53.

populares, cultos afro-brasileiros, religiosidade popular; Pastoral VII: pastoral popular e movimentos populares - sindicatos, cooperativas, partidos, legislação trabalhista...; Pastoral VIII: organização paroquial e organização diocesana)¹¹, e proporcionava encontros mensais para estudar os planos de pastoral das quatro dioceses e organizava uma partilha e discussão sobre questões mais candentes da prática pastoral¹².

Esta articulação, Itepa/comunidade seminarística, foi significativa, mas não contemplava os religiosos(as) e os leigos. Outra dificuldade manifestava-se nas comunidades seminarísticas que não possuíam um formador permanente (algumas comunidades de seminaristas residiam em paróquias e o assistente os acompanhava esporadicamente). No final de 1984 amadureceu a proposta de modificar a reflexão sobre a prática pastoral: a partilha e a reflexão passaram a ser realizadas por setores, isto é, todos os que realizavam pastoral num determinado campo (setor) encontravam-se, periodicamente, para planejar, trocar experiências e avaliar, com a presença de um professor.

Esta proposta vigorou durante dois anos, 1985-1986. Ocorreram reflexões interessantes, mas as dificuldades em refletir sobre a prática foi esmorecendo paulatinamente a eficácia da maioria dos setores. Em 1987, o Instituto reagiu, elaborando subsídios e oficializando os antigos setores em disciplinas. O efeito foi adverso.

No segundo semestre de 1988 continuando até 1992, a reflexão sobre a prática pastoral retornou às pequenas comunidades, já que elas possuíam assistentes permanentes. O Instituto acompanhava a prática pastoral, através da criação da Equipe de Pastoral, composta por um acadêmico de cada comunidade seminarística, um religioso, um leigo e um professor. No decorrer destes cinco anos foram definidas as funções específicas nas várias instâncias¹³. Uma das preocupações foi o estudo sobre a metodologia pastoral que culminou com a elaboração de texto orientativo. A deficiência que se manifestou nestes cinco anos foi o hiato que separava a reflexão teológica (no Itepa) e a prática pastoral (nas pequenas comunidades). A teologia dissociada da pastoral tornava-se bastante abstrata e a pastoral carente de fundamentos teológicos e de uma metodologia mais definida.

1.2 Nova perspectiva com a MHE

A partir de 1993 iniciou-se uma proposta nova que visava possibilitar ao acadêmico/acadêmica realizar uma experiência coerente entre os estudos teológicos e a prática

11 ITEPA, *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo - Itepa*, p.9-10.

12 A reflexão sobre como refletir, analisar e revisar a experiência pastoral foi sempre uma preocupação em nível de Itepa: "como escrever e revisar a experiência pastoral" (*Livro de Crônicas da Comunidade de Teologia*, p. 11) e no encontro de 05/09/83 foram elencados alguns elementos que poderiam ajudar na observação dos seminaristas que atuavam em vila: "1 - **Ver** 1.1 - O que os viliiros fazem? a) o que pensam? b) o que falam? d) o que valorizam? c) que aspiração possuem? 1.2 - Como são vistos: a) pelos próprios viliiros? b) pela imprensa, polícia e povo? d) pela Igreja? e) e por nós, os agentes, como os vemos? 2 - **Julgar** 2.1 - Quais são as causas e consequências das situações constatadas? 2.2 - Que princípios orientam e justificam o trabalho do agente de pastoral? 3 - **Agir** 3.1 - Que método deve ser utilizado? 3.2 - Que atividades devem ser assumidas?" (Ibidem, p.26).

13 As instâncias foram assim definidas: "**Quanto à comunidade ou setor onde ocorre a ação pastoral dos alunos** - O aluno deverá participar do planejamento, execução, avaliação, celebração em sintonia com os demais agentes e com o plano diocesano de pastoral; - É necessário ter conhecimento da comunidade (história, desafios, impasses, potencialidades, prioridades...); - Ação pastoral seja acompanhada pelo assistente ou alguém indicado pelo mesmo. **Quanto à comunidade seminarística** - Local para partilhar as experiências e celebrar a caminhada pessoal na pastoral; - Planejamento pessoal sobre a pastoral e discussão do mesmo com a comunidade; - Aprofundamento da experiência pastoral e as questões que exigem reflexões mais especializadas remeter ao Itepa. **Quanto ao assistente e/ou responsável** - Marcar presença, isto é, acompanhar o trabalho pastoral do estudante do Itepa para apoiar, orientar, desafiar...; - Auxiliar os estudantes para conhecer e respeitar a vida da comunidade ou setor, iluminando pela Palavra de Deus, documentos da Igreja e com a colaboração de outras ciências; - Aprofundar e remeter ao Itepa os desafios oriundos das atividades pastorais. **Quanto ao Itepa** - Estar atento e aprofundar os entraves da ação pastoral; - Reunir os assistentes e/ou responsáveis para analisar como está sendo desenvolvida a prática pastoral e juntos encontrar saídas; - Organizar uma equipe para pensar e dinamizar a pastoral" (in: *Caminhando com o Itepa*, p. 23).

pastoral¹⁴. Para tanto, as disciplinas de pastoral específicas foram convertidas em sessões de reflexões teológico-pastoral. Esta nova forma está utilizando os avanços metodológicos e epistemológicos das ciências sociais e humanas. Tenta-se romper com a epistemologia tradicional sujeito/objeto para uma epistemologia cujas relações são entre sujeitos. Isto não é fácil na medida em que o esquema mental sujeito/objeto está introjetado – inclusive inconscientemente dentro de nós. Para superar esta postura concupiscente precisamos da abertura à graça, do cultivo e de certa ascese espiritual, além dos recursos científicos disponíveis no presente contexto.

A seguir, apresentaremos os passos metodológicos que são utilizados a fim de favorecer a relação sujeito/sujeito na práxis pastoral. Tal metodologia busca ser coerente com a prática de Jesus que não tratava as pessoas como objetos de sua ação, mas sujeitos (ou não) na busca do Reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33). Esta metodologia exige um processo de constante conversão pastoral. Ora, no Evangelho de Marcos, as primeiras palavras atribuídas a Jesus fazem justamente este grande apelo: “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (Mc 1,15).

1.2.1 Observação da prática pastoral

A observação constitui-se condição fundamental para se fazer ciência e isto vale também à ciência pastoral. O ato de observar centraliza-se sobre três agentes ativos: o contexto (situações geográficas, étnicas, estruturais e conjunturais da vida social, política e econômica...), a comunidade (possui seu “modelo” de Igreja, correntes teológicas, expressões religiosas, valores, relações de poder e práticas) e o/a agente (insere-se na comunidade olhando e atuando neste contexto e não a analisa “de fora-para”. Para tanto, o/a agente analisa o seu conteúdo, suas convicções, métodos, modo de ser). A observação não se fixa só num dos polos, já que na relação à comunidade depende da forma como o/a agente intervém e das condições (sociais, políticas, religiosas e culturais) para reagir. As relações nunca se repetem, há sempre o original, o novo, as surpresas de Deus na vida cotidiana.

As ciências modernas, tanto as sociais como as exatas, têm na observação um elemento de rigor. Mas nem todas procedem da mesma forma no decorrer da investigação e nem todas têm o mesmo conceito de observação. Nas ciências experimentais, por exemplo, o pesquisador busca não se envolver no processo ao observar. Ele, o sujeito, observa rigorosamente as reações e a dinâmica do observado, o objeto¹⁵. Na ação pastoral existe um/a agente em ação frente a outros agentes/sujeitos. Por isso, a observação do/a agente de pastoral recai tanto para as reações da comunidade, do grupo, das pessoas como para o seu próprio comportamento. A observação requer do/a agente uma atitude inquiridora, sempre desejosa de investigar e descobrir na rotina pastoral novos conhecimentos pastorais e teológicos¹⁶.

Esta postura supera a tendência do agente, principalmente o que está chegando, de julgar a comunidade a partir do seu jeito de ser e de seu modo de pensar e agir, ou de supor que já conhece tudo.

14 A reflexão que segue se baseia nos textos do projeto de encaminhamento da reflexão da prática pastoral de março de 1993; nos relatórios de cada encontro de 1993-1994 e nas avaliações. Estes textos estão arquivados computador do Itepa.

15 Convém assinalar, no entanto, que mesmo nas ciências experimentais tal método é questionado, principalmente a partir de teóricos da física quântica. Além disto, sabemos que não existe neutralidade científica pura, uma vez que as pesquisas tendem a ser influenciadas por empresas que visam aumentar seus lucros...

16 Elli BENINCÁ, Metodologia pastoral; in: DIOCESE DE PASSO FUNDO, *Caderno de formação* - nº 2, p.41-43.

1.2.2 Registro da pastoral

O registro constitui-se no segundo momento onde o/a agente reconstrói sua prática pastoral e registra o acontecido, sem esquecer as três forças que se confrontam na pastoral: contexto, agente, comunidade. Os registros vêm permeados por dúvidas, preocupações, conquistas e descobertas. Esta postura tenta romper a prática pastoral que dicotomiza e separa de um lado o sujeito e de outro o objeto. Os registros servem de matéria-prima às sessões de estudo.

O registro consiste em uma elaboração simples, após a ação pastoral, através de relatório ou de memória, isto é, descrição da ação pastoral contendo os elementos principais e peculiaridades que chamaram atenção. Os agentes que atuam em mais de uma pastoral, optam por uma só prática a ser observada, registrada e refletida com rigor nas sessões de estudo. Neste sentido, pressupõe-se que o agente ao se modificar frente à comunidade observada, haverá de modificar-se igualmente nas outras mesmo não realizando o registro.

1.2.3 Sessões de estudo

A sessão de estudo estabelece um espaço para os agentes de pastoral, no caso os acadêmicos da Itepa Faculdades, para se encontrarem e partilharem suas experiências e procurarem explicitações teóricas para os problemas que enfrentam. Trata-se de um esforço teórico para compreender a prática pastoral e, simultaneamente, realizar o confronto entre a teoria teológica e a prática pastoral.

O ponto de partida é a leitura das observações que foram registradas anteriormente. Este relato serve para identificar questões que necessitam ser refletidas e possivelmente tornam-se hipóteses que remetem a novas observações durante determinado tempo. Outras questões precisam de assessoria para “desencalhar o barco”, ou seja, explicitar as questões dúbias que envolvem a teoria teológica ou de outras áreas do conhecimento. As sessões de estudo reencaminham à prática com uma nova luz teórica, uma nova compreensão. O retorno à prática constitui-se no reinício da sistematização.

As sessões de estudo são registradas através de relatórios. Estes servem de referência ao grupo. As questões candentes das sessões de estudo são remetidas para as respectivas disciplinas, a fim de serem aprofundadas. É bom recordar que a análise da prática pastoral se fundamenta na teologia. Este procedimento supõe compreensão teológica (teoria) para observar a prática. Esta teologia pode ser contestada ou modificada pela prática, desde que esta também seja teorizada. Importante assinalar aqui, a importância de buscar luzes na Palavra de Deus e reforços na tradição viva e no magistério da Igreja.

As ausências da observação e do registro da prática pastoral ocasionam nos agentes, geralmente, o hábito de dominação, de autoritarismo, de moralismo, já que os problemas e os conflitos são vistos sempre e apenas do lado do povo e não conseguem perceber as limitações de sua ação.

Os acadêmicos, ao ingressarem no Bacharelado de Teologia da Itepa Faculdades, são instruídos para elaborar o plano de pastoral¹⁷ e fazer os seus registros. Os relatos revelam

17 No projeto constarão: 1 - problematização da temática a ser trilhada, isto é, elencar os possíveis problemas que se encontrará no apostolado; 2 - contextualização do ambiente onde vai se realizar o trabalho pastoral; das comunidades (situação social e educacional, étnica e tradição teológico-religiosa); do agente de pastoral com seus anseios, expectativas e dificuldades, condição de inserção e condições de trabalho dos agentes e dos fiéis; 3 - objetivos da pastoral; 4 - fundamentação teológica (sociológica-filosófica-metodológica); 5 - metodologia com fundamentação, procedimentos e passos a serem dados; 6 - ações estratégicas do agente de pastoral para desenvolver o projeto de pastoral (pedagogia); 7 - tempo disponível e horários para a ação pastoral e para a reflexão da prática pastoral; 8 - materiais necessários; 9 - bibliografia (ITEPA, *Projeto para Curso de Teologia Regular*, p. 5-6. ITEPA, *Relatório de 11/4/94*; p. 27-28).

que a prática pedagógica da sala de aula pode se munir das melhores estratégias didáticas, mas, se o/a agente não assumir a pastoral como opção de vida e de fé, a sessão de estudo dificilmente ultrapassará o nível do senso comum. A opção pela pastoral implica numa opção pela comunidade com quem trabalha. Optar pela comunidade significa entendê-la como ela é, querer-lhe bem e buscar transformá-la. A capacidade de observar-se observando e o desejo de transformar-se transformando formam a espiritualidade do/a agente, fazendo do método mais que um método, ou seja, tornando-o mística pastoral.

No final do relatório, o/a relator/a registra um parecer descritivo geral sobre a sua experiência para ser apresentado na aula de MPP. Este parecer explicita elementos de espiritualidade da ação pastoral refletida, ou seja, aquilo que a tradição espiritual inaciana chama de “moções interiores”. Importante assinalar que metodologia similar a esta foi sugerida no Documento Preparatório e no Vademecum para o Sínodo “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”.

1.2.4 Reencaminhamento

A análise dos registros serve para identificar questões que necessitam de reflexão mais sistematizada e especializada, além de, possivelmente, possibilitarem novas hipóteses que remetem a outras observações durante determinado tempo. A reflexão envolve aprofundamentos teóricos de ordem teológica e de outras áreas do conhecimento nas questões suscitadas pela análise dos registros. Além disto convém dizer que diversos eventos da Itepa Faculdades e, concomitantemente, de nossas Igrejas Particulares, surgiram das reflexões das práticas pastorais. Como exemplos podemos citar o *Seminário sobre Espiritualidade, Fóruns, Seminário Educação e Cultura do Bem-Viver e os Seminários da Pastoral da Saúde*.

2 A MÍSTICA DA MHE

A mística eclesiológica presente no magistério do Papa Francisco e na Metodologia Histórico-Evangelizadora nos remete para um esforço de apreender, na prática, os desafios dos contextos como “sinais dos tempos”, utilizando os referenciais teóricos que permitam uma leitura adequada dos mesmos e, simultaneamente, aberta aos apelos do Espírito, em vista da qualificação permanente dos agentes das comunidades, em configuração com o Senhor. A mística de Jesus, expressa nos evangelhos, alimenta a autêntica práxis cristã. Aqui nos detemos apenas em sete aspectos.

1º) **Deus Trindade.** A mística trinitária enfatiza a importância das relações (“Trindade imanente” e “Trindade econômica”). Entre as Três Pessoas Divinas circula o amor, o respeito às diferenças e a harmonia da unidade. Na “economia da salvação” (cf. Santos Padres): 1º) Deus se revela numa iniciativa gratuita, a fim de estabelecer um “diálogo benevolente” (*hén*) com os seres humanos; 2º) Deus capacita o ser humano para acolher a Revelação, tornando-nos interlocutores do próprio Deus a partir da liberdade, na fé (DV 2). Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, é o critério da experiência mística do Mistério Trinitário. No Nazareno, o amor a Deus e o amor ao próximo estão verdadeiramente juntos (1Jo 4,20)¹⁸. O Filho encarnado ausculta o Pai e os dramas dos irmãos e das irmãs.

2º) **Relações dialógicas.** Precisamos educar-nos para o diálogo e para a participação uma vez que, em nossas sociedades, a perspectiva autoritária possui raízes firmes. Os oprimidos tendem a reproduzir o modo de ser dos opressores quando lhes advém uma

18 D. Pedro CASALDÁLIGA; José Maria VIGIL, *Espiritualidade da libertação*, p.123.128-129.

oportunidade. Assim, educar-se para o diálogo e a participação é um dos exercícios espirituais e pedagógicos mais necessários para construir a fraternidade universal e a amizade social. O Papa Francisco tem incentivado a Igreja a abraçar cada vez mais esta postura (FT 103). Ele, por exemplo, dedicou o capítulo VI da *Fratelli Tutti* para tratar desta temática específica (o termo “diálogo” aparece 47 vezes no documento). Neste sentido, convém assinalar que a Igreja está dando passos significativos com as experiências sinodais. Também a Campanha da Fraternidade 2022 visava promover a educação com a “pedagogia do diálogo”.

A educação para o diálogo exige tempo – e tempo de qualidade – que permita escutar, com paciência e atenção, até que a outra pessoa manifeste o que deseja dizer. Isto requer a ascese de não começar a falar antes do momento apropriado (FT 48). Em vez de começar a dar opiniões ou conselhos, é preciso assegurar-se de ter escutado. Isto implica fazer silêncio interior, escutar sem ruídos no coração e na mente: despojar-se das pressas em falar controlando a afobação, controlar a precipitação de decorro das próprias necessidades ou das urgências em ter uma resposta acabada, dar espaço ouvindo além das palavras...

Muitas vezes as pessoas não precisam duma solução para os seus problemas, mas de ser ouvidas, sentindo que se apreendeu a sua mágoa, a sua desilusão, o seu medo, a sua ira, a sua esperança, o seu sonho. Todavia é frequente ouvir estes queixumes: “Não me ouve. E quando parece que o faz, na realidade está a pensar noutra coisa”. “Falo-lhe e tenho a sensação de que está à espera que acabe de vez”. “Quando lhe falo, tenta mudar de assunto ou dá-me respostas rápidas para encerrar a conversa” (AL 137). Da mesma forma, é preciso discorrer uma fala pensada, refletida, rezada, meditada, amadurecida, “com conteúdo”: “É grande o desejo de que as comunidades criem espaços de escuta, que deem atenção e acolhida, especialmente as vozes das mulheres, que são maioria absoluta nas pastorais e movimentos”¹⁹.

3º) **Fé inabalável no projeto de Jesus, o Ressuscitado.** A fé inabalável em Jesus Cristo faz participar do projeto do reino de Deus. Na compreensão de Elli Benincá e Rodinei Babinot, o agente de pastoral “expressa na sua mística da participação, o resultado da experiência de um Deus comunhão [...]. A experiência de um Deus participação transforma-se em fonte utópica da nossa fé e, por isso, razão do nosso esforço de participação”²⁰.

4º) **Metodologia de trabalho em equipe.** Participar é tomar parte na ação com os outros, trabalhar em equipe, requerer a ação da outra pessoa. “De fato, trabalhar em equipe dá trabalho e existe a tentação de fazer as coisas sozinho”²¹. É necessário que cada um tome parte e que todos os envolvidos no processo possam dizer a sua própria palavra. Marcos nos mostra que o Nazareno necessitou escolher pessoas que ajudassem os irmãos e irmãs e conseguissem consertar as redes rompidas no confronto com a sociedade opressora (Mc 1,16-20)²². O agir em equipe, em comunidade, requer a adoção do método participativo e a consciência que a nossa fé está depositada num Deus que é comunidade. A Trindade é a base sob a qual os agentes e a Igreja se constroem. O próprio Jesus suscitava evangelizadores(as) (Mc 1,31.36-37.45), comunidade itinerante. Ser cristão ou cristã implica em realizar o trabalho de evangelização em equipe/comunidade. Esta metodologia provoca para conversão para valorização do outro e superar o espírito de superioridade²³.

19 ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO, *Síntese Arquidiocesana do Sínodo 2021-2023*, Escutar.

20 *Metodologia pastoral*, p.105.

21 ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO, *Síntese Arquidiocesana do Sínodo 2021-2023*, Acompanhantes do Caminho.

22 Os discípulos e as discípulas não são os donos de Jesus, mas seguidores. René Guerre frisa que para tanto: “É preciso que cada um se sinta responsável pelos seus irmãos; é preciso um acolhimento confiante e simpático do pensamento e das atitudes dos outros, uma disposição em encontrar Jesus Cristo nos outros, a escutá-lo o que nos diz através dos irmãos. É essencial um grande respeito a liberdade dos outros, nunca lhes impor nosso pensamento, nossas atividades” (*Espiritualidade do sacerdote diocesano*, p.109).

23 José Gaston HILGERT, Elli BENINCÁ: o revolucionário humanista. Eldon Henrique MÜHL; Telmo MARCON, *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*, p.171.

5º) **Capacidade de doação e despojamento.** O Papa Francisco afirma: “Todos estamos chamados a ser pobres, a despojar-nos de nós mesmos; e para isto devemos aprender a estar com os pobres, partilhar com quem está privado do necessário, tocar a carne de Cristo! O cristão não é alguém que enche a boca com os pobres, não! É alguém que se encontra com eles, que olha para eles nos olhos, que os toca”²⁴. Infelizmente, dois mil anos após o anúncio do evangelho e oito séculos depois do testemunho de Francisco de Assis, estamos diante de um fenômeno de “iniquidade global” e de “economia que mata” (EG 52-60).

6º) **Formação continuada.** O processo de formação é gradual e permanente e isto fica bem evidente no processo que Jesus realizou junto aos doze. O evangelizador ou a evangelizadora, numa perspectiva evangélica, é simultaneamente discípulo/a. Enquanto evangeliza está sempre na dinâmica do aprendizado permanente. Por outro lado, os discípulos são sempre evangelizadores, porque a convivência amorosa com o Mestre os leva a compartilhar de sua experiência. Discipulado e apostolado são “dois lados da mesma moeda”; um não pode existir sem o outro. Ora, Pedro foi desafiado a avançar nesta perspectiva: ele havia ido pescar por conta própria (Jo 21,3) e não pescou nada. Jesus já havia dito “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Jesus será sempre a referência, tanto do seguimento, quanto do discipulado missionário.

7º) **Insistência em seus ideais.** A busca do reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33), não se perdendo numa espiritualidade individualista (Mt 6,25-34), mas abraçando os grandes ideais de “terra para todos, teto para todos, dignidade que o trabalho dá”, é muito importante para quem, na prática, é discípulo/a e missionário/a de Jesus Cristo em profundidade (Mc 4,16-17). Importante é não desanimar perante os obstáculos, mas continuar na busca dos ideais, com ousadia e criatividade.

Com estas características, o/a agente é um revolucionário/a na medida que avança para além da superficialidade e da exclusão, por isso transformador/a da sociedade, agente da cidadania e de uma eclesiologia de comunhão da participação e, concomitantemente, testemunha do Ressuscitado!

3 CONCLUINDO!

Na compreensão da Itepa Faculdades, a Metodologia Histórico-Evangelizadora necessita tornar-se uma consciência assumida e um modo de ser. Através da prática refletida e iluminada pelo Evangelho, pode-se viver o “espírito do método” e, de fato, assumir “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1), principalmente dos mais pobres (DM 14,2). Não existe uma metodologia fora da consciência. Os acadêmicos ou agentes de pastoral; ao assimilar a MHE, vai tornando-a mística da ação evangelizadora.

Participar é ter parte na ação. É sentir a ação como sua. Sentir-se responsável pela ação. Tomar parte em uma ação implica aceitar que outras partes também tenham presença na ação. A integração das partes no todo da ação é feita pelos objetivos e pela metodologia. Nenhuma das partes da ação pode pôr-se sobre as demais do contrário as outras se anulam e deixam de ter compromisso (compromisso: igual à missão junto com a comunidade, em favor da mesma ou de objetivo). Não havendo compromisso não se pode esperar que haja responsabilidade. Ter parte na ação implica em ser responsável pela ação, mas, ao mesmo tempo, ter consciência de que não representa o todo da ação, na qual está integrado com as outras partes. Nem todas as partes operam da mesma forma numa ação. Cada parte opera segundo suas condições e possibilidades.

24 FRANCISCO. *Carta do Santo Padre ao Bispo de Assis por ocasião da inauguração do Santuário do Despojamento*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170416_santuariospogliazione-assisi.html>. Acesso em: 17 dez. 2021.

Tomar parte na ação significa entrar na ação e é por isso que se torna sujeito da mesma. Se uma parte se nega a integrar-se nos objetivos da ação, ou dela se ausenta, é o todo da ação que sofre ou se desintegra.

O poder decisório decorre dos objetivos da ação e não é propriamente das partes. Estas apenas operam o poder, em favor da ação. O poder se localiza na proposta acordada pelas partes. Quando não houver acordo sobre o exercício do poder, é provável que alguém o assuma e localize o poder em si mesmo²⁵.

A MHE tem como ponto de partida a prática dos acadêmicos e dos agentes de pastoral e faz da prática evangelizadora um processo e não uma soma de atividades. Para isto, tem alguns passos que necessitam ser seguidos: a observação, o registro, as sessões de estudo (no caso do Bacharelado de Teologia da Itepa Faculdades), as aulas de MPP e o reenaminhamento para uma prática mais qualificada. O processo recomeça novamente. Somos seguidores daquele que, também, se definiu como caminho (Jo 14,6) e os primeiros seguidores também se chamavam grupo do Caminho (At 9,2). Neste sentido, a Síntese Arquidiocesana de Passo Fundo afirma:

A Itepa Faculdades destacou-se historicamente pelo “caminhar juntos” – a metodologia participativa, de escuta, de fazer, viver e rezar juntos é parte do seu método teológico. Na prática, o método participativo é o método evangélico e cristão, é o método que a Igreja vive. Alimenta-se de uma espiritualidade encarnada, do seguimento a Jesus Cristo²⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO. *Síntese Arquidiocesana do Sínodo*. Passo Fundo: Arquidiocese de Passo Fundo: disponível em: <https://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/formacao/documentos/sintese-arquidiocesana-do-sinodo-2021-2023>. Acesso em 15 de setembro de 2022.
- BENINCÁ, Elli. Metodologia pastoral; in: DIOCESE DE PASSO FUNDO, *Caderno de formação*, n.2, p.41-43, Passo Fundo: Berthier, 1994.
- BENINCÁ, Elli. A definição de uma proposta pedagógica. *Caminhando com Itepa*, Passo Fundo, v.26, p.12-14, set., 1992.
- BENINCÁ, Elli. BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CASALDÁLIGA, Dom Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CARLESSO, Jair. Planejamento pastoral. In: DAL MORO, Selina Maria; RODIGHERO, Ivanir Antonio, *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre evangELLização*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022, p. 175-200.
- COMUNIDADE DE TEOLOGIA DE PASSO FUNDO. *Livros de atas*. 1983-1984.
- COMUNIDADE DE TEOLOGIA DE PASSO FUNDO. *Livro de crônicas 1983-1984*.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja*. 23ª edição. Belo Horizonte: Paulinas, 2016.
- DAL MORO, Selina Maria; RODIGHERO, Ivanir Antonio (Org.) *Itepa Faculdades 40 anos refletindo sobre EvangELLização*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022.
- FRANCISCO. *Carta do Santo Padre ao Bispo de Assis por ocasião da inauguração do Santuário do Despojamento*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170416_santuario-spogliazione-assisi.html>. Acesso em: 17 dez. 2021.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre a alegria do Evangelho. Brasília, CNBB, 2013.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Para todos os jovens e para todo povo de Deus. Brasília, CNBB, 2019.

25 Elli BENINCÁ, Metodologia pastoral; in: DIOCESE DE PASSO FUNDO, *Caderno de formação*. nº 2, p.36-37.

26 ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO, *Síntese Arquidiocesana do Sínodo 2021-2023*, Acompanhantes do Caminho.

- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal do sumo pontífice Francisco Amoris laetitia*. Sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica do sumo pontífice Francisco Gaudete et exultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/Papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html>. Acesso em 11 de novembro de 2021.
- FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares. Vaticano. Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/Papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em 9 de novembro de 2021.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco Laudato Si' - Louvado seja*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- FRANCISCO. *Misericordia et Misera*. São Paulo: Paulus, 2016.
- GUERRE, René. *Espiritualidade do padre diocesano*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- HILGERT, José Gaston. Elli Benincá: o revolucionário humanista. MÜHL, Elton Henrique; MARCON, Telmo (Org.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022, p.155-175.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Papa Francisco no Brasil: Alguns olhares. In: *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano 7, n.79, 2013.
- ITEPA. *A espiritualidade no processo formativo: projeto formativo - 1990*. Formadores das casas de formação da cidade de Passo Fundo - RS - e professores do ITEPA. Passo Fundo, 1992. (Texto mimeografado).
- ITEPA. *A formação histórico-cultural de Passo Fundo*. Cultura e religiosidade popular. Passo Fundo, 2:79-98, 1992
- ITEPA. *Anais - 1983-1986* - Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo - Itepa. Passo Fundo: [s.e] editara, 1986.
- ITEPA. *Atas das reuniões dos formadores da cidade de Passo Fundo*.
- ITEPA. *Concílio Vaticano II - 1965-1990*. Passo Fundo, Berthier, 1990.
- ITEPA. *Considerações sobre as atividades acadêmicas da disciplina de metodologia e prática pastoral*. 1993.
- ITEPA. *Constituição do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo*. 1982.
- ITEPA. *Dados para o painel do Encontro de Professores de Teologia - 2-5-5/1991*. Passo Fundo, 1991.
- ITEPA. *Metodologia pastoral: quem é o sujeito de nossa evangelização?* Publicação Interna, 1990.
- ITEPA. *Relatório de 11/4/94*.
- LIBÂNIO, João Batista. *O que é pastoral*. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LIBÂNIO, João Batista. *Pastoral numa sociedade de conflito*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LIMA, Luís Filipe Silvério; SILVA, Bianca Carolina Pereira da. A presença do Novo Mundo na iconografia da morte e dos sonhos de São Francisco Xavier: a missão jesuítica e as partes e gentes do Império Português. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 30, n. 53, p. 407-441, 2014.
- LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins. Interrelações acerca da eco(teo)logia no século XXI. *Paralellus*, Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016, p.169-183.
- MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei (Org.). *MHE - metodologia da ação evangelizadora: Uma experiência no fazer teológico-pastoral*. Passo Fundo: Berthier, 2008.
- MÜHL, Elton Henrique; MARCON, Telmo (Org.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: EDIUPF, 2022.
- UM HOMEM DE PALAVRA. Direção de Wim Wenders. Alemanha: Universal Studios, 2018. 1 DVD (96 min.).
- RAMPON, Ivanir Antonio; RODIGHERO, Ivanir Antonio. A eclesiologia do Papa Francisco e a Metodologia Histórico-evangelizadora. In ZANINI, Rogério Luiz; REIS, Ari Antonio dos (Org.). *Eclesiologia perspectivas teológica-pastorais*. Passo Fundo: Berthier, 2022.

* Pós-doutorado (Bolsista Capes) pela Universidad Autónoma del Estado de México (UAEMéx). Doutorado em Educação (UFRGS), Mestre em Filosofia do conhecimento (PUC/RS). Especialista em Epistemologia das Ciências Sociais (UPF). Graduado em Filosofia (UPF). Atua como professor titular III e pesquisador no curso de Filosofia, no Mestrado e Doutorado em Educação da UPF, onde coordena os projetos de pesquisa Docência Universitária e Políticas Educacionais (em andamento desde março de 2012) e Políticas Curriculares para o Ensino Médio (em andamento desde outubro de 2020).
E-mail: favero@upf.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9187-7283>

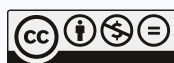
** Graduado em Filosofia (Bacharelado) pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier – IFIBE. Graduado em Filosofia (Licenciatura Plena) pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Mestrando em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES-UPF/RS), no qual participa dos projetos de pesquisa “Políticas para Docência Universitária” e “Políticas Curriculares para o Ensino Médio”. Atualmente é Coordenador de Pastoral do Colégio Salvatoriano Bom Conselho.

E-mail: antoniops1993@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3530-6582>

Recebido em 21/08/2022

Aprovado em 29/10/2022



DESAFIOS DA PASTORAL TRANSFORMADORA A PARTIR DA PRÁXIS BENICANIANA NO CONTEXTO NEOLIBERAL

CHALLENGES OF TRANSFORMATIVE PASTORAL CARE BASED ON BENINCÁ PRAXIS IN THE NEOLIBERAL CONTEXT

*Altair Alberto Fávero**
*Antônio Pereira dos Santos***

Resumo: O ensaio intitulado “Desafios da pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana no contexto neoliberal”, apresenta de início alguns aspectos que corroboram para compreender a realidade atual. O texto reflete sobre o conceito de neoliberalismo, apontando críticas ao novo modelo que afeta as relações sociais, imputando sobre os sujeitos, uma nova forma de agir, que se configura na lógica mercantil e concorrencial. Para trilhar um caminho de libertação, contra a razão neoliberal, que seja favorável e de mudanças, apostamos numa pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana, que contribui sobremaneira para a construção da coletividade, consciência de uma formação humanizadora e de práticas solidárias, em vista da promoção do bem comum.

Palavras-chave: Pastoral. Práxis. Neoliberalismo. Diálogo.

Abstract: The essay titled “Challenges of Transformative Pastoral Care Based on Benincá Praxis in the Neoliberal Context” presents, at the outset, aspects that corroborate to understand the current reality. The text reflects on the concept of neoliberalism, pointing out criticisms of the new model that affects social relations, pointing out to the subjects a new way of action that appears in the mercantile and competitive logic. To walk a path of liberation, against neoliberal reason, that is favorable and of changes, it is committed to a transformative pastoral from the practice of Benincá which contributes greatly to the construction of the collective, awareness of a humanizing transformation and solidary practices with a view of promoting the common good.

Keywords: Pastoral. Praxis. Neoliberalism. Dialogue.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Olhar pela ótica teológica e pastoral num cenário atual pode se mostrar promissora e importante. A Igreja, desde o Vaticano II, Medellín e Puebla, preocupou-se com questões sociais, fez a opção preferencial pelos pobres, esteve atenta às fragilidades humanas, promoveu uma fé comprometida e sobretudo se dedicou ao cuidado com a vida. Nas palavras do grande teólogo brasileiro, Agenor Brighenti (2016), foi a partir do Vaticano II, que a Igreja “volta às fontes”, ou seja, vive a passagem da fuga do mundo, à inserção no mundo. Destaca, que isso se deu de duas formas: “de um lado, pela pastoral social, alicerçada no Ensino Social da Igreja e na opção pelos pobres, e, de outro, pelo engajamento dos cristãos como cidadãos no mundo”¹. Isso demonstra o grande movimento causado pelo Vaticano II, em preocupar-se com o serviço às pessoas, em vista da promoção do bem comum.

Ocupar-se com as questões, sobremaneira, as que afetam a vida, a política, na sua compreensão, de que todos são sujeitos ativos e responsáveis por uma sociedade justa e solidária e também pela construção do Reino de Deus, em que todos são partícipes, torna-se iniciativa fundante de uma pastoral inserida *para e na* vida do povo. Mas, são muitos os desafios que acarretam todos aqueles e aquelas que se dedicam ao Evangelho, numa realidade conturbada, emergente e atravessada pela razão neoliberal, conceito que aprofundaremos no presente texto.

A partir dessas palavras iniciais, o objetivo do ensaio é refletir sobre os “desafios da pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana no contexto neoliberal” e os indicativos serão retomados mediante a proposta da práxis benicaniana. Primeiramente, abordaremos alguns traços da realidade atual, principalmente olhando para o conceito de neoliberalismo que além de afetar as estruturas físicas, coloca-se como uma nova razão, transformando profundamente as relações sociais. Em seguida, a partir do testemunho e das ações que nortearam a vida do padre Elli Benincá, principalmente nos seus escritos sobre práxis pedagógica, ação dialógica, educação libertadora e ressignificação da prática, apontaremos alguns indicativos que podem contribuir para o compromisso pastoral.

Para ajudar com o objetivo proposto, a pesquisa tem amparo teórico, sobretudo, em Benincá (2002), Balbinot e Benincá (2009), Brighenti (2016), Dardot e Laval (2016), Laval (2004), Fávero; Tonieto; Consalter (2020) e em estudos recentes que homenageiam o padre Elli Benincá, trazendo à tona sua contribuição para o cenário atual e em estudos de educadores que abordam a presença do neoliberalismo que afronta os interesses sociais. Dentro deste campo bibliográfico, a pesquisa configura-se quanto aos procedimentos num trabalho hermenêutico com as fontes citadas. Esse procedimento investigativo torna-se importante pela relevância da temática e pela viabilização do diálogo com as fontes em busca de respostas para o objetivo norteador da investigação.

2 CONTEXTO DE MUDANÇAS: O NEOLIBERALISMO E SEUS IMPACTOS NA VIDA

Basta olhar ao redor para perceber quantas mudanças vêm ocorrendo a nível de Brasil e de mundo. São mudanças profundas no âmbito econômico, social, cultural e que afetam as instituições e as pessoas de modo geral. Como a Igreja é constituída de pessoas, também é atingida pelas transformações emergentes. Mas, o que tem afetado a vida das pessoas? Por que as relações se tornaram mercadológicas? Por que a competição, o individualismo, a ganância e a concorrência estão se contrapondo a valores cristãos

1 Agenor BRIGHENTI. *Em que o Vaticano II mudou a Igreja*, 2016, p.77.

importantes como a solidariedade e a vida comunitária? E diante desses desafios, como a Igreja tem organizado sua prática pastoral? São perguntas atuais, inquietantes e por isso, “uma das preocupações necessárias é compreendermos essa nossa época”². Nesse ínterim, um conceito bastante utilizado por autores do âmbito político, social e educacional, para demonstrar como a sociedade vem sendo acarretada, é o conceito de neoliberalismo, definido por “um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”³.

Concernente a isto, ainda em 2009, Benincá e Balbinot, faziam uma leitura de época, demonstrando que os tempos mudaram, pois, “passamos de um tipo humano que coloca toda a sua vida à disposição do processo produtivo para um outro que tenta gozar da produção, e para isso, não vê problema em mercantilizar a si próprio”⁴. Percebe-se que depois de muitos anos, essa lógica apoderou-se dos comportamentos, a forma relacional com os outros e consigo mesmo. Ou seja, é uma luta econômica que adentra a “forma de nossa existência”⁵. Sendo assim, essa mercantilização, precisa ser compreendida também pelo olhar de pensadores que problematizam a “subjetivação neoliberal, que opera na vida comum, no trabalho e fora dela, provocadas pelo neoliberalismo que operam no sentido do egoísmo social e da negação da solidariedade”⁶. Ou seja, a subjetivação transforma os sujeitos em mercadoria, por um processo que adentra as relações sociais, produzindo “a mercantilização implacável de toda a sociedade”⁷. Sendo assim, “o que o neoliberalismo passa propor não é somente uma ressignificação de uma racionalidade mercantil, mas sim, a concepção de uma sociabilidade que passa a ser regida por uma lógica empresarial”⁸.

Também, é importante frisar que essa lógica neoliberal, para os autores Dardot e Laval, torna-se uma nova racionalidade, na medida que orienta políticas e comportamentos numa nova direção, ou seja, “quando tornar-se uma norma geral de vida, que passa a ser incorporada ‘naturalmente’ na alma e no coração das pessoas”⁹. Dessa forma, como consequência, as relações são individualizadas e pautadas por uma concorrência generalizada “que transforma desde os mais ricos, até os extremamente pobres, colonizando o inconsciente, a subjetividade e a própria vida”¹⁰.

Tal dimensão ressaltada acima, revela o caráter obscuro e perverso dessa nova subjetividade pautada pela lógica empresarial. É sistematicamente a construção de pessoas tuteladas pelo mercado, pela empresa e desejo de realização pessoal. Isso significa, que a racionalidade coletiva, ou o exercício da solidariedade são banidos, através do controle dos comportamentos e da redefinição do caráter. Em outras palavras, “a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição”¹¹. Esse ordenamento, expõe os indivíduos aos próprios riscos e inteira responsabilidade por seus fracassos. Como consequência, nega-se o caráter fundamental das políticas, através da instrumentalização da empresa como primordial para a superação de si mesmo, a prosperidade e resolução de problemas.

Ao se tornar especificamente um projeto de construção de uma racionalidade instrumental da vida e uma poderosa ferramenta de dominação dos sujeitos, o modelo

2 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.10.

3 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.17.

4 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.11.

5 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.16.

6 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.9.

7 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.23.

8 Regiano BREGALDA. *A formação humana no contexto da colonização neoliberal da subjetividade*, 2020, p.200.

9 Regiano BREGALDA. *A formação humana no contexto da colonização neoliberal da subjetividade*, 2020, p.201.

10 Regiano BREGALDA. *A formação humana no contexto da colonização neoliberal da subjetividade*, 2020, p.201.

11 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.328.

neoliberal se constituiu por promessas sedutoras de liberdade de escolhas, do fim da interferência de um estado opressor e do livre mercado. No entanto tais promessas se tornaram ineficazes para resolver e enfrentar os problemas sociais, ambientais e educacionais da população de baixa renda. O neoliberalismo promoveu a constituição de uma suposta subjetividade inovadora, flexível, aberta ao novo, capaz de conviver com a mudança permanente e incentivando a busca pela excelência, mas incapaz de criar políticas de proteção para os mais pobres, para os que não têm poder econômico e para os marginalizados e excluídos do banquete econômico. O princípio e o fim de todas as questões encontram-se em ser empreendedor de si mesmo. Isso pressupõe “que a empresa se torna não apenas um modelo geral que deve ser imitado, como também uma atitude que deve ser valorizada nos sujeitos, uma energia potencial”¹². Nessa nova condição de vida, segue-se o horizonte do agir individual em prol do desenvolvimento de si, flexibilidade, aperfeiçoamento e tecnicismo das próprias condutas. Nesse ínterim, Brighenti reafirma que “a sociedade vive uma transformação histórica que se caracteriza por grandes mudanças que afetam profundamente a vida das pessoas, marcado principalmente pela globalização da indiferença”¹³. Ou seja, o neoliberalismo vai colonizando todas as relações humanas, tornando-as mercadológicas, pautadas pela indiferença e sobretudo, pelo viés competitivo, que coloca o outro como inimigo/concorrente a ser vencido. Por isso, a necessidade de “refazer o tecido social e eclesial”¹⁴.

Quando do ponto de vista desta conjuntura social, de fragmentação das relações humanas e o enfraquecimento de qualquer ideal pautado pelas instituições, faz-se necessário primeiramente entender a corrosão engendrada pelo neoliberalismo, para em seguida apontar caminhos para uma pastoral transformadora. O contexto de mudanças, sobretudo caracterizado pela formação do sujeito neoliberal “transforma os cidadãos em consumidores de serviços que nunca têm em vista nada além de sua satisfação egoísta”¹⁵. Por isso, é de suma importância entender a engrenagem que está posta, transformando os sujeitos em responsáveis tanto pelo fracasso ou pelo sucesso de suas vidas, sem considerar políticas públicas de qualidade e para todos. Esse é o modelo que se instalou por meio da “interiorização”, do qual o neoliberalismo se alimenta e sobrevive.

Nesse sentido, compreender o neoliberalismo e as mudanças que vêm ocorrendo, é tarefa primordial para quem deseja aventurar-se na prática de uma pastoral transformadora, constatando as inúmeras contradições de um modelo concorrencial e compatível com a nova estrutura econômica. Uma pastoral, alicerçada na vida fraterna, solidária e em vista do bem comum, não se distancia da realidade, nem tampouco deixa de fazer críticas ao economicismo que transforma as relações na busca de interesses individuais, em contrapartida aos interesses comunitários. Nesse sentido, podemos afirmar que “o presente e o futuro da humanidade dependem da coragem de constituir políticas e tomadas de decisão que sejam suficientemente conscientes dos rumos societários de uma determinada coletividade”¹⁶. Porque na medida que o neoliberalismo acentua as desigualdades, a pastoral, constitui-se como força propulsora de diálogo em torno da vida, da humanização e da promoção da dignidade humana.

Assim, cultivar a humanidade por meio de uma pastoral comprometida com a vida “representa a capacidade de colocar-se no lugar dos outros, de interpretar e compreender

12 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.332.

13 Ferraro BENEDITO. *Refazer o tecido social e eclesial*, 2021, p.162.

14 Ferraro BENEDITO. *Refazer o tecido social e eclesial*, 2021, p.163.

15 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.320.

16 Altair Alberto FÁVERO; Junior CENTENARO; Antônio Pereira dos SANTOS. *A cultura humanista como antídoto ao empresariamento da educação: para além da eficiência e da eficácia*, 2020, p.173.

de forma inteligente a história das pessoas, seus anseios, emoções, desejos e opiniões”¹⁷. Por isso, toda e qualquer ação pastoral é carregada de intencionalidade e carrega no seu bojo a promoção da vida em abundância, assim, “a vida é o ponto de chegada da pastoral e também o de partida”¹⁸. Dado o contexto marcado pela exclusão, e da corrosão das relações, “se quisermos ultrapassar o neoliberalismo, abrindo alternativa positiva, temos de desenvolver uma capacidade coletiva que ponha a imaginação política para trabalhar a partir das experimentações e das lutas do presente”¹⁹. Nessa perspectiva, podemos dizer que o princípio comunitário que emana de uma pastoral transformadora e profética, das lutas e das experiências remete a um sistema de práticas diretamente contrárias à racionalidade neoliberal. Desse modo, através do panorama apresentado até aqui, em seguida, o texto procura apontar indicativos para uma pastoral que reflete as preocupações da sociedade, sobretudo no que tange aos problemas sociais proporcionados pelo neoliberalismo. Para sustentar a análise, a reflexão baseia-se na práxis benicaniana.

3 A PASTORAL E A PRÁXIS BENICANIANA

Certamente, um dos primeiros passos para uma ação pastoral que tenha em vista o bem social, a formação para a esperança e a consciência comunitária, faz-se necessário, de antemão olhar para a realidade de forma cautelosa, crítica e objetivando a transformação das estruturas. Anteriormente, vimos o quanto o neoliberalismo tem influência constante na subjetividade dos sujeitos, ocasionando mudanças que dizem respeito à coletividade, cerceando a autonomia em consonância com a lógica do individualismo, da precariedade e da concorrência exacerbada. Diante desse contexto, que novas relações são necessárias? Como a práxis benicaniana pode contribuir para uma pastoral transformadora?

Antes de adentrarmos mais especificamente nas questões apontadas acima, é preciso compreender o conceito de práxis, orientador dos escritos e da ação evangelizadora do padre e educador Elli Benincá. Para uma compreensão mais aguçada, “considera-se que o processo informal e espontâneo da prática se constitui sobretudo, do conhecimento advindo do senso comum”²⁰. Assim, por ser adquirido de forma espontânea, o portador desse saber não percebe a necessidade de transformar-se. Dessa maneira, a prática pastoral, torna-se uma ação fragmentada, superficial e que não gera a experiência do vivido. Evidentemente que o nosso intento não é se ater à reflexão sobre o senso comum, pois esta demanda outras investigações. Porém, o que nos cabe é olhar para uma “pedagogia da práxis como caminho possível para viabilizar a transformação dos sujeitos”²¹, e transformando os sujeitos, transformar-se-á o modo de fazer pastoral.

Voltando ao que foi dito no primeiro tópico, sobre o contexto de mudanças, ocasionado pelo neoliberalismo, que se configura de maneira implacável em mudar o modo de ser dos sujeitos, contaminando as instituições e os seus membros, desconsidera a participação, o diálogo, e a problematização dos reais problemas que a sociedade vem passando. Essa nova racionalidade obstrui o agir coletivo, “provocando o egoísmo social e negação da solidariedade”²², e por consequência a diluição da cidadania e da vivência democrática. Em contrapartida, “a ação pastoral precisa ser uma ação transformadora,

17 Altair Alberto FÁVERO; Junior CENTENARO; Antônio Pereira dos SANTOS. *A cultura humanista como antídoto ao empresariamento da educação: para além da eficiência e da eficácia*, 2020, p.171.

18 Agenor BRIGHENTI. *Teologia Pastoral: A inteligência reflexa da ação evangelizadora*, 2021, p. 99.

19 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.9.

20 Altair Alberto FÁVERO. *A práxis benicaniana na formação continuada de professores*, 2022, p.275.

21 Elli BENINCÁ. *O senso comum pedagógico: práxis e resistência*, 2002, p.171.

22 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.9.

geradora de vida, humanizadora, dado que o divino é a plenitude do humano”²³. Para o mesmo autor, uma ação pastoral transformadora, toma posição frente a tudo o que contradiz o “Reino de vida da opção pelos pobres à ótica do cuidado e da defesa da vida”²⁴.

Compreende-se dessa maneira, que o método da práxis pedagógica para o padre Elli Benincá, “é caracterizado pela autoformação e formação coletiva, compreende um processo metodológico de observação da prática, por sua vez, registrada e refletida de forma sistemática”²⁵. Nessa perspectiva, “a pastoral torna-se o agir do povo de Deus no mundo em mudança”²⁶ que também se constitui em denúncia às ameaças à vida, “transforma as concepções de mundo e ressignifica os sentidos impostos à consciência das pessoas”²⁷. Essa visão de mundo, marcada pela sensibilidade, humildade, tomada de consciência das próprias limitações e percepção do mundo em que vive, demonstra um novo jeito de fazer pastoral. Assim, uma pastoral orientada por princípios que fundamentam uma metodologia participativa é o grande intuito e defesa do padre e educador Elli Benincá, tanto em seus escritos, como em seu testemunho de vida.

Importante destacar que para o padre Elli Benincá, ao lado do princípio da participação, está o princípio do diálogo, que “significa a palavra aqui e ali, um com o outro e para que aconteça um diálogo verdadeiro há necessidade de reconhecimento entre as partes e, ao mesmo tempo, de se colocar num processo em que não há uma verdade derradeira”²⁸. Assim, o diálogo torna-se um caminho fértil para quebrar as barreiras da indiferença e torna-se um dos caminhos de construção do bem comum. O sentido do diálogo, a partir da perspectiva que o padre Elli Benincá desenvolveu, “vem acompanhado de um sensível tato pedagógico que se conjuga com as capacidades de ouvir, ver, sentir com o outro”²⁹, assim, é possível “dizer que o diálogo de Benincá configurou-se pela sua generosidade de colocar-se junto ao outro, de deixá-lo falar, de dar-lhe o tempo para se expor, pensar e interagir dialogicamente”³⁰.

Através do que foi apontado até agora, precisamos voltar à pergunta norteadora desta investigação: quais os indicativos para uma pastoral transformadora num contexto de mudanças a partir da práxis benicaniana? Com essa pergunta, nos atrevemos a elencar três indicativos que poderão ajudar no caminho de fortalecimento de uma pastoral que tenha em sua centralidade a vida, o ser humano, a justiça social e o exercício da cidadania.

Em primeiro lugar, ter consciência das transformações de um mundo em mudança, e isto, o padre Elli soube muito bem, através de um olhar aguçado e sempre a frente de seu tempo, soube compreender a realidade em que vivia, de olho num passado/presente, ou seja, no Concílio Vaticano II, e lançar luzes para o futuro, ainda que incerto, cheio de desafios. Com muitas aspirações, “refletiu sobre a teologia, a pastoral e todo o processo formativo a partir das dificuldades e aspirações, dos alcances e contexto eclesiais peculiares da região em que vivia”³¹. Compreendendo que as mudanças feitas pelo Concílio Vaticano II, não deveriam ser assumidas apenas no discurso e que os documentos não ficassem engavetados, assumiu e propôs uma prática pastoral de acordo com a eclesiologia conciliar.

23 Agenor BRIGHENTI. *Teologia Pastoral: A inteligência reflexa da ação evangelizadora*, 2021, p. 98.

24 Agenor BRIGHENTI. *Teologia Pastoral: A inteligência reflexa da ação evangelizadora*, 2021, p. 98.

25 Altair Alberto FÁVERO. *A práxis benicaniana na formação continuada de professores*, 2022, p.282.

26 Neri José MEZADRI; Ivanir Antônio RODIGHERO. Fazer teológico pastoral no Itepa. *Caminhando com o Itepa*, 2008, p. 34.

27 Neri José MEZADRI; Ivanir Antônio RAMPOM; Ivanir Antônio RODIGHERO. Fazer teológico pastoral no Itepa: *Caminhando com o Itepa*. Passo Fundo, 2008, p. 38.

28 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.171.

29 Eldon Henrique MUHL; Telmo MARCON. *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*, 2022, p.191.

30 Eldon Henrique MUHL; Telmo MARCON. *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*, 2022, p.184.

31 Ivanir Antônio RODIGHERO. *Padre Elli: uma vida dedicada à formação*, 2022, p. 363.

Sempre fazendo a leitura das mudanças de época, apontando inclusive para a crise na Igreja e para a crise na sociedade como um todo. Por isso, “urge a construção de um novo modelo de agente de pastoral”³², conseqüentemente um novo jeito de fazer pastoral, “mas isso não acontece sem o enfrentamento da crise”³³.

Ainda sobre o primeiro indicativo, cabe mencionar a importância e a capacidade de deixar-se envolver e sensibilizar com os novos contextos e necessidades das pessoas, por isso, padre Elli Benincá, “entendia que o processo participativo, é uma mediação para a libertação de tudo o que, na sociedade, na comunidade eclesial e nas pessoas, é obstáculo ao crescimento do ser, do conviver, do amar, do educar-se e do servir os irmãos e as irmãs”³⁴. Essa visão de mundo, de ser humano, permeada por uma prática historicizada em vista de uma experiência vivida e transformadora, é possível “quando as pessoas são o ponto de partida do processo participativo na ação pastoral, compreendidas a partir de suas práticas, da graça de Deus e do contexto sócio-histórico-cultural com a qual interagem”³⁵. Essa prática é entendida com o olhar para a ação, para a realidade, refletindo as mudanças e descortinando o que impede uma ação mais inclusiva, direcionando o próprio agir, para ações solidárias, de esperança e de vida.

Em segundo lugar, como indicativo para uma pastoral transformadora, a defesa de uma cultura humanista, frente ao neoliberalismo. Mesmo sem mencionar as conseqüências neoliberais na vida das pessoas em seus escritos, sempre refletiu sobre a racionalidade imposta aos sujeitos, que corroía as relações humanas, impossibilitando o diálogo e o processo participativo. Defende “que o ser humano não é uma máquina que pode ser montada e desmontada, peça por peça, pois a ação humana é imprevisível e não resulta de um processo previamente estabelecido”³⁶. Nota-se que o modelo neoliberal, transforma os sujeitos em objetos e as ações são isoladas e organizadas mecanicamente. Padre Elli, propôs caminhos favoráveis de mudança e de inserção que fosse contextualizado, por isso sua preocupação com os mais fragilizados, com os contextos sociais e históricos e sobretudo, “na luta contra a opressão e na busca por justiça e dignidade humana”³⁷. Nesse sentido, a pastoral para o padre Elli era considerada integral, encarnada na vida do povo, profética e sempre à luz da opção pelos pobres. Sendo assim, as ações coletivas e humanizadoras, mediante uma pastoral orgânica, pode tornar-se “um caminho para resistir aqui e agora à racionalidade dominante, ou seja, a racionalidade neoliberal”³⁸.

Em terceiro lugar, outro grande indicativo é a educação como princípio fundamental de promoção do ser humano. Quando os agentes de pastoral, arregaçam as mangas, estudam e vivem o processo metodológico “agente-comunidade-contexto”³⁹, tão defendido pelo padre Elli, a pastoral torna-se um espaço de inclusão e de inúmeras possibilidades de promoção do ser humano. A práxis pedagógica não é apenas para o outro, mas para todos que querem e se deixam conduzir por um processo que se faz no caminho, mas que exige preparação, formação, humildade e capacidade para enfrentar os conflitos existentes. Ainda, para a superação de tantos desafios relacionados à prática e aos contextos sociais, padre Elli ressaltava, a importância da formação continuada, “considerando a necessidade de projetos de formação que superassem o paradigma dos

32 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.14.

33 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.14.

34 Ivanir Antônio RODIGHERO. *Padre Elli: uma vida dedicada à formação*, 2022, p. 365.

35 Ivanir Antônio RODIGHERO. *Padre Elli: uma vida dedicada à formação*, 2022, p. 365-366.

36 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.104.

37 Gaston HILGERT. *Elli Benincá: o revolucionário humanista*, 2022, p. 169.

38 Pierre DARDOT; Christian LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, 2016, p.396.

39 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.74.

repasses de informação”⁴⁰. Ainda, essa modalidade formativa, não pode ser concebida apenas como acúmulo de conhecimentos e técnicas, mas é necessário “consolidar-se como um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua”⁴¹.

Com esses três indicativos, não queremos fechar a discussão sobre os desafios da pastoral transformadora a partir da práxis benicaniana no contexto neoliberal, mas são aspectos considerados pelos autores, pertinentes e fundamentais que são possíveis considerar a partir da práxis benicaniana. Padre Elli, acreditava que a promoção da vida se faz de mãos dadas com o diferente, respeitando e propondo caminhos de justiça social para ambos os lados. Acreditava, numa pastoral humana e humanizadora, “com o horizonte sempre aberto, em processo continuado de construção”⁴².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por cenário o contexto de mudanças, pautado pela racionalidade neoliberal que está se tornando o modelo dominante que vem colonizando e formatando as relações sociais e as vidas humanas, a presente reflexão buscou delinear, mediante a práxis benicaniana, caminhos para uma pastoral transformadora. Sabemos que são muitas as forças que procuram distanciar a construção de uma sociedade fraterna, e entre essas forças, existe a racionalidade neoliberal, que conduz os sujeitos para a diluição das relações coletivas.

Nossa pretensão não foi esgotar a temática, até porque o pensamento benicaniano é impossível de traduzir em poucas páginas de um texto, mas realçar sua primorosa contribuição de uma metodologia pastoral, baseada numa práxis formativa, humanizadora e promotora do cuidado com a vida. Assim, no atual cenário brasileiro, marcado por imensos problemas sociais e inúmeras fragilidades da vida dos mais pobres, marcados pela colonização da razão neoliberal que subjuga os sujeitos e suas ações, entendemos que a ação pastoral precisa ser profética, conjugando reflexão e ação numa práxis formativa. Sobre este aspecto o padre Elli Benincá, soube dar seu testemunho com maestria, pois viveu, ensinou e compartilhou sua vida com os mais frágeis e com todos aqueles que assumem com responsabilidade a defesa da dignidade humana.

Portanto, uma pastoral libertadora, precisa ser profética de denúncia e anúncio: denúncia da lógica desigual e profundamente injusta baseada no modelo mercantil e economicista que promove a exclusão e a marginalização dos mais pobres; anúncio da boa nova que se faz presente quando são promovidas ações de solidariedade, inclusão, reconhecimento e vida digna para todos. A pastoral libertadora se materializa por meio do diálogo, da participação e da tomada de consciência das amarras que impossibilitam que as pessoas vivenciem a solidariedade e a experiência comunitária. Frente aos imperativos autoritários do neoliberalismo que coloca os sujeitos em confronto, constituindo indivíduos adversários e concorrentes, a práxis benicaniana sugere o diálogo e a acolhida, o protagonismo de todos como irmãos e irmãs, no cuidado com a vida, na opção por uma causa justa, verdadeira, contextual e que promova a transformação da sociedade para que todos tenham vida digna.

40 Altair Alberto FÁVERO. *A práxis benicaniana na formação continuada de professores*, 2022, p.282.

41 Altair Alberto FÁVERO. *A práxis benicaniana na formação continuada de professores*, 2022, p.282.


42 Elli BENINCÁ; Rodinei BALBINOT, *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*, 2009, p.106.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENINCÁ, Elli. *O senso comum pedagógico: práxis e resistência*. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: Mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BREGALDA, Regiano. *A formação humana no contexto da colonização neoliberal da subjetividade*. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; CONSALTÉR, Evandro (Orgs.). *Leituras sobre Educação e neoliberalismo*. Curitiba: CRV, 2020, 197-216.
- FERRARO, Benedito. Refazer o tecido social e eclesial. In: BRIGHENTI, Agenor; JÚNIOR, Francisco Aquino de (Orgs.). *Pastoral urbana: Novos caminhos para a Igreja na cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p.160-180.
- BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: A inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- BRIGHENTI, Agenor; JÚNIOR, Francisco Aquino de (Orgs.). *Pastoral urbana: Novos caminhos para a Igreja na cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; CONSALTÉR, Evandro (Orgs.). *Leituras sobre Educação e neoliberalismo*. Curitiba: CRV, 2020.
- FÁVERO, Altair Alberto. A práxis benicaniana na formação continuada de professores. In: MUHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (Orgs.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Ediupf, 2022, p.270-288.
- FÁVERO, Altair Alberto; CENTANARO, Junior; SANTOS, Antônio Pereira dos. A cultura humanista como antídoto ao empresariamento da educação: para além da eficiência e da eficácia. In: FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; Evandro Consaltér (Orgs.) *Leituras sobre Educação e neoliberalismo*. Curitiba: CRV, 2020, p.161-176.
- HILGERT, José Gaston. Elli Benincá: o revolucionário humanista. In: MUHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo. (Orgs.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Ediupf, 2022, p. 155-175.
- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.
- MEZADRI, Neri José; RAMPOM, Ivanir Antônio; RODIGHERO, Ivanir Antônio. Fazer teológico pastoral no Itepa. *Caminhando com o Itepa*. Passo Fundo, 2008, n. 89.
- MUHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (Orgs.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Ediupf, 2022.
- RODIGHERO, Ivanir Antônio. *Padre Elli: uma vida dedicada à formação*. In: MUHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (Orgs.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Ediupf, 2022, p.363-369.

* Docente-pesquisador do Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG Campanha) e vice-diretor da mesma Instituição (gestão 2021-2025). Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), com bolsa CAPES. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Licenciado em Filosofia pela UEMG Campanha. Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Especialista em Doutrina Social da Igreja pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Filosofia da Educação (GRUPEFE, CNPq, UNINOVE).

E-mail: elvismessias.prof@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5395-1964>

Recebido em 08/09/2022

Aprovado em 24/10/2022

A PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

Uma descrição a partir da Doutrina Social da Igreja sobre as pastorais sociais

THE WORKERS' PASTORAL IN BRAZIL

A description from the Social Doctrine of the Church in the Social Pastorals

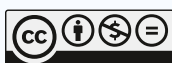
LA PASTORAL OPERÁRIA EN BRASIL

Una descripción según la Doctrina Social de la Iglesia sobre la pastoral social

*Elvis Rezende Messias**

Resumo: Apresentar uma descrição da Pastoral Operária (PO) no Brasil, destacando os seus aspectos marcadamente inspirados pela Doutrina Social da Igreja (DSI), é o objetivo geral deste artigo. A pesquisa fundamenta-se em dados documentais/bibliográficos a partir do ponto de vista da Igreja Católica e, secundariamente, também intenta contribuir para que o objeto estudado seja mais conhecido e compreendido dentro do âmbito mais abrangente do que hoje se chama de pastoral social. O caminho expositivo-reflexivo aqui trilhado apresentará, de início, uma caracterização geral das pastorais sociais segundo a DSI. Em seguida, busca-se compreender a identidade, a organização estrutural geral e as prioridades da PO elencadas pela atual coordenação nacional, sobretudo na perspectiva da sua reorganização em terras brasileiras. Por fim, serão expostas as campanhas mais conhecidas da PO no Brasil.

Palavras-chave: Pastoral social. Pastoral operária. Doutrina Social da Igreja.



Abstract: The general purpose of this article is to present a description of the Workers' Pastoral in Brazil, highlighting its aspects markedly inspired by the Social Doctrine of the Church. The research is based on documentary and bibliographic data from the point of view of the Catholic Church and, secondarily, it also tries to contribute so that the studied object is better known and understood within the broader scope of what is today called as Social Pastoral. The expository-reflective path trodden here will present, at first, a general characterization of the social pastorals according to the Social Doctrine of the Church. Then, an attempt is made to understand the identity, the general structural organization and the priorities of the Workers' Pastoral listed by the current national coordination, especially from the perspective of their reorganization in Brazilian lands. Finally, the best-known Workers' Pastoral campaigns in Brazil will be exposed.

Keywords: Social Pastoral. Workers' Pastoral. Social Doctrine of the Church

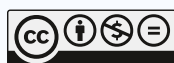
Resumen: Presentar una descripción general de la Pastoral Operária (PO) en Brasil, destacando sus aspectos marcadamente inspirados en la Doctrina Social de la Iglesia (DSI), es el objetivo general de este artículo. La investigación parte de datos documentales/bibliográficos desde el punto de vista de la Iglesia Católica y, secundariamente, también pretende contribuir a que el objeto de estudio sea mejor conocido y comprendido en el ámbito más amplio de lo que actualmente se denomina pastoral social. El camino expositivo-reflexivo aquí recorrido presentará inicialmente una caracterización general de las pastorales sociales según la Doctrina Social de la Iglesia. Después de eso, busca comprender la identidad, la organización estructural general y las prioridades de la PO enumeradas por la actual coordinación nacional, especialmente en la perspectiva de su reorganización en tierras brasileñas. Finalmente, se expondrán las campañas de la PO más conocidas en Brasil.

Palabras-clave: Pastoral social. Pastoral operária. Doctrina Social de la Iglesia.

INTRODUÇÃO

A Pastoral Operária é uma importante pastoral social da Igreja. Se compreendida à luz da DSI, sua importância se destaca ainda mais, uma vez que o tema da “condição dos operários” é central nessa Doutrina e está na gênese de seu desenvolvimento.

Em 15 de maio de 1891 o papa Leão XIII tornava pública a encíclica *Rerum novarum* (RN), que tomava, justamente, a situação do operariado europeu do século XIX como a questão social que interpelava o Magistério da Igreja a refletir seriamente e a oferecer soluções humanamente dignas para os conflitos em jogo, à luz do Evangelho.



A situação contextual já não era mais aquela marcadamente rural, pois os tempos eram outros, bem mais dinâmicos, decorrentes da efervescência industrialista urbana que produziu, especialmente para os operários, uma profunda “situação de infortúnio e de miséria imerecida” que os colocou “à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada” (RN 2).

Ocorreram muitas greves, mobilizações e revoltas políticas e sociais na França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica, Prússia e territórios de colônias e ex-colônias, a partir das quais as pessoas buscavam melhores condições de trabalho e de vida. Muitas soluções eram buscadas, diversos movimentos surgiram para combater a desumanidade do capitalismo, mas nem sempre tais soluções pareciam compatíveis com a doutrina católica, tais como aquelas que propugnavam a violência e a destruição de máquinas e indústrias ou a luta de classes, a supressão da propriedade privada e a ditadura proletária.

Segundo Souza,

Na Europa, a massa de operários criada pela Revolução Industrial constituía a nova multidão dos chamados proletários. [...] o proletário é o cidadão pobre que só tem para viver a remuneração, muitas vezes insuficiente por nem sequer chegar ao mínimo vital da sua força de trabalho. [...] Cedo o proletário empurra os filhos para a fábrica, de modo a aumentar o rendimento familiar. A sua vida decorre na fábrica, no cortiço e no botequim. O trabalho é duro e excessivo, a alimentação é sempre insuficiente, a habitação, onde se alojam em condições insalubres autênticas colmeias de gente, é miserável e o botequim será lugar de refúgio de milhares de operários, onde se pode desafogar o peso de uma existência miserável. Todas essas condições determinam uma elevada mortalidade. [...] Os camponeses, forçados por situações de penúria, abandonam o meio rural onde sempre viveram [...]. Dessa forma aumenta desmesuradamente a camada do proletariado. Nesse novo lugar geográfico não encontram qualquer estrutura pastoral da Igreja. Era diferente em seus povoados e aldeias. As paróquias urbanas não chegam aos subúrbios, de modo que o novo proletariado se torna elemento fácil para as doutrinações anarquistas e marxistas.¹

Como se vê, essa realidade exigiu da Igreja uma especial resposta pastoral. Ela entendia, cada vez mais, que não poderia ficar indiferente a tal situação e, nos dizeres de Leão XIII, “calarmo-nos seria, aos olhos de todos, trair o nosso dever” (RN 10).

Sobre isso, assim se expressa o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI), elaborado pelo então Pontifício Conselho “Justiça e Paz” e publicado no ano de 2004:

Destinatária da mensagem da Igreja fora por séculos uma sociedade de tipo agrário, caracterizada por ritmos regulares e cíclicos; agora o Evangelho deveria ser anunciado e vivido num novo areópago, no tumulto dos acontecimentos sociais de uma sociedade mais dinâmica [...] No centro da solicitude pastoral da Igreja impunha-se mais e mais urgentemente a questão operária, ou seja, o problema da exploração dos trabalhadores, consequência da nova organização industrial do trabalho, de matriz capitalista, e o problema, não menos grave, da instrumentalização ideológica, socialista e comunista, das justas reivindicações do mundo do trabalho. No seio desse horizonte histórico se colocam as reflexões e as advertências da Encíclica “*Rerum novarum*” de Leão XIII (CDSI 267).

Ora, naquele quadro da Modernidade² a Igreja reconhece que especialmente “os acontecimentos ligados à revolução industrial subverteram a secular organização da

11 Ney de SOUZA. Aspectos das raízes da Doutrina Social da Igreja. In: Ronaldo ZACHARIAS; Rosana MANZINI (Orgs.). *Magistério e Doutrina Social da Igreja: continuidade e desafios*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 36-37.

2 Terminologia consagrada pela historiografia recente que se refere a um conjunto de transformações que caracteriza a história econômico-social da humanidade, englobando tanto a Idade Moderna (séculos XV a XVIII) quanto a Idade Contemporânea (séculos XVIII aos dias atuais).

sociedade, levantando graves problemas de justiça e pondo *a primeira grande questão social, a questão operária*, suscitada pelo conflito entre capital e trabalho” (CDSI 88. Itálicos nossos). Como se vê, a situação do operariado se tornou a questão social da qual a Igreja por primeiro se ocupou no contexto do que hoje se chama de sua Doutrina Social, especialmente a partir da encíclica leonina *Rerum novarum*³.

Diversas atuações assistenciais católicas apareceram nesse contexto do século XIX, algumas antes mesmo da *Rerum novarum*, como raízes especiais da DSI. Como expressa Souza, “não faltavam numerosíssimas iniciativas no campo da caridade, entendidas principalmente como assistência ao pobre. Inegavelmente encontram-se obras que revelam uma grande generosidade e abnegada dedicação”, e exemplifica⁴: a fundação, por Frederico Ozanan, da Sociedade São Vicente de Paulo em 1833; a fundação, por Conde Albert de Mun, dos Círculos Católicos de Operários em 1871; iniciativas, como as de León Harmel, de cooperação de operários nas direções fabris e de condução cristã das fábricas pelos patrões que culminou com a criação do chamado Conselho de Usina em 1909, com raízes de sindicalismo cristão; a organização, por Pe. Adolph Kolping, de associações católicas de operários alemães em 1849; a fundação, por Dom Bosco, da Sociedade de São Francisco de Sales em 1859; a fundação, por Franz Hitze e Ludwig Windthorst, da associação católica de trabalhadores *Volksverein* em 1890. Além disso, vale destaque também para a publicação da obra *A questão operária e o cristianismo*, de 1864, por Dom Wilhelm Emmanuel von Ketteler, e os posicionamentos críticos de Hugo Félicité de Lamennais, Jean-Baptiste Henri-Dominique Lacordaire, Dom De Bonald, Dom Giraud, dentre outros.

Segundo Souza⁵, há nas obras sociais, intelectuais e pastorais desses católicos preocupações de ordem moral que se expressam em “um real protesto social que, no decorrer de anos, ganha força e extensão. São essas e muitas outras as inspirações que estarão na encíclica *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII, iniciando a Doutrina Social da Igreja”.

Tendo, então, esse pano histórico e pastoral de fundo, o presente trabalho objetiva apresentar uma descrição da Pastoral Operária no Brasil a partir de dados documentais/bibliográficos de pesquisa, destacando os seus aspectos marcadamente inspirados pela DSI, com o intuito de contribuir para que seja mais conhecida e compreendida no âmbito mais abrangente da pastoral social. É importante que fique claro que o ponto de vista epistemológico-metodológico aqui adotado toma como base um recorte analítico a partir de documentos e bibliografias conforme a perspectiva da própria Igreja Católica, não sendo - por limitação de espaço em um trabalho como esse e por um caráter mais

3 Ainda sobre a *Rerum novarum*, seu contexto e seus posicionamentos diante dos movimentos de contestação ao capitalismo surgidos ao longo do século XIX, é importante ficar claro que essa encíclica “condena o socialismo como ‘solução’, como ‘remédio’ (cf. RN 3). Ou seja, antes do mal do socialismo havia já o mal do capitalismo liberal, que estava expresso exatamente nas condições deploráveis dos operários de então. Tanto um quanto outro é o pano contextual de fundo que leva Leão XIII a escrever sua encíclica social. [...] Aclaramentos sobre isso foram acontecendo no decorrer do desenvolvimento da DSI nesses últimos 130 anos, mas já são deduzíveis da própria encíclica leonina. Falando sobre a *Rerum novarum*, o papa São João XXIII afirmou na encíclica *Mater et magistra* (MM) que ‘tanto a concorrência de tipo liberal como a luta de classes no sentido marxista são contrárias à natureza e à concepção cristã da vida’ (MM 22)” (MESSIAS, 2021a, s/p). Vale ainda considerar o que pondera Josaphat (2002, p.56), que diz que “a ênfase na condenação do erro, quando não acompanhada de uma formação positiva do senso da justiça, que a luta de classes envenenara, tem sido ou pode ser ocasião de equívoco para a mentalidade do homem comum. Dir-se-á de maneira global: ‘O comunismo espalha e fomenta a luta de classes, a desarmonia social, a desordem e a anarquia’; ‘O cristianismo prega o amor, a harmonia e a colaboração entre as classes, a manutenção da ordem e a paz social’. Essa oposição simplista pode levar à omissão ou ao esquecimento de uma das exigências do amor cristão: sua condenação ativa do mal sob todas as suas formas [...] A paz que o cristianismo prega e tende a instaurar não é aceitação de qualquer situação estabelecida; ela resulta da ordem, fundada na justiça”.

4 Ney de SOUZA. Aspectos das raízes da Doutrina Social da Igreja. In: Ronaldo ZACHARIAS; Rosana MANZINI (Orgs.). *Magistério e Doutrina Social da Igreja: continuidade e desafios*. São Paulo: Paulinas, 2016. p.44-48.

5 Ney de SOUZA. Aspectos das raízes da Doutrina Social da Igreja. In: Ronaldo ZACHARIAS; Rosana MANZINI (Orgs.). *Magistério e Doutrina Social da Igreja: continuidade e desafios*. São Paulo: Paulinas, 2016. p.48-49.

introdutório e descritivo aqui escolhido - mobilizadas críticas internas e externas mais amplas por diferentes atores dentro e fora da própria Igreja⁶.

À vista do exposto, trilharemos um caminho expositivo-reflexivo que, inicialmente, apresentará uma caracterização geral das pastorais sociais conforme a compreensão da DSI sobre elas para, em seguida, compreender a identidade e a organização geral da PO em nosso país, suas prioridades elencadas pela atual coordenação nacional, sobretudo na perspectiva da sua reorganização em terras brasileiras, e, por fim, serão expostas as campanhas mais conhecidas da PO no Brasil.

1 CARACTERIZAÇÃO DAS PASTORAIS SOCIAIS NA DOCTRINA SOCIAL

A Igreja não é ministra de uma salvação meramente abstrata ou de uma dignidade só da alma (EN⁷ 31), mas do ser humano em sua totalidade, “todos os homens e o homem todo” (PP⁸ 14). Ela tem o direito e o dever de fecundar e fermentar a sociedade mesma com o Evangelho (CDSI 62.64.69-71). De fato, o Evangelho tem profunda incidência social⁹, nada lhe é alheio (CDSI 66), “a posição cristã não é cômoda, porque é integral. Abraça todos os dados do problema”¹⁰ (assim como a própria Trindade é comunhão de Pessoas e a ação redentora de Jesus Cristo, singularmente iniciada no mistério da encarnação (CDSI 65), é interpeladora socialmente de modo íntimo e inevitável: “Ele é em pessoa a Doutrina Social de Deus”.¹¹

Nesse sentido, a Igreja também tem uma doutrina social e atua socialmente na competência que lhe é própria, ou seja, não a da técnica nem a da proposição de regimes sócio-político-econômicos, mas a do anúncio de Jesus e da redenção e libertação por ele trazidas (CDSI 68). Como tal, a atuação da Igreja é marcadamente a de pastoreio, de cuidado pastoral. Daí que, dentre suas atividades pastorais, ocupam especial lugar de importância as chamadas pastorais sociais.

O pastoreio social da Igreja é iluminado, em sua articulação, natureza, enfoque e desenvolvimento, pela Doutrina Social, que compreende a pastoral social como “a expressão viva e concreta de uma Igreja plenamente consciente da própria missão evangelizadora das realidades sociais, econômicas, culturais e políticas do mundo” (CDSI 524). Ora, essa dimensão pastoral revela um elevado grau de maturidade da Igreja no que tange à sua autoconsciência, à consciência clara da abrangência de seu chamado e de sua identidade, bem como da compreensão que a fé cristã “torna-se luz para iluminar as relações sociais” (GS¹² 40).

Na *Evangelii gaudium* (EG), o Papa Francisco afirmou que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177). E é, então, justamente baseada na mensagem social do Evangelho que a Igreja desenvolve uma dupla tarefa

6 Temos ciência de que outras abordagens são possíveis para o objeto aqui estudado, bem como maiores problematizações histórico-contextuais podem ser evocadas. Existem, inclusive, disputas por significados, hermenêuticas e exegeses no interior da própria Igreja. Aqui optamos, contudo, por uma descrição a partir da própria ótica eclesial. Novas leituras e pesquisas serão bem-vindas e necessárias posteriormente.

7 EN = *Evangelii Nuntiandi*.

8 PP = *Populorum progressio*.

9 Elvis Rezende MESSIAS; Dom Pedro Cunha CRUZ. *O Evangelho Social: manual básico de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2020.

10 Frei Carlos JOSAPHAT. *Evangelho e revolução social*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p.74.

11 FRANCISCO. Prefácio. In: DOCAT. *Como agir?* São Paulo: Paulus, 2016a. p.12.

12 GS = *Gaudium et spes*.

pastoral: 1) “ajudar os homens a descobrir a verdade e escolher a via a seguir”; 2) “encorajar o esforço dos cristãos em testemunhar o Evangelho no campo social” (CDSI 525).

Assim, segundo o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI 526), a pastoral social deve:

- anunciar o Evangelho;
- confrontar a mensagem evangélica com a realidade social;
- projetar ações voltadas a renovar a realidade social.

Desse modo, sua fundamentação e atuação são eminentemente evangélicas e teológicas. De fato, antes do seu agir *social* vem sua identidade *pastoral*. É daí que se sustenta sua prática e encontram seus agentes as inspirações basilares para seus planejamentos, organizações, avaliações e celebrações.

Segundo expressa a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no texto *A missão da pastoral social* (MPS), de 2008, cada organismo, setor, comissão e pastoral social – que são várias – têm um profundo sentido de ser, de fato, “pastoral”. Com o intuito de “formar pessoas/Igrejas/comunidades ‘samaritanas’ prontas para socorrerem os necessitados”, desde o princípio, no Brasil, por exemplo, esses trabalhos

[...] eram plenamente “pastorais”, no sentido de serem parte de uma dimensão essencial e irrenunciável da missão da Igreja de Jesus, e por desejarem, mesmo incomodando profeticamente, que todas as comunidades/Igrejas estivessem despertadas e organizadas para viver esse aspecto da missão.¹³

A título, então, de indicações e pistas de ação inspiradas na Doutrina Social da Igreja e na dimensão sociotransformadora da ação pastoral da Igreja no Brasil¹⁴, podemos elencar alguns tópicos iluminadores para a atuação das diversas pastorais sociais católicas. Destaca-se que elas podem:

- contribuir para a transformação dos corações e das estruturas da sociedade à luz do Reino de Deus e do projeto de construção da Civilização do Amor;
- concretizar atividades que viabilizem a transformação de situações específicas (mundo do trabalho, realidade das ruas, mobilidade humana, presídios, marginalização da mulher, negros, pescadores, indígenas, múltiplos rostos sofredores);
- ser presença (testemunho) junto aos setores mais marginalizados da população;
- ser alerta (denúncia e anúncio) à Igreja e à sociedade civil sobre a existência desses submundos;
- ser ação (serviço) que multiplica atividades de conscientização, organização e transformação, e que levem à conversão;
- ser articulação fraterna (diálogo) com outros setores e instituições em vista do bem comum;
- reconhecer que o mundo é lugar teológico (Deus nos fala, interpela, encontra e chama em todas as circunstâncias);
- identificar os rostos sofredores que nos interpelam (categorias marginalizadas, subalternizadas e/ou situações sociais de extrema carência)¹⁵;

13 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 20.

14 Sobre ver as inúmeras indicações da CNBB, disponíveis em: https://www.cnbb.org.br/acao_transformadora/. Acesso em 07 set. 2022.

15 Acerca dos rostos sofredores, o Documento de Aparecida, justamente em uma seção na qual trata de *Uma renovada pastoral social para a promoção humana integral*, considera que em nosso atual contexto globalizado emergem-se muitos “novos rostos pobres” e, em sintonia com as anteriores Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, oferece uma lista desses rostos interpeladores hoje (DAp 402): migrantes, vítimas de violência, deslocados e refugiados, vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, desaparecidos, enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas de exclusão e do tráfico para a exploração sexual,

- estimular o protagonismo das pessoas atendidas pastoralmente na luta e conquista de seus próprios direitos, no trabalho de fazer com que suas vozes sejam ouvidas, reconhecidas e respeitadas na sociedade como um todo e na Igreja especificamente;
- tomar consciência constante da realidade local (que seja sensível e gere um processo de organização e mobilização);
- fortalecer equipes de base para que possam acompanhar de perto e sistematicamente as situações específicas;
- discernir e desenvolver atividades e redes de apoio e solidariedade, num trabalho gradativo e persistente;
- integrar todas as pastorais sociais da paróquia/diocese/regional, em diálogo com os corpos intermédios da sociedade civil organizada;
- conhecer e difundir a Doutrina Social da Igreja e deixar-se guiar por ela em todos os seus processos e percursos;
- defender e promover a dignidade integral da pessoa humana como princípio primaz, difundindo a cultura da vida e combatendo as múltiplas expressões de cultura de morte;
- resgatar o sentido original da política, da economia e da sociedade como um todo;
- despertar a consciência crítica frente à realidade político-social do entorno;
- mobilizar a comunidade no conhecimento e na busca de seus direitos e deveres;
- estimular o exercício da cidadania e o surgimento de lideranças engajadas e democráticas;
- impregnar a própria organização pastoral de processos democráticos e, especialmente, sinodais;
- acompanhar, oferecer apoio e fiscalizar os trabalhos dos diversos agentes sociais, especialmente daqueles politicamente eleitos;
- atuar junto à comunidade para discutir problemas locais;
- promover encontros de estudo dos projetos políticos, emendas de leis, políticas públicas etc., avaliando suas motivações e impactos à luz da Doutrina Social da Igreja, Evangelho Social de Jesus Cristo;
- promover encontros para reflexão e construção coletiva de ações sobre as diversas questões de interesse público (educação, saúde, moradia, desenvolvimento econômico, ecologia...);
- articular-se com outras pastorais, como, por exemplo, à Pastoral da Comunicação, para um trabalho de difusão e promoção de informações necessárias à saúde sócio-político-econômica da comunidade e ao sistemático combate de informações falsas¹⁶;
- aproveitar as diversas datas de mobilização social previstas no calendário civil, bem como dos santos e das santas da Igreja, que contribuem para a reflexão cristã na dimensão sócio-político-econômica;
- buscar constante assessoria teológica, política e filosófica (ciências humanas) para o fortalecimento dos alicerces da pastoral social.

peças com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros (lembrando que o DAp é do ano de 2007 e, desse modo, talvez outros novos “rostos” precisem, infelizmente, ser acrescentados a essa lista). E o *Documento* conclui esse número com a seguinte afirmativa: “A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas” (DAp 402).

16 Sobre as singulares ameaças que merecem nossa atenção atualmente, os bispos brasileiros reunidos em Assembleia Geral em abril de 2022, alertaram sobre “a disseminação das *fake news*, que através da mentira e do ódio, falseia a realidade. Carregando em si o perigoso potencial de manipular consciências, elas modificam a vontade popular, afrontam a democracia e viabilizam, fraudulentamente, projetos orquestrados de poder” (CNBB, 2022, s.p).

A esses destaques, muitos outros poderiam ser acrescentados. Contudo, pelo que se fundamentou até aqui, uma tarefa essencial da ação pastoral social é, por fim, reunir-se para avaliar e celebrar frequentemente, vivendo uma espiritualidade cristã integral. Não se pode esquecer que, enquanto definida como uma atividade “pastoral”, ela nasce do encontro com o Bom Pastor. Tal como alertaram os bispos no *Documento de Aparecida*, “a missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo” (DAp 145).

2 NASCIMENTO E IDENTIDADE DA PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

Em se tratando especificamente do contexto brasileiro, as Pastorais Sociais “nasceram na década de 70 do século passado, por um motivo muito claro: a insuficiência das mediações de trabalho social na Igreja Católica para dar conta, na época, dos novos problemas que atingiam amplos setores da sociedade brasileira”.¹⁷ Eram tempos árdusos de ditadura civil-militar e do cínico processo de integração de diversas regiões – em especial a região amazônica – à ideologia do “progresso nacional” ou do “milagre econômico”, um processo capitalista e autoritário que “mantinha viva e aprofundava, disfarçada sob a linguagem modernizadora, a tradicional política colonizadora de usurpação do território brasileiro”, produzindo a ilusão “de que os ditadores estivessem efetivamente introduzindo a modernização e o progresso e impedindo o avanço do comunismo”.¹⁸

Nesse cenário de marcante opressão, de forte exploração do trabalho e de repressão dos movimentos de organização sindical e/ou política, as pastorais sociais nascentes do Brasil, especialmente a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), foram surgindo marcadamente como “pastorais de fronteiras”¹⁹, como “serviço evangélico de risco”²⁰ como “pastoral de conflito”²¹, tendo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) um grande berço para o aparecimento de lideranças de movimentos sociais, partidos democráticos, sindicatos e de agentes de pastorais sociais²². Daí que se possa dizer que:

Com a mesma inspiração do CIMI e da CPT, foram surgindo, a partir de 1976, a Pastoral Operária, a Pastoral do Menor, dos Migrantes, da Mulher Marginalizada, a Pastoral Carcerária, o Serviço Pastoral dos Pescadores... Elas propuseram-se a ser parteiras, no sentido de ajudar a nascer, o protagonismo destas pessoas e classes com direitos e existência negados, apostando na força de sua organização e luta política e na experiência histórica da ressurreição. Evitaram, para isso, transformar-se em “movimentos sociais” e agir em nome ou representando os empobrecidos como um serviço da Igreja.²³

Considerando, então, a Pastoral Operária de modo mais dedicado, pode-se dizer que ela tem como data de nascimento no Brasil o ano de 1970. Naquele ano, mais especificamente no dia 18 de outubro de 1970, foi celebrada na cidade de São Paulo aquela que ficou conhecida como a *Missa pelo salário justo*, presidida pelo cardeal Agnelo Rossi, à época arcebispo de São Paulo. Segundo explicita Rodrigues citando “Waldemar Rossi, um dos fundadores da Pastoral Operária”, naquele ano, aproximadamente oito sindicatos se

17 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p.13.

18 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p.14.

19 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 15.

20 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 18.

21 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 32.

22 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 33.

23 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p.18.

uniram em luta contra “o arrocho salarial”, de tal forma que ele sugeriu “a ‘Missa do Salário Justo’. O cardeal (Agnelo Rossi) fez questão de celebrar a missa e, naturalmente, ficou então instituída a Pastoral Operária naquele dia”.²⁴

Criada, então, há quase 52 anos, primeiramente na Arquidiocese de São Paulo, e, depois, nacionalmente em 1976²⁵, a PO nutre especial atenção às questões que envolvem o trabalho humano, sobretudo no âmbito urbano, lidando com situações como direitos trabalhistas, acidentes e doenças de trabalho, campanhas de formação para o conhecimento da legislação trabalhista, economia solidária, união de trabalhadores, segurança e saúde no trabalho, na perspectiva de uma espiritualidade integral do trabalho.

Engajada social e eclesialmente, a PO no Brasil pode ser identificada a partir dos seguintes tópicos²⁶:

1) A PO é uma pastoral social que se coloca a serviço da classe trabalhadora urbana, como uma pastoral organizada, composta e dirigida por trabalhadores(as). Ou seja, é uma pastoral preocupada com a incidência social do Evangelho e possui uma estruturação marcada pelo protagonismo dos cristãos leigos e leigas. Esse protagonismo, contudo, não é sinônimo de exclusivismo, pois a PO no Brasil faz parte das Pastorais Sociais da Comissão para a Caridade, Justiça e Paz da CNBB.

2) Como tal, a PO procura ser espaço para reflexão da vida da pessoa trabalhadora à luz da Sagrada Escritura e da DSI. Sua orientação é marcadamente cristã, procurando oferecer uma resposta social que seja, de fato, pastoral, compreendendo que o Evangelho da Salvação não é alheio às injustiças sociais concretas de cada tempo histórico.

3) Nesse sentido, a PO autocompreende-se como intrinsecamente missionária, identificando sua própria missão no sentido de atuar como presença da Igreja junto à classe trabalhadora e da presença da classe trabalhadora junto à Igreja. Assim como a sociedade e os trabalhadores devem abrir-se à presença orientadora da Igreja, também a Igreja deve abrir-se à presença interpeladora da sociedade e dos trabalhadores.

4) Onde vem, então, aquele que é o compromisso especial da PO: agir *com* o povo, resgatando a cidadania plena de trabalhadores formais, informais e desempregados, tendo o trabalho como chave para construção de uma sociedade justa e solidária.

Deste quarto ponto, duas coisas merecem destaque ainda:

Em primeiro lugar, a Igreja como um todo não trabalha *para* o povo nem simplesmente *em favor dele*, mas que *age com ele*, com os pobres, porque ela é *povo de Deus em caminho e em comunhão*, porque ela é *dos* pobres, ou, melhor dizendo, *ela mesma é pobre*, ou seja, sempre necessitada da solicitude compassiva do Bom Pastor.²⁷ E, nunca é demais lembrar, não se trata aqui de desejar, em última instância, uma sociedade do poder proletário de inspiração marxista, como refletiu Francisco quando interpelado em 2016 por Eugenio Scalfari, do jornal *La Repubblica*²⁸. Naquela ocasião, disse o Papa que, se houver alguma semelhança entre as duas coisas, na verdade a prerrogativa do cuidado libertador para com os pobres, que os vê e os torna sujeitos de sua própria formação, é do cristianismo, e não do marxismo. Expressou Francisco que, nesse caso,

24 Cátia Regina RODRIGUES. D. Paulo Evaristo Arns e as pastorais sociais. *Projeto História*, São Paulo, n. 37, p. 319-328, dez. 2008, p. 320.

25 Ver histórico em: <https://pastoraloperaria.org.br/>. Acesso em: 07 set. 2022.

26 Optamos aqui por uma apresentação de cunho didático. Estas e outras informações podem ser consultadas em Pastoral operária. *Quem somos?* Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 set. 2022.

27 Elvis Rezende MESSIAS. A pastoral deve voltar a Jesus: inspirações e provocações a partir da obra de J. A. Pagola. *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 40-50, 2021b.

28 A entrevista de Scalfari com Francisco foi em novembro de 2016 e o seu texto completo está disponível em: https://www.repubblica.it/vaticano/2016/11/11/news/scalfari_papa_francisco_trump_no_lo_juzgo-151826657/. Acesso em: 07 set. 2022.

[...] são os comunistas os que pensam como os cristãos. Cristo falou de uma sociedade onde os pobres, os frágeis e os excluídos sejam os que decidam. Não os demagogos, mas o povo, os pobres, os que têm fé em Deus ou não, mas são eles a quem temos que ajudar a obter a igualdade e a liberdade²⁹ (Tradução nossa).

Em segundo lugar, destaca-se a compreensão da sociedade em chave laboral. Essa é uma das contribuições fundamentais da Encíclica *Laborem exercens* (LE), de João Paulo II, em leitura atualizada da *Rerum novarum*. O documento do papa polonês versa sobre o trabalho humano, reconhecendo sua centralidade na vida das pessoas e declarando-o como a chave de toda a “questão social” (LE 3).

Em síntese, não se constrói uma sociedade justa e solidária sem a dignidade concreta da pessoa trabalhadora em seus trabalhos concretos. Daí a singular importância da existência de uma pastoral social que tome a realidade operária como objeto especial de sua ação missionária.

3 ESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO GERAL E PRIORIDADES DA PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

Pelo que se expôs até aqui, pode-se compreender que as *áreas de atuação* da PO são abrangentes, envolvendo o âmbito eclesial, mas também as realidades da organização dos trabalhadores e da organização sociopolítica e econômica como um todo. Os trabalhos pastorais desenvolvidos envolvem formação eclesial, conhecimento da DSI e também a interpelação para a ação pastoral organizada, envolvendo, por consequência, campanhas, movimentos de reivindicação e diálogo com gestores políticos, projetos de lei de iniciativa popular etc.

Um dos destaques, nesse sentido, são os chamados *grupos de economia popular solidária* (GEPS), que são criados e acompanhados pela PO para integrar os *Grupos de Base* nas paróquias e cidades. Os GEPS “são coletivos de geração de trabalho e renda (cooperativas e outros empreendimentos), em todo Brasil. A PO promove a formação e organização dos grupos, a partir dos princípios de autogestão, solidariedade, justiça”.³⁰

Tal perspectiva é importante para vencer três coisas:

1) o *individualismo*, pois não se luta sozinho, isoladamente nem pensando somente nos “meus problemas”, dado que eles possuem tanto incidência quanto certa decorrência histórico-social;

2) o *fatalismo*, pois a solidariedade fraterna ajuda a compreender que as coisas podem mudar, que os problemas de injustiça sistêmica que passamos não são “vontade de Deus”;

3) o *espontaneísmo*, pois a luta por melhores condições de vida e de trabalho não se faz por mero impulso, mas iluminada pela Palavra de Deus, orientada pelo Magistério Social católico e organizada comunitariamente, dificultando que as justas reivindicações dos trabalhadores sejam cooptadas por ideologias, sejam elas de direita, esquerda, centro etc.

Daí que se destaca, então, a organização da própria PO em diversos níveis, possibilitando maior consistência no trabalho/missão que ela pretende desenvolver. Têm-se os seguintes *níveis de organização*:

29 “[...] son los comunistas los que piensan como los cristianos. Cristo habló de una sociedad donde fueran los pobres, los débiles, los marginados, quienes decidieran. No los demagogos, no los Barrabás, sino el pueblo, los pobres, independientemente de que tengan o no fe en el Dios trascendente, es a ellos a los que debemos ayudar para que logren la igualdad y la libertad”. (FRANCISCO. Entrevista concedida a Eugénio Scalfari. *La Repubblica*. 11 nov. 2016b. Disponível em: https://www.repubblica.it/vaticano/2016/11/11/news/scalfari_papa_francisco_trump_no_lo_juzgo-151826657/. Acesso em: 07 set. 2022.

30 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 36-37.

• *Grupos de base*: compostos pelos trabalhadores em suas realidades. É neles que a ação concreta nas especificidades dos trabalhadores acontece. Ali ocorrem reuniões sobre a realidade do dia a dia, uma especial vivência da espiritualidade do trabalho, celebrações da vida e da luta do povo, encontros de reflexão, formações e articulações sobre vários temas pertinentes à atuação da PO³¹.

• *Coordenação Diocesana*: formada por representantes dos Grupos de Base.

• *Coordenação Estadual*: formada por representantes das dioceses e pelos coordenadores/liberados estaduais.

• *Articulação Norte/Nordeste e Sul/Sudeste*.

• *Colegiado Nacional*: instância geral de direção da PO, com estrutura regimental de oito membros: 5 trabalhadores leigos (daí saindo as duas pessoas coordenadoras), um padre, uma religiosa e o bispo referencial da CNBB³².

A última coordenação nacional, que atuou até março de 2022³³, procurou, assim, um trabalho de reorganização interna da PO, tendo em vista que em muitas dioceses do Brasil ela encontra-se sem atuação. Para tanto, a equipe elencou duas frentes de prioridades, como se pode ver a seguir³⁴.

Prioridade 1: Formação. O objetivo aqui é

[...] contribuir para a formação de trabalhadoras e trabalhadores, no que se refere a organização, mobilização, direitos, políticas públicas, espiritualidade, bíblia, Ensino Social da Igreja, comunicação, mundo do trabalho em geral para o desenvolvimento de uma consciência cristã cidadã de defesa e garantia de direitos de trabalhadoras e trabalhadores.³⁵

As realizações que foram previstas para essa primeira prioridade são:

• Realização 1: produzir subsídios de formação em níveis [grupo de base/diocese – estadual/regional – nacional] a partir das áreas de atuação da PO [eclesial – organização da classe trabalhadora – social – político – economia popular solidária].

• Realização 2: realizar processo formação [rodas de conversa – cursos – seminários] em níveis [grupo de base/diocese (para novos grupos, jovens e para militantes) – estadual/regional – nacional] com os subsídios produzidos.

• Realização 3: acompanhar [monitoramento, avaliação e sistematização] com sistematização da realização das rodas de conversas, cursos e seminários.

• Realização 4: celebrar os 50 anos da PO [ocorridos 2020].

Prioridade 2: Comunicação. O objetivo aqui é, sinteticamente, melhorar a comunicação da PO a serviço da Classe Trabalhadora. As realizações que foram previstas são:

31 Sobre a organização e funcionamento dos Grupos de Base, ver a cartilha disponível em: https://pastoraloperaria.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Ebook_Grupos_Base_PO.pdf. Acesso em: 07 set. 2022.

32 Até março de 2022 a equipe estava composta pelas seguintes pessoas: Jardel Neves Lopes (trabalhador coordenador), Mônica Helena de Andrade Fidelis (trabalhadora coordenadora), Osmarina Oliveira (trabalhadora articuladora regional Sudeste), Iguaracira Fidelis Maia (trabalhadora articuladora regional Nordeste), Luzarina Varela (trabalhadora articuladora regional Norte), Alessandra Lazzari (trabalhadora articuladora regional Sul), Pe. Miguel Pipolo (Assessor Eclesiástico) e Dom José Reginaldo Andrietta (bispo referencial da CNBB para a Pastoral Operária).

33 Uma nova equipe foi eleita a partir da última Assembleia Nacional, ocorrida entre 11 e 13 de março de 2022. Está agora composta por: Marina Oliveira e Marcos Moura (trabalhadores coordenadores - liberação), Alessandra Lazzari (trabalhadora articuladora regional Sul), Gilmar Ortiz (trabalhador articulador regional Sudeste), Lucia Ângelo (trabalhadora articuladora regional Nordeste), Luzarina Varela (trabalhadora articuladora regional Norte). O assessor eclesial ainda está a definir e Dom José Reginaldo Andrietta segue sendo o bispo referencial da CNBB para a Pastoral Operária. Informações disponíveis em: <https://pastoraloperaria.org.br/2022/03/17/sintese-geral-da-20a-assembleia-nacional-da-po/>. Acesso em: 07 set. 2022.

34 Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 set. 2022.

35 PASTORAL OPERÁRIA 2022. *Quem somos?* Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 set. 2022.

- Realização 1: produzir cartilha de formação sobre comunicação, com conteúdo introdutórios, formas de linguagens da comunicação, instrumentalização e orientações sobre a comunicação na PO.
- Realização 2: realizar oficina de comunicação com representantes estaduais/regionais para auxiliar no envio de informações da equipe nacional e estadual para as bases e das bases para as equipes estadual e nacional.
- Realização 3: promover intercâmbio de informações entre as experiências dos grupos de PO pelo Brasil.
- Realização 4: melhorar as mídias sociais da PO: refazer o site.
- Realização 5: atualizar e republicar subsídios de formação uteis para a formação da base da PO: (i) Grupos de Base, (ii) PO como e para quê, (iii) Igreja e os Trabalhadores (coleção).

A organização, (re)estruturação e elenco de prioridades e caminhos a serem trilhados mostram uma pastoral em perene movimento e vitalidade, atenta às interpelações do contexto operário atual. De fato, os desafios são muitos, pois a realidade laboral na atual conjuntura nacional inspira muitos cuidados e ação pastoral profética, bem organizada e coerentemente fundamentada nos princípios e critérios da Doutrina Social da Igreja.

4 MOVIMENTAÇÕES E CAMPANHAS DA PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

Destacamos, dentre outras, três movimentações/campanhas bastante conhecidas da PO no Brasil e que auxiliam os grupos de base e dioceses a se inspirarem e se articularem em torno de suas próprias demandas locais/regionais.

Uma movimentação fundamental é a *Assembleia Nacional* da PO, ocorrida anualmente, preparada ao longo de vários meses, com articulações e encontros em níveis diocesanos e estaduais, à luz de um texto-base preparado previamente. A última edição ocorreu entre 11 a 13 de março de 2022, de forma virtual³⁶, sob o tema “A organização e a luta da classe trabalhadora por condições dignas de trabalho e vida”. O lema foi “Sejam fortes e corajosos” (Dt 31,6)³⁷.

Outra movimentação bastante conhecida e presente em várias dioceses do Brasil é o *Grito dos(as) excluídos(as)*. Esse encontro geralmente ocorre no dia 07 de setembro de cada ano, envolvendo diversas Pastorais Sociais das dioceses e/ou paróquias, e não somente a PO. A edição de 2022 insere-se no contexto dos 200 anos da (in)dependência do Brasil e teve como tema “Vida em primeiro lugar”. O seu lema, consideravelmente provocativo/reflexivo, foi: “Brasil, 200 anos de (in)dependência. Para quem?”.

Por fim, destaca-se também a chamada *Campanha “Acidente de trabalho não é culpa da vítima”*. Com duração temática de um ano, ocorrida de 28 de abril de um ano ao outro, essa data foi escolhida pelo fato da Organização Internacional do Trabalho (OIT - ONU) ter instituído, em 2003, a data de 28 de abril como o Dia Mundial de Segurança e Saúde no Trabalho. O tema escolhido para a última Campanha concluída (2021-2022) foi “Covid19 é doença do trabalho”. Isso se deu porque se compreende que a pandemia se relaciona diretamente com a realidade laboral, pois muitas pessoas adquirem-na ou no ambiente onde trabalham ou no trajeto para ele, equiparando-se por lei ao acidente de trabalho. Desse modo, essa Campanha visou conscientizar a sociedade para o fato de que as pessoas acometidas por Covid-19 devem ter os direitos e deveres trabalhistas e previdenciários

36 Uma síntese sobre o que ocorreu encontra-se disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/2022/03/17/sintese-geral-da-20a-assembleia-nacional-da-po/>. Acesso em: 07 set. 2022.

37 O Texto-base da edição encontra-se disponível em: https://pastoraloperaria.org.br/wp-content/uploads/2021/11/PO_Texto-base_20a-Assembleia-Nacional.pdf. Acesso em: 07 set. 2022.

garantidos e aplicados como qualquer outro acidente ou doença do trabalho³⁸. A atual Campanha, finalmente, tem como tema “Atuemos juntos!” e foi lançada em 28 de abril na sede do Regional Sul 1 da CNBB. Segundo expresso pela própria PO, acerca da Campanha em vigor e sua temática,

trabalho digno é direito de todos e todas e reflete a importância da união entre todas as categorias de trabalhadores/as, sejam formais ou informais para o desenvolvimento de uma gestão segura em Segurança e Saúde no Trabalho para a redução da ocorrência de doenças e acidentes do trabalho. A campanha aborda também a campanha da Fraternidade de 2022 (Fraternidade e Educação) e a importância da formação e capacitação dos trabalhadores e trabalhadoras³⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se pode expor ao longo deste artigo, a PO se revela como uma pastoral social fundamental. Necessitando de novo ardor em diversas dioceses e regiões do Brasil, ela tem procurado se reestruturar e tem desenvolvido um consistente trabalho em tantos outros lugares do país⁴⁰.

Diversos subsídios formativos encontram-se disponíveis no site da PO e, no âmbito da CNBB, o Regional Sul I parece estar desenvolvendo um trabalho mais sistemático, com uma comunicação mais atuante. As redes sociais da PO têm divulgado diversas movimentações recentemente, em especial no contexto dos preparativos e sínteses da Assembleia Nacional em várias dioceses e Estados e do Grito dos(das) excluídos(excluídas). Isso é um importante sinal da perene e também atual vitalidade dessa pastoral social da Igreja no Brasil.

A fundamentação teológica das Pastorais Sociais é indiscutível, como se pode ver à luz da Doutrina Social da Igreja, do mistério trinitário e da encarnação de Jesus. Como bem expressa a CNBB (2008), “inserida nas situações concretas da sociedade humana e vivendo o mistério da encarnação, a Igreja sente-se solidária com toda a humanidade e com sua história. A missão das Pastorais Sociais é, igualmente, evangelizar encarnando-se”.⁴¹

Desse modo, a articulação e atuação da PO como uma pastoral social específica se faz sempre mais necessária e bem-vinda. Como explicou o Papa Francisco (2017, s/p), “sempre houve uma amizade entre a Igreja e o trabalho, a partir de Jesus trabalhador. Onde houver um trabalhador, ali estarão o interesse e o olhar de amor do Senhor e da Igreja”. E a isso se acrescenta o que afirma a CNBB em suas atuais diretrizes para a ação evangelizadora no Brasil: “A solidariedade com quem sofre as consequências do desemprego e do trabalho precário é, pois, uma expressão importante de caridade, devendo se manifestar pela atuação organizada dos cristãos leigos e leigas”⁴²

Diante de tais considerações, por fim, destaca-se a importância das pastorais sociais na Igreja, como é o caso específico da Pastoral Operária, fazendo-se ainda mais iluminadoras as palavras do profeta, que diz: “Administrai a justiça e livrai o explorado da mão do opressor” (Jr 21,12).

38 Sobre essa Campanha, consultar: <https://cnbbsul1.org.br/32847-2/>. Acesso em 07 set. 2022.

39 Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/2022/04/25/https-pastoraloperaria-org-br-2022-04-25-campanha-contra-ntes-de-trabalho/>. Acesso em: 07 set. 2022.

40 Segundo consta no item PO no Brasil do site da Pastoral Operária, ela está presente em pelo menos 15 Estados do país. Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/>. Acesso em: 07 set. 2022.

41 CNBB. *A missão da pastoral social*, número 2, p. 36-37.

42 CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*, n.106.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELAM. *Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A missão da pastoral social: número 2*. Coordenação da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mensagem ao povo brasileiro: 59ª Assembleia Geral da CNBB*. 29 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-povo-brasileiro-fe-esperanca-compromisso-vida-brasil/>. Acesso em: 07 set. 2022.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 07 set. 2022.
- FRANCISCO. Prefácio. In: DOCAT. *Como agir?* São Paulo: Paulus, 2016a.
- FRANCISCO. Entrevista concedida a Eugênio Scalfari. *La Repubblica*. 11 nov. 2016b. Disponível em: https://www.repubblica.it/vaticano/2016/11/11/news/scalfari_papa_francesco_trump_no_lo_juzgo-151826657/. Acesso em: 07 set. 2022.
- FRANCISCO. *Visita pastoral do papa Francisco a Gênova*. Encontro com o mundo do trabalho. Discurso do Santo Padre. 27 maio 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170527_lavoratori-genova.html. Acesso em: 07 set. 2022.
- JOÃO PAULO II. *Laborem exercens: carta encíclica sobre o trabalho humano, no 90º aniversário da Rerum novarum*. 14 set. 1981. Petrópolis: Vozes, 1981. (Documentos pontifícios)
- JOSAPHAT, Frei Carlos. *Evangelho e revolução social*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- LEÃO XIII. *Rerum novarum: carta encíclica sobre a condição dos operários*. 15 de maio de 1981. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1965. (Voz do Papa)
- MESSIAS, Elvis Rezende. *130 anos da Rerum novarum: uma encíclica sempre atual, um tesouro a redescobrir*. 14 maio 2021a. Disponível em: <http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/noticias/noticias-arquivo/2129-130-anos-da-rerum-novarum-uma-enciclica-sempre-atual-um-tesouro-a-redescobrir>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- MESSIAS, Elvis Rezende. A pastoral deve voltar a Jesus: inspirações e provocações a partir da obra de J. A. Pagola. *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 40-50, 2021b.
- MESSIAS, Elvis Rezende. CRUZ, Dom Pedro Cunha. *O Evangelho Social: manual básico de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2020.
- PASTORAL OPERÁRIA. 2022. *Quem somos?* Disponível em: <https://pastoraloperaria.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 set. 2022.
- PAULO VI. *Populorum progressio: carta encíclica sobre o desenvolvimento dos povos*. 26 mar. 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 07 set. 2022.
- PAULO VI. *Evangelii nuntiandi: carta encíclica sobre a evangelização no mundo contemporâneo* (8 dez. 1975). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 07 set. 2022.
- PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RODRIGUES, Cátia Regina. D. Paulo Evaristo Arns e as pastorais sociais. *Projeto História*, São Paulo, n. 37, p. 319-328, dez. 2008.
- SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

SANTA SÉ. *Gaudium et spes*: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: SANTA SÉ. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de bolso).

SOUZA, Ney de. Aspectos das raízes da Doutrina Social da Igreja. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (Orgs.). *Magistério e Doutrina Social da Igreja: continuidade e desafios*. São Paulo: Paulinas, 2016.

RESENHA


Revista Teopraxis

v. 39, n. 133, Passo Fundo,
p. 96-100, Jul./Dez./2022,
ISSN on-line: 2763-5201

DOI:dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i133.138

* Mestre em Educação, professora aposentada da Universidade de Passo Fundo (UPF), onde foi diretora da Faculdade de Educação - Faed e professora da Itepa Faculdades, na qual foi vice-diretora.

E-mail: selinamaria2017@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2044-4894>

Recebido em 02/10/2022

Aprovado em 09/11/2022

ITEPA FACULDADES: 40 ANOS REFLETINDO SOBRE EVANGELLIZAÇÃO

A Itepa Faculdades e o protagonismo
do Pe. Elli Benincá

Selina Maria Dal Moro*

PREÂMBULO

O texto que segue foi elaborado com o objetivo de oferecer aos leitores da revista *Teopraxis* indicativos sobre a história da Itepa Faculdades e sobre o protagonismo do professor e primeiro diretor desta casa de formação teológico-pastoral, o Pe. Elli Beninca. O texto é uma versão atualizada e ampliada da apresentação do livro produzido em homenagem ao Pe. Elli Benincá, intitulado *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização*, organizado pelos professores da Itepa Faculdades, Pe. Ivanir Antonio Rodighero e Selina Maria Dal Moro (p.15-19) e lançado ao público quando da realização pela Itepa Faculdades do I Seminário Nacional de Teologia Pastoral, em 29 de agosto de 2022.

INTRODUÇÃO: UM POUCO DE HISTÓRIA

Os documentos oficiais do Itepa, hoje Itepa Faculdades, registram que, em assembleia, presidida pelo Bispo Diocesano de Passo Fundo, Dom Urbano José Allgayer, no dia 9 de novembro de 1982, as Igrejas Particulares do Interdiocesano Norte, a saber, Passo Fundo, Erexim, Frederico Westphalen e Vacaria, representadas respectivamente por seus Bispos Diocesanos, Dom Urbano José Allgayer, Dom João Aloysio Hoffmann, Dom Bruno Maldaner e Dom Henrique Gelain, firmaram o documento que sancionava a criação do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo – Itepa. O novel Instituto, sediado em Passo Fundo, destinava-se ao ensino superior de Teologia, sendo orientado pelo objetivo da formação teológico-pastoral de presbíteros, religiosos/as e agentes de pastoral leigos/as para atuarem no contexto eclesial do Norte riograndense¹. A criação desta casa de formação teológica abriu uma aurora de esperança às Igrejas Particulares do Norte do Rio Grande do Sul.



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

1 ITEPA, *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo*, p.5-9.

Em 1996, a Diocese de Chapecó integrou a caminhada desta Instituição. Em dezembro de 2004 foi criada uma entidade jurídica própria: a Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades. Neste ano de 2022, a Itepa Faculdades celebra 40 anos de história. Bíblicamente, 40 anos lembram a trajetória do êxodo, tempo de gestação de um projeto novo de vida para os hebreus que sofriam as amarguras da escravidão. Aniversários são tempos e ocasiões plenos de graça para, em comunhão, avaliar e celebrar o caminho percorrido e, irmanados em um projeto comum, traçar perspectivas em vista do que nos interpelam o contexto atual e o Reino de Deus.

FAZER TEOLOGIA INSERINDO-SE NAS TRAMAS DA HISTÓRIA

Atenta às múltiplas necessidades pastorais, desde a sua origem, a Itepa Faculdades teve por linha mestra a realização de um fazer teológico inserido nas tramas da história, com o objetivo de refletir sobre a realidade da evangelização correlacionada com a prática socioeclesial. Neste sentido, tem-se presente a necessidade de lembrar que “uma das motivações para a criação do Instituto de Teologia e Pastoral - Itepa foi o desafio de pensar a relação teologia-pastoral de forma dialética”².

Assim, ao localizar no calendário a data do nascimento dessa Instituição, consagrada como “Berço de Esperança”, o leitor defronta-se, em primeiro lugar, com o objetivo fundante dessa casa de formação teológica: “atuar no processo de formação de presbíteros, religiosos e leigos para o serviço evangelizador junto ao povo de Deus da região norte riograndense”³. No movimento processual que levou à criação deste Instituto sobressai a ação de agentes sócio-eclesiais que, em busca de novos espaços de formação, contribuíram para o lançamento da pedra fundamental deste Instituto: o clamor dos seminaristas, da vida religiosa e dos leigos. Estas vozes somavam-se aos novos apelos pautados pela Igreja a partir do Concílio Vaticano II e pelas Conferências do Episcopado latino-americano, Medellín (1968) e Puebla (1979).

PE. ELLI BENINCÁ E A FUNDAÇÃO DA ITEPA FACULDADES

No peregrinar pela história em busca das raízes da Itepa Faculdades desvelou-se o legado teológico-pastoral do Pe. Elli Benincá, agente principal da sistematização de um arcabouço teórico-metodológico coerente com um fazer teológico comprometido com a causa de Jesus, o Reino de Deus, construído *participativamente*. Atento aos sinais do tempo, aos movimentos de renovação da Igreja Católica e das Igrejas Particulares do Norte riograndense, o Pe. Elli comungava com o conjunto dos agentes (presbíteros, seminaristas, religiosos/as) que arquitetavam o novo Instituto como espaço da “formação presbiteral e da reflexão teológica pautados no evento conciliar. Com destaque para a nova concepção da Igreja – Povo de Deus e o novo foco da evangelização: o Reino de Deus”⁴.

Visando a manutenção da história desta Instituição, que vem sendo construída há 40 anos, bem como a atualização na consciência coletiva da perspectiva apontada pelos princípios e objetivos consagrados desde a fundação da Itepa Faculdades e a intenção de iniciar a construção de um memorial da vida e da ação pastoral do Pe. Elli Benincá, a Direção e Professores da Itepa Faculdades disponibilizaram-se para organizar uma obra

2 Rene ZANANDREA; Rodinei BALBINOT, Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora, p.33.

3 Ata de criação do Itepa e nomeação do primeiro diretor. In: *Anais 1983-1986*, p.25.

4 Rene ZANANDREA; Rodinei BALBINOT, Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora, p.33.

que captasse, com a maior amplitude possível, os feitos desta Instituição e a trajetória teológico-pedagógica do Pe. Elli, intitulando-a *Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização*, editada pela EditoraUPF e posto à disposição do público em 29 de agosto de 2022. No processo de investigação, de escuta, de registro e sistematização dos achados que compõem o legado de Pe. Elli, consolidou-se no coração e na consciência dos agentes da investigação o sentido e a importância original de sua produção - ação teológico-pastoral, o que permite categorizá-lo como um “Clássico Regional”⁵. Tendo Jesus Cristo como Mestre, Pastor e Guia de sua vida e missão, com ele foi se configurando uma espiritualidade que tinha por horizonte o Reino de Deus pelo viés da libertação e da promoção humana. Ou, como diz José Antonio Pagola, “o Reino de Deus foi, sem dúvida, o núcleo central de sua pregação, sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda a sua atividade”⁶.

OS HORIZONTES INDICADOS PELO MESTRE JESUS

Que traços do ensinamento de Jesus o Pe. Elli incorporou em sua vida e missão? Jesus inseriu-se no meio do povo e assumiu o projeto do Reino de Deus como sua grande causa (Mc 1,14-15; Mt 4,17; 6,33; Lc 4,14-21). Jesus não andou pela Galileia fazendo discursos teológicos. Ele aproximou-se dos pobres e, a partir de seus contextos e de suas necessidades, foi ajudando-os a perceberem a presença amorosa de Deus. Não partia de Deus, mas da vida das pessoas. Jesus, também, não tinha por base o legalismo judaico. O Reino de Deus, na sua compreensão, era de vida digna, com vitalidade para todos (Jo 10,10). No Reino, Jesus encontrou o ponto de referência do seu agir, rezar, conviver, cuidar da vida e do ensinar com prazer, alegria e fé. Nele encontrava a unidade, o fascínio, a força apaixonante de colocar a sua vida a serviço e propor este projeto para a humanidade encontrar o caminho da realização.

Jesus organizou o grupo dos seus discípulos com posturas diversas. Fez o processo formativo tendo por referência o Reino de Deus. Desde o primeiro momento do chamado, Jesus envolveu os discípulos a permanecerem com Ele (Mc 3,14), a se empenharem na realização da vontade do Pai (Mt 6,10) e no serviço aos irmãos e irmãs (Jo 13,17). A participação efetiva no anúncio do Reino de Deus fez parte do processo formador do Nazareno, pois a missão era a razão de ser da vida comunitária (Mc 3,14-15; Lc 9,1-2; 10,1). Os discípulos foram acolhidos como amigos (Jo 15,15), enviados dois a dois para anunciar a chegada do Reino de Deus (Mt 10,7; Lc 10,1.9). Jesus corrigia-os quando erravam, querendo ser os primeiros (Mc 9,33-35; 10,14-15); desafiava-os quando eram lentos (Mc 4,13; 8,14-21); pedia-lhes que observassem os contextos (Mc 8,27-29; Jo 4,35; Mt 16,1-3); confrontava-os com as necessidades do povo (Jo 6,5; Mc 6,37); tinha momentos a sós com eles para instruí-los (Mc 4,34; 7,17; 9,30-31; 10,10; 13,3); era severo com a hipocrisia (Lc 11,37-53); interrogava-os mais do que dar respostas prontas (Mc 8,17-21); despertava a atenção deles para as coisas da vida, ensinando através de parábolas (Lc 8,4-8).

O ensino realizado por Jesus baseava-se no diálogo com todos e o cuidado com os últimos: conversou com a mulher Samaritana (Jo 4,1-42), com a mulher pega em adultério (Jo 8,1-11), com a mulher que sofria de hemorragia (Mc 5,25-34), com um grupo de leprosos de várias confissões religiosas (Lc 17,11-19), com endemoninhados pelo império romano (Mc 5,1-20) e até se admirou com a fé de um centurião romano (Lc 7,1-10). Segundo Marcos, Ele próprio se definiu como aquele que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate para muitos” (Mc 10,45). A grande preocupação era ensinar o caminho da vida com dignidade, cuidar dos doentes e libertar os alienados (endemoninhados).

5 Conceituação cunhada pelo Professor Doutor Claudio Almir Dalbosco – UPF.

6 José Antonio PAGOLA. *Jesus: aproximação histórica*, p.115.

Não nos consta a existência de algum outro homem antes de Cristo que tenha tanto amor, atenção e respeito para com os pobres, e se tenha interessado, incomodado, sacrificado para socorrer às necessidades, também dos indivíduos particulares, quanto Jesus. Nem sequer Sócrates, que gostava de se misturar ao povo nas praças e lugares públicos, mas que atraía sobretudo os aristocratas e filhos de aristocratas, os únicos com condições de dialogar com ele. Jesus, pelo contrário, era sobretudo procurado e seguido pelos pobres e desamparados⁷.

CAMINHANDO NAS TRILHAS DE JESUS DE NAZARÉ

Desde os anos dedicados à sua formação e na sua missão presbiteral, o Pe. Elli foi ao encaço do horizonte revelado por Jesus. Ou seja, tanto em sua missão presbiteral, quanto na sua lide educacional nos dois maiores espaços de sua atuação, na Itepa Faculdades e na Universidade de Passo Fundo, o “menino” nascido nas encostas de Severiano de Almeida/RS revelou-se fiel discípulo do filho da pequena Nazaré. Inspirando-se na prática de Jesus, reunia seus discípulos para o estudo, para a reflexão e para a oração. Como o bom pastor, sempre caminhou junto as suas ovelhas, seja de que cor fosse sua “lã. Junto a ele e sempre num processo formativo reuniam-se em diálogo brancos, negros, índios, caboclos, jovens, adultos e idosos. Para todos dirigia sua mensagem de paz e de estímulo.

Já referido anteriormente com um olhar atento ao passado, coletivamente construído em conjunto com o Pe. Elli no seguimento a Jesus Cristo e com o objetivo de garantir a continuidade e o avanço do pensamento teológico-pastoral desse “mestre de todos”, a Itepa Faculdades lançou em 29 de agosto de 2022 a obra acima citada e estruturada em três partes.

FAZENDO MEMÓRIA: ITEPA FACULDADES: 40 ANOS REFLETINDO SOBRE EVANGELIZAÇÃO

A primeira parte trata da vida e dos traços do pensamento do Pe. Elli Benincá. Estão inseridos nesta parte oito textos que têm como foco a vida e o perfil teológico-pastoral do Pe. Elli e seu protagonismo na criação da Itepa Faculdades, como resultado de minucioso estudo, de acurada consciência das necessidades culturais, religiosas e educacionais da região norte do Rio Grande do Sul (RS). Ele foi escolhido como seu primeiro diretor graças à perspicácia da Igreja em encontrar nele as capacidades indispensáveis do perfil adequado para dirigir a contento o Instituto recém-criado, cujos desafios e inquietações eram enormes.

A segunda parte resgata e reflete sobre a práxis de ensino do Pe. Elli Benincá na Itepa Faculdades, na ação pastoral e na Universidade de Passo Fundo - UPF. Os autores dos oito textos que compõem esta parte buscaram aproximar-se, de maneira didática e reflexiva, do legado pedagógico-metodológico que o Pe. Elli foi construindo e sistematizando em parceria com coletivos que, com ele, buscavam um itinerário educativo promotor da formação humana integral. Categorias históricas do dicionário educacional, tais como observação, registro, relatório, planejamento, método, participação, diálogo, escuta, pesquisa, espiritualidade, articulados pelo objetivo de promover a formação e a libertação humana imprimiram novos contornos à prática pedagógica e passaram a dar forma à Metodologia-Histórico Evangelizadora - MHE, que hoje sustenta e dá a orientação à práxis pedagógica da Itepa Faculdades.

⁷ Pedro DALLE NOGARE. *Humanismo e anti-humanismo*, p.45.

A terceira parte coroa a obra com uma palavra-depoimento de pessoas que conviveram e trabalharam junto ao Pe. Elli Benincá. São ex-alunos, amigos, colegas, familiares que, ao longo da sua frutífera jornada com ele partilharam a vida, as opções e o trabalho em favor do Reino de Deus.

Testemunhando respeito à memória do Pe. Elli Benincá, às lembranças e aprendizagens realizadas pelos seus companheiros de jornada formativa e teológica, coloca-se a obra produzida pela Itepa Faculdades à disposição do amigo leitor/a com votos de que os reflexos que emanam de sua memória iluminem a caminhada espiritual de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALLE NOGARE, Pedro. *Humanismo e anti-humanismo*. 10.ed., Petrópolis: Vozes, 1985.

ITEPA. Ata de criação do Itepa e nomeação do primeiro diretor. In: *Anais 1983-1986* Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo Itepa. 1986.

ITEPA. *Constituições do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo*.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. 7.ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

ZANANDREA, Rene; BALBINOT, Rodinei. Prática pastoral e fazer teológico na perspectiva histórico-evangelizadora. In: MEZADRI, Neri; ZANADREA, Rene (orgs) e alli. *MHE Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*. Passo Fundo: Berthier Gráfica Editora, 2008.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Título: Itepa Faculdades: 40 anos refletindo sobre EvangELLização

Organizadores: Ivanir Antonio Rodighero e Selina Maria Dal Moro

Ano: 2022

Editora: EDIUPF

Local: Passo Fundo

ISBN: 978-65-997253-2-6

Páginas: 401 páginas